1E05 21.26
215 3.00

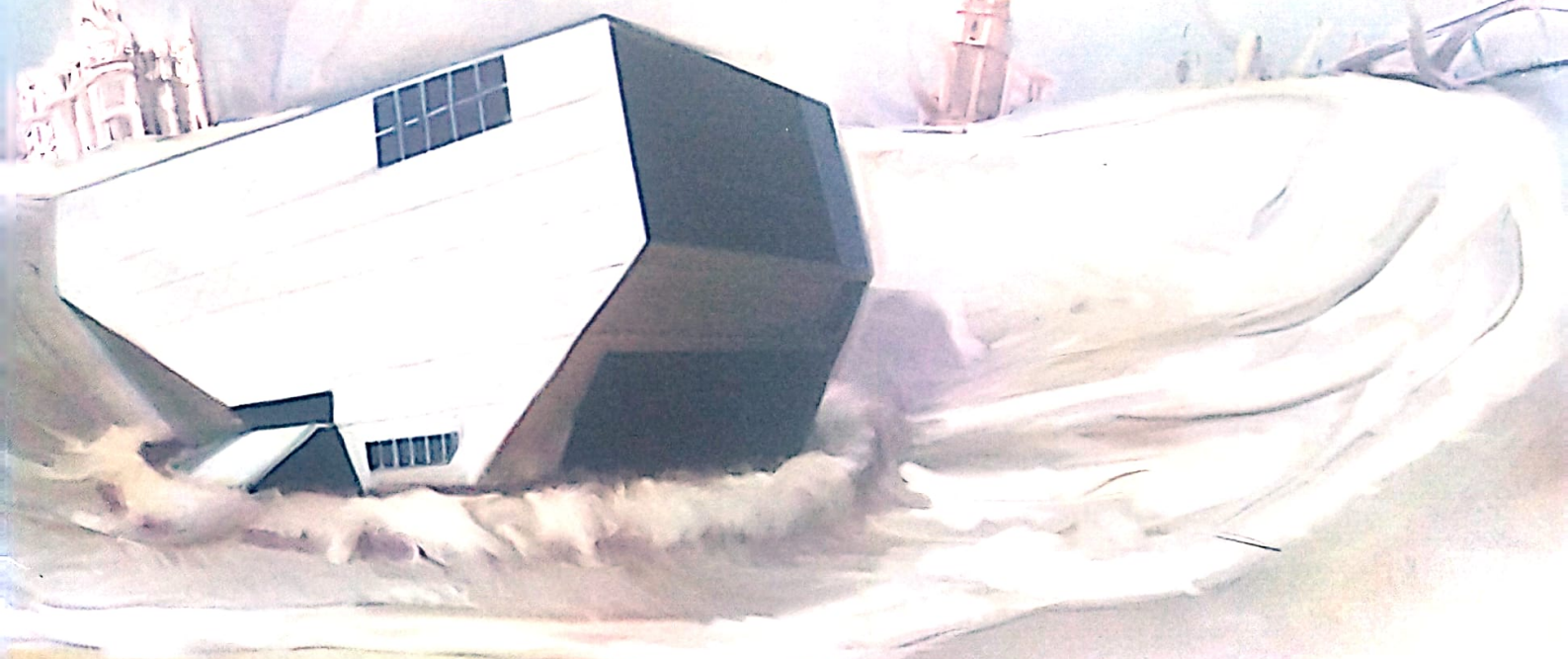
Atlântico

REVISTA MENSAL DE IDEIAS E DEBATE | ANO 2 | NÚMERO 15 | JUNHO DE 2006

Quem vai ganhar este Mundial de Futebol?

MARIA FILOMENA MÓNICA ARRASA A CASA DA MÚSICA

CAIU UM METEORITO NO PORTO



OPUS DEI CONTRA "O CÓDIGO DA VINCI"
POR PEDRO GIL

FERNANDO SOBRAL CRITICA MANUEL MARIA CARRILHO E DIZ QUE O LIVRO PUBLICADO É UM ROMANCE LIGHT

PEDRO ADÃO E SILVA AVISA JOSÉ SÓCRATES PARA OS DANOS ELEITORAIS DA ESTRATÉGIA DE CONFRONTO

JOÃO LUIZ NEVES ESCREVE DO BRASIL SOBRE TODAS AS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS DOS MOTINS EM S. PAULO

O 25 DE ABRIL DE SALAZAR

5 601073 094191 00015

Agora, os bons momentos não têm limites.

Junte os Aditivos Vodafone ao seu tarifário e comunique mais.

Aditivo Fim-de-Semana:

fale a **0 cênt.** para a Vodafone aos sábados, domingos e feriados nacionais.

(Adesão: €10/mês)

Aditivo SMS:

envie mensagens para todas as redes a preços reduzidos.

Aditivo Internacional:

fale a 29 cênt. por minuto para mais de 60 países.

Ligue 1277 (gratuito) e escolha os seus.

Viva o momento.
now

vodafone

Sumário

NÚMERO 15 | JUNHO DE 2006 | CAPA DE LUCY PEPPER

2 EDITORIAL

4 NOTAS DISPERSAS

6 VERDADE E CONSEQUÊNCIA
O ministro que fala espanhol
Por Paulo Pinto Mascarenhas

8 DIÁRIO
O Socialismo e a Gaveta
Por Pedro Adão e Silva

9 CARTOON O Sócrates
Por Lucy Pepper e Alexandre Borges

10 LÍDERES DE OPINIÃO
Os Choques Que Faltam Por M.Fátima Bonifácio
F. C. Porto Por J.Marques de Almeida
Uma Oposição De Direita Por Rui Ramos
Desfocados Por Vítor Cunha
Ele Está Entre Nós Por Vasco Rato
O Monstro Está Vivo Por Luciano Amaral

16 TEMA DE CAPA
Caiu um Meteorito no Porto
Por Maria Filomena Mónica

19 SPEAKEASY
Sobre Arquitectos e Modernistas...
Por João Pereira Coutinho

20 ENSAIO
O 25 de Abril de Salazar
Por Rui Ramos

23 COLUNA SOCIAL
Eles, os Políticos
Por Pedro Lomba

24 ANTEVISÃO
O Mundial de Futebol Por Jorge Madeira

27 IN PARTIBUS
Por Paulo Tunhas

28 DEBATE
A Opus Dei e o Código Da Vinci
Por Pedro Gil

O Mistério da Santíssima Trindade

30 CORRESPONDENTES DE GUERRA
Henrique Burnay em Bruxelas; Nuno Garoupa em Madrid; André Azevedo Alves em Londres; Constantino Xavier em Nova Deli; Sérgio Coimbra em Washington; João Luiz Neves no Rio de Janeiro

36 POLÉMICA
O Ilusionismo Político de Carrilho
Por Fernando Sobral

38 GOSTOS *Livros, filmes, discos, artes plásticas*

42 LIVRO DE CABECEIRA
Por José Manuel de Morais Cabral

49 HUMILHADOS E OFENDIDOS
Por Alexandre Soares Silva

50 DESTE MUNDO E DO OUTRO
55 EU HOJE ACORDEI ASSIM
Por Carla Hilário Quevedo

59 FIGURAS DE ESTILO
Por Francisco Mendes da Silva

60 ROTEIRO ATLÂNTICO
62 VIAGEM

64 CONFISSÕES - FAMÍLIA
Maria Filomena Mónica

O CÓDIGO DO OPUS DEI

Paulo Pinto Mascarenhas

"O Código Da Vinci" motivou um debate que fazemos questão de prosseguir na revista Atlântico. Para isso, convidámos Pedro Gil, Director do Gabinete de Informação do Opus Dei em Portugal, a explicar as razões que levaram a instituição da Igreja Católica a opor-se a uma obra de pura ficção. Ainda que possa ter outras pretensões, o filme não é mais do que um produto comercial, baseado num romance que foi um estrondoso sucesso de vendas, desde logo no nosso país, apesar da reacção negativa da crítica.

Para além do retrato caricatural - no livro, como no filme, um monge albino do Opus Dei percorre o mundo a assassinar todos aqueles que procuram descobrir a "verdade" escondida pela Igreja Católica sobre a descendência de Jesus Cristo e Madalena -, quais os motivos que justificam tal atitude? Não serão contraproducentes os comentários? Não estarão deste modo a conceder alguma respeitabilidade às teses de Dan Brown, contribuindo para a divulgação do filme e da sua versão gnóstica da história do cristianismo?

A resposta a estas e outras perguntas deu origem ao artigo de opinião publicado nas páginas 38 e 39. Como reconhece Pedro Gil, "resolvemos aproveitar uma publicidade que não desejámos, para informar". Acusada por produtores, realizadores e até actores de boicotar uma obra artística e apelar à censura, a prelatura católica garante pretender unicamente expressar preocupação pela "mistura irresponsável de ficção e realidade", de factos reais e falsificações rudimentares, usando o tempo de antena disponível para comunicar "sobre a realidade de Cristo e da Igreja - e, nesse contexto, do Opus Dei".

Com evidente profissionalismo, os respectivos gabinetes de informação estabeleceram uma estratégia coordenada de comunicação internacional que recusou desde o início qualquer tipo de agressividade: "ninguém pretendia falar de censuras nem proferir ameaças". Pedia-se "apenas" à Sony, a produtora do filme, que "evitasse ofender os cristãos", inserindo um aviso no início da exibição em que se esclarecesse que qualquer semelhança com a realidade seria pura coincidência.

Esperava-se também que a polémica decorrente fosse utilizada para dar a conhecer o "Opus Dei real" e algumas das suas principais iniciativas. Como aconteceu. No site altamente eficaz da instituição - só em 2005 recebeu mais de um milhão de visitantes -, pergunta-se num texto: "Precisa de alguém para falar sobre o Opus Dei num colóquio, ou num acto de outro tipo, sobre 'O Código da Vinci'?"

A instituição católica chegou ao pormenor revelador de criar um blogue dedicado à questão, "uma tentativa de oferecer conteúdos sérios e de qualidade, com um estilo amável, sobre o romance e o filme." Leia-se o que se segue: "Rebater um romance e um filme é de certo modo combater com o fumo. Se o enfrentamos com luvas de boxe, ficamos ridículos. O bom humor funciona." Nada de censuras ou de ameaças. Bem pelo contrário, abertura total ao debate, como comprova a imediata resposta positiva de Pedro Gil ao nosso convite.

Goste-se ou não deste mediatismo católico, de que é exemplo a política dos três "pés" - ser positivo, profissional e polido na abordagem do tema -, repare-se na diferença substancial em relação a acontecimentos recentes. Não é preciso recuar mais do que quatro meses para nos lembrarmos do que foi a resposta islâmica aos cartoons de Maomé. As reacções de extrema violência e as ameaças de morte proferidas em diversos países muçulmanos, os apelos à auto-censura em nome de "valores mais altos", o silêncio cúmplice ou o pedido de desculpas por parte das autoridades ocidentais, os argumentos condescendentes nos meios de comunicação social para justificar o injustificável.

Em causa, nos cartoons como no filme "O Código Da Vinci", estão crenças religiosas que terão sido ofendidas pela liberdade de expressão e de criação artística. As semelhanças terminam aqui. De resto, é todo um mundo que separa os dois episódios. Não se espera - e ainda bem - que qualquer governo, incluindo o português, "lamente e discorde" da exibição do filme. Nem muito menos que algum ministro peça à Sony para não confundir liberdade com licenciosidade. ●

Atlântico

www.revista-atlantico.com

DIRECTOR
PAULO PINTO MASCARENHAS
ppm@revista-atlantico.com

CONSELHO EXECUTIVO
JOÃO MARQUES DE ALMEIDA, LUCIANO AMARAL, RUI RAMOS E VASCO RATO

CONSELHO EDITORIAL
ANDRÉ AZEVEDO ALVES, ANTÓNIO NOGUEIRA LEITE, CONSTANÇA CUNHA E SÁ, JOÃO MARQUES DE ALMEIDA, JOÃO PEREIRA COUTINHO, JOSÉ MANUEL MORAIS CABRAL, LEONARDO MATHIAS, LUCIANO AMARAL, M. FÁTIMA BONIFÁCIO, MANUEL FALCÃO, MIGUEL MONJARDINO, NUNO GAROUPA, PAULO P. MASCARENHAS, PAULO TUNHAS, PEDRO FERRAZ DA COSTA, PEDRO LOMBA, PEDRO MARQUES LOPES, RUI RAMOS, VASCO RATO, VÍTOR CUNHA

PROJECTO GRÁFICO: JORGE COLOMBO
REVISÃO: MARIA ATHAYDE

COLABORAM NESTE NÚMERO
ADOLFO MESQUITA NUNES, ALAÍDE COSTA, ALEXANDRE SOARES SILVA, ANDRÉ AZEVEDO ALVES, ALEXANDRE BORGES, ALEXANDRE SOARES SILVA, BERNARDO PIRES DE LIMA, BRUNO ALVES, BRUNO CARDOSO REIS, CARLA HILÁRIO QUEVEDO, CONSTANÇA CUNHA E SÁ, CONSTANTINO XAVIER, FÁTIMA VIEIRA, FERNANDO SOBRAL, FRANCISCO MENDES DA SILVA, FRANCISCO TRIGO DE ABREU, HENRIQUE BURNAY, HENRIQUE RAPOSO, INÊS TEOTÓNIO PEREIRA, JOÃO LUIZ NEVES, JOÃO MARQUES DE ALMEIDA, JOÃO PEREIRA COUTINHO, JORGE MADEIRA, JOSÉ MANUEL DE MORAIS CABRAL, LUCIANO AMARAL, MANUEL FALCÃO, M. FÁTIMA BONIFÁCIO, MARIA FILOMENA MÓNICA, NUNO AMARAL JERÓNIMO, NUNO COSTA SANTOS, NUNO GAROUPA, NUNO SENA, PAULO TUNHAS, PEDRO GIL, PEDRO LOMBA, PEDRO MARQUES LOPES, RITA BARATA SILVÉRIO, RICARDO GROSS, RODRIGO MOITA DE DEUS, RUI RAMOS, SÉRGIO COIMBRA, TIAGO CAVACO, TIAGO GERALDO, VASCO RATO E VÍTOR CUNHA

CARTOONS
LUCY PEPPER (ILUSTRAÇÃO)
E ALEXANDRE BORGES (TEXTO)

ILUSTRAÇÃO
JOSÉ PEDRO ABREU, LUCY PEPPER, FERNANDO MARTINS

EDIÇÃO ON-LINE
TELEFONE: 21 3928862
ppm@revista-atlantico.com

CONTRIBUINTE Nº 507594924
PROPRIETÁRIO E EDITOR
COSTORIENTAL SOCIEDADE EDITORA LDA

IMPRESSÃO – MIRANDELA, ARTES GRÁFICAS, S.A.
RUA RODRIGUES FARIA, Nº 103, 1300-501 LISBOA
DISTRIBUIÇÃO – LOGISTA PORTUGAL, DISTRIBUIÇÃO DE PUBLICAÇÕES, S.A., RUA REPÚBLICA DA COREIA, Nº 34, RANHOLAS, 2714-526 MEM MARTINS

PERIODICIDADE: MENSAL
TIRAGEM DESTE Nº: 10 000 EXEMPLARES
DEPÓSITO LEGAL: 226062/05
ISSN: 1646-2130

Atlântico
REVISTA DE IDEIAS E DEBATE

DECLARAÇÃO DE ESTADO DE SÍTIO

1. Estado de direito que nasce torto, será que alguma vez se endireita? Afirmamos, exclamamos, questionamos. Sempre com voz activa, contra a passividade própria de uma democracia livre e, por isso, tantas vezes acomodada.

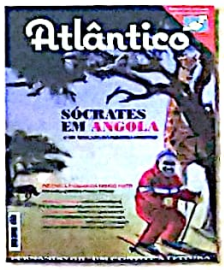
2. Vivemos em permanente estado de emergência. Emergência de opinar, de confrontar, de dividir e de reunir talentos. Da política, da economia e da cultura. Massa crítica, que nada tem de cinzenta.

3. O nosso estado de espírito é aberto à multiculturalidade, à multimparcialidade, ao multiliberalismo e ao multipluralismo.

4. Queremos estimular o estado de choque. Porque é através da tempestade de ideais que nasce a bonança de ideias.

5. Não defendemos estados de graça. Mas, no actual estado de coisas, há gente com tanta piada...

DECLARAÇÃO DE INTENÇÕES DE ASSINATURA



☑ SIM, desejo ser membro exclusivo do Estado-Maior da livre iniciativa, da democracia liberal, dos valores atlânticos e da cultura plural.

Assino a revista Atlântico e garanto que não perco um único número.

Todos os meses serei surpreendido pela imprevisibilidade – sempre irónica – de reconhecidos intelectuais, jornalistas e cartoonistas.

Recebo, comodamente em casa, os próximos 12 números pelo valor de €36. portes grátis

Resido fora de Portugal, pago os portes no valor de ☐ Europa: €25,56 ☐ Resto do Mundo: €37,44 ☐ Regime Especial*: €33,84
*Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe e Timor-Leste

Nome _____

Morada _____

Cód. Postal ____ ____ _____

Tel. _____ Nº Contribuinte _____

FORMAS DE PAGAMENTO

☐ Pago por **Transferência Bancária** o valor acima indicado, para o NIB 0032 0701 0020350953 572 do Banco Barclays Bank. Anexo o comprovativo da transferência

☐ Pago com **Cheque** o valor acima indicado. Junto envio cheque à ordem de **COSTORIENTAL Sociedade Editora, LDA.**

Envio o Cupão de Assinatura por correio para: Av. Duque d'Ávila, Nº 46, 5º 1050-083 Lisboa
Apoio ao Assinante: assinaturasatlantico@one-to-one.pt • Tel.: 210 115 103

O Mês

NOTAS DISPERSAS

Protestos de extrema-direita contra a globalização, protestos esotéricos do presidente do Irão enviados por carta ao homólogo Bush, protestos socialistas do PSD de Marques Mendes e protestos nossos contra a extraordinária intenção de beatificar Julius Nyerere...

O Partido Nacional Renovador montou um protesto em Vila de Rei (distrito de Castelo Branco) contra a vinda, programada pela câmara local, de um conjunto de famílias brasileiras, com o objectivo de passarem a residir no concelho. A decisão da presidente Irene Barata liga-se com um problema recorrente: a necessidade de mão-de-obra para certas actividades e respectiva escassez, pelo menos quando se trata de mão-de-obra nacional. O que é ainda mais evidente no interior do país (como é o caso), sobre o qual há muito que se fala de "desertificação". Barata estabeleceu acordos com certas empresas locais carentes de mão-de-obra e mandou vir as famílias brasileiras. Não há grande problema em encetar medidas do género, embora se adivinhe que as expectativas das famílias quanto a construírem uma vida estável em Vila de Rei venham a ser defraudadas a breve prazo. Mais interessante foi, de facto, a reacção do PNR. Com o slogan piadético alusivo à presidente, "Barata tonta és uma afronta", o PNR bramiu contra a "colonização" do território português, causada pela "globalização", o "capitalismo selvagem" e a utilização de "mão-de-obra escrava". Sempre foi bom ver como o BE, o PCP e tanta gente no PS se encontra tão bem acompanhada, pelo menos no que toca a encontrar culpados para o estado do mundo.

Continua a novela iraniana. No mais recente episódio, o presidente Ahmadinejad enviou uma carta ao presidente Bush. Sobre o programa nuclear do país? Não. Sobre as tragédias do mundo e respectivas causas. Em mais uma curiosa coincidência, essas causas eram muito idênticas às da esquerda mundial, nomeadamente quando se trata de denunciar a "mentira das armas de destruição maciça" no Iraque, a "prisão de inocentes" no campo de Guantánamo, a "tortura" em Abu Gharib e o tradicional libelo lançado aos EUA. Isto no meio das já típicas invectivas anti-Israel e de mais umas larachas, que podiam ter sido escritas por uma qualquer ONG, sobre a pobreza no mundo. Nem sequer faltaram as teorias da conspiração acerca da "verdadeira" autoria do 11 de Setembro. Constatando o estado lamentável do que é o "Ocidente" hoje em dia, Ahmadinejad decidiu gozar o pratinho. De resto, o criativo de Teerão não anda sozinho. Nas suas magníficas visitas à Europa, têm-no coadjuvado os amigos latino-americanos Hugo e Evo, que a última vez que foram vistos estavam entre grandes aplausos e abraços da esquerda europeia.

Entretanto, o Ocidente vive em estado de perfeita esquizofrenia. Nos últimos anos, grande parte da opinião pública ocidental e muitos dos seus governos entretiveram-se a demolir, a pretexto de tudo e de nada, o "texano tóxico", o "Hitler de Washington", o "novo imperador", o "Estaline do Texas" (recorde-se a comparação entre Guantánamo e o gulag). Só há um país ocidental capaz de responder ao Irão: os EUA. Como é que agora todos aqueles que andaram a denunciar esta praga que caiu sobre a terra podem pedir-lhe que nos ajude a livrar-nos da ameaça nuclear iraniana? Não podem. E os EUA também não podem fazer nada. Por enquanto, anda tudo calado, mas mal Washington iniciasse qualquer acção determinada, logo recomeçaria a vociferação contra a "barbárie americana". É este o estado do Ocidente dos cartoons de Maomé.

A propósito de cartoons de Maomé, chegou "O Código Da Vinci", o filme, de Ron Howard, baseado no livro homónimo de Dan Brown. Ambos se dedicam ao fim blasfemo de demonstrar que a Igreja Católica e o Opus Dei pouco mais são do que organizações vagamente mafiosas, cujo principal objectivo é impedir a divulgação do segredo descoberto por um suposto Priorado de Sião, segundo o qual Jesus Cristo casou com Maria Madalena e teve descendentes - os quais teriam até estado na origem da dinastia franca merovíngia, existindo mesmo ainda alguns actualmente no sul de França. Onde estão agora as demonstrações de compreensão pela sensibilidade religiosa cristã? Talvez esteja na hora de os cristãos do mundo boicotarem produtos americanos, atacarem embaixadas dos EUA e queimarem umas bandeiras do país do Tio Sam. Pelo menos, juntavam-se a um grupo grande de indivíduos que se dedicam a essas actividades há já muito tempo.

Não sei se se recordam, mas quando Marques Mendes chegou à liderança do PSD definiu o partido do seguinte modo: "nós não somos liberais, nem conservadores, nem de direita, nem de esquerda. Somos sociais-democratas". Pouco mais de ano depois, está a afastar-se da sua definição. Com a transformação do PS, através do actual governo, num partido social-democrata, o PSD está a transformar-se num partido socialista. É esta a conclusão dos debates sobre as reformas sociais que o executivo pretende introduzir. E não deixa de ser espantoso.

Até dava para pensar que se tratava de uma anedota, mas não, é mesmo verdade: o Vaticano iniciou o inquérito para uma eventual beatificação de Julius Nyerere, o fundador e presidente da Tanzânia entre 1964 e 1985. A razão parece ser a sua profunda devoção católica, que se manifestava em inúmeros actos de piedade quotidiana. Mas Nyerere foi tudo menos católico naquilo que verdadeiramente importa, isto é, a forma como governou o país para cuja independência tanto contribuiu. Durante o seu consulado, a Tanzânia transformou-se num país monopartidário socialista, que reprimiu ferozmente os seus adversários. Ficou famosa a sua política económica, a Ujamaa, uma espécie de "socialismo africano", baseado no conceito de aldeia comunal. Para a concretização da Ujamaa, cerca de 10 milhões de indivíduos foram retirados do seu habitat, deportados e inseridos de forma compulsiva nessas novas aldeias comunais. Centenas de milhares morreram no processo e mais uns quantos milhões morreriam em consequência do desastre económico por ele trazido: a Ujamaa desorganizou todas as estruturas de produção anteriores, pelo que a Tanzânia de Nyerere se foi tornando num país cada vez mais pobre, até chegar a ser mesmo um dos mais pobres do mundo. Só haveria uma razão para beatificar este verdadeiro criminoso: o facto de se ter arrependido das suas políticas económicas no fim da carreira política. Mesmo assim, seria preciso adoptar uma concepção demasiado elástica daquilo que faz um santo.

O Mês

NOTAS DISPERSAS

...e ainda mais protestos de elevada consideração pela criação do Prémio Adelino Amaro da Costa, assim como os protestos do costume contra os EUA e mais um protesto da *Atlântico* a propósito da mistura entre o jazz de Carlos Martins e a voz de Carlos do Carmo

Carlos Martins, que em alguns momentos conseguiu ser uma referência no jazz português, voltou às trapalhadas e misturadas que nos últimos anos têm afligido a sua carreira e no seu disco "Do Outro Lado", associando-se a esse expoente do engano musical lusitano que é Carlos do Carmo. Duas conclusões: por um lado, Carlos Martins definitivamente passou-se para o outro lado; segundo, não se estragam duas casas. Lembre-se que Carlos do Carmo tornou-se notado nos últimos meses por ser o arauto de um filme propangandistico teoricamente sobre o fado realizado pelo decadente Carlos Saura e pago pelo erário público, no caso pela autarquia lisboeta. Tudo isto não pode ser fado português.

Está na moda afirmar que os grandes acontecimentos mundiais se dirigem invariavelmente contra os Estados Unidos. Fazem-se nacionalizações na América Latina, e o alvo é os Estados Unidos; a China e a Índia crescem economicamente contra os Estados Unidos; o Irão pretende ter armas nucleares por causa dos Estados Unidos e, por isso, um "Irão nuclear" será um problema norte-americano. Contra as euforias ideológicas, convém relembrar alguns dados. As empresas mais prejudicadas pela decisão de Morales são brasileiras e espanholas; os países europeus são os mais afectados pelo enriquecimento das novas potências asiáticas; antes dos Estados Unidos, afastados do Irão e com um grande poder militar dissuador, muitos outros países serão ameaçados por uma eventual capacidade nuclear iraniana.

Os imigrantes representam já 7% do PIB nacional e 4% da população portuguesa. É um facto, nada mais do que a verdade dos números. Mas é difícil ser verdade que esta seja uma tendência inevitável para salvar Portugal do "colapso demográfico" e de promover a importação de competências. A afirmação da bondade absoluta da vaga imigrante, promove uma recepção acrítica e anula qualquer desejo, ou obrigação, de assimilação, ou identificação, por parte dos "novos portugueses" com a história passada, presente e futura de Portugal. O cenário não promete. Uma população estrangeira, forte no número e na consciência da respectiva diversidade, pode ter mais uma visão meramente utilitária do país que a recebe, do que uma visão cidadã, de identidade e de serviço. O que não deixa de ser normal. Mas esta atitude, a generalizar-se, terá consequências graves para a preservação do modelo de sociedade e do regime político. Estranhamente, ninguém se questiona sobre se esta salvação do colapso demográfico não trará consigo a promoção do colapso democrático.

Hugo Chávez, a nova estrela da esquerda europeia, visitou este mês a cidade de Londres. Ken Livingstone, o mayor esquerdista do Old Labour que, em tempos, se incompatibilizou com Tony Blair, deu as boas-vindas ao presidente da Venezuela. Como bom anfitrião, e certamente deslumbrado pela presença deste amigo de Castro, elogiou o "programa progressista" seguido por Chávez. Em contrapartida, o Partido Conservador de David Cameron, acusando o venezuelano de ser um "novo Estaline", boicotou o encontro oficial. Face a esta manifestação de liberdade de expressão, Livingstone acusou os tories de terem "apoiado" Augusto Pinochet. Livingstone terá alguma razão. Chávez, que recentemente afirmou que irá convocar um referendo para se manter na presidência até ao ano 2035, é muito mais ambicioso do que Pinochet.

De assinalar e aplaudir a criação do Prémio Adelino Amaro da Costa, instituído este mês pelo Instituto com o mesmo nome. A notícia não é só o prémio em si, que será entregue a 18 de Abril de 2007 e irá atribuir 15 mil euros ao melhor trabalho sobre os "20 anos de Portugal na Europa". Não é só, mas também, porque o Instituto Democracia e Liberdade - Adelino Amaro da Costa resolveu para o efeito convidar um júri da mais alta craveira em que têm assento António Barreto, M. Fátima Bonifácio, Rui Ramos e Paulo Marques, sendo presidido por Marcelo Rebelo de Sousa. Para já, perdoem-nos a imodéstia, o concurso perde uma candidatura de peso, uma vez que a revista Atlântico não poderá concorrer, tendo em conta a constituição do júri, em que se inclui um membro do Conselho Executivo (Rui Ramos) e uma representante do Conselho Editorial (M. Fátima Bonifácio). Falta dizer que todas as outras possíveis candidaturas terão de ser entregues até ao final do ano.

O problema da "língua comum" dos povos é uma recorrência na vida diplomática. Desde sempre, foi prática de cidades ou países - inimigos uns dias e amigos à força outros -, justificarem as pazes com relações familiares e outras afinidades. É por isso que não devemos criticar facilmente ministros que vão à Galiza afirmar o impossível - que existe uma língua franca na Península Ibérica. Mais importante é todos sabermos por quem canta essa sereia.

RETRATO DE PORTUGAL ENQUANTO PORTUGAL
O Seleccionador Nacional

Verdade & Consequência

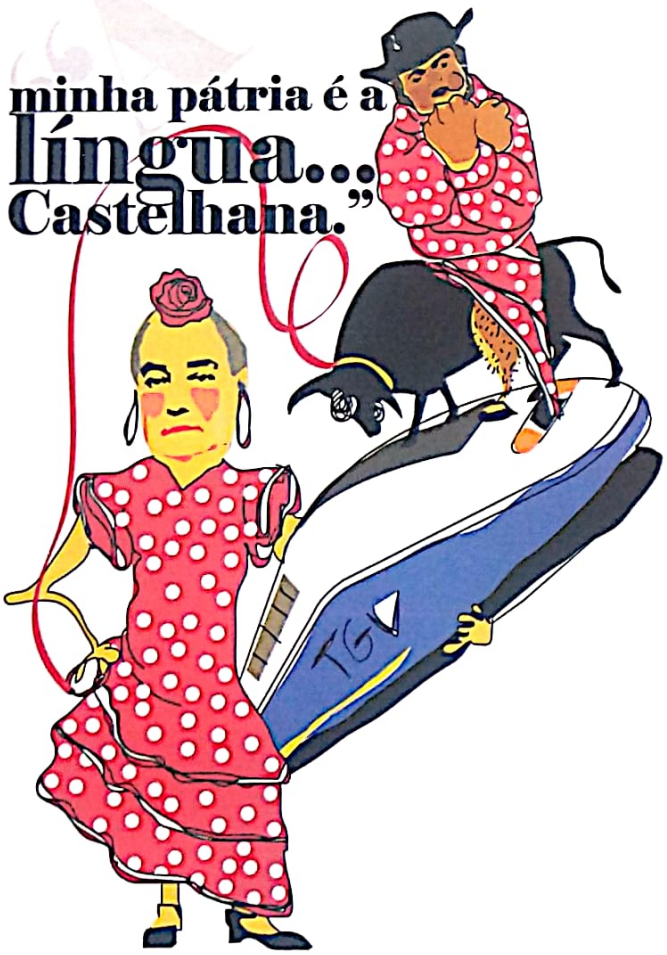
PAULO PINTO MASCARENHAS

ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ PEDRO ABREU

O QUE ACONTECEU?

"Un político portugués que se declara 'iberista confeso'". O título do jornal espanhol "Faro de Vigo" no dia 24 de Abril enunciava a polémica que se estenderia sobretudo nos blogues pelo mês de Maio em Portugal. O político português iberista confesso é o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações do Governo de José Sócrates. As palavras foram proferidas perante "unas 150 personas, en su mayoría cargos directivos de la Caixa Geral de Depósitos y de su filial el Banco Simeón", na cidade de Santiago de Compostela, em Vigo.

Mário Lino, o mesmo "político portugués" que viria a ser citado três dias depois no "Jornal de Notícias" por ter admitido na Galiza que a linha Porto-Vigo é "prioritária", confessava-se iberista durante uma conferência oficial,



O QUE DISSERAM OS COMENTADORES?

As declarações foram transcritas e saudadas em Espanha, desde logo em sítios electrónicos castelhanos como o Hispanismo.Org (www.hispanismo.org). Não receberam igual acolhimento em Portugal. Na habitual coluna de opinião na edição do "Expresso" de 6 de Maio, "Preto no Branco", Fernando Madrinha escreve não ser "concebível nem aceitável que um ministro português ignore o conceito a que corresponde a palavra 'iberismo' no discurso político", assim como não é "concebível nem aceitável que a use com a displicência e ligeireza com que o fez". Porque se "o cidadão Mário Lino pode ter as opiniões que bem entenda, mesmo as mais bizarras", já "o ministro português das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, esse devia ter esclarecido o país sobre essas convicções pessoais antes de aceitar o cargo".

O director da versão portuguesa do "Courrier International" rejeita as explicações de Mário Lino ao jornal "O Independente" de que falava do "iberismo" aplicado aos transportes, uma vez que não se percebe "o que

O QUE SE SEGUE?

O primeiro-ministro, em pessoa, saiu em defesa de Mário Lino: "o ministro disse que era iberista no sentido em que Portugal e Espanha precisam de ter uma visão conjunta no que diz respeito à gestão territorial, das infra-estruturas e dos recursos naturais".

No final da cimeira de chefes de Estado e de Governo da União Europeia e da América Latina, no passado dia 12 de Maio, José Sócrates garantiu que quando Mário Lino disse ser um "iberista" estava a referir-se aos interesses comuns aos dois países. O Chefe do Governo, que também recentemente informara os portugueses

Blog de Apontamentos

CITAÇÕES DA INTERNET PORTUGUESA

"Numa breve auscultação de qualquer dicionário qualificado, apercebemo-nos de que 'iberismo' é tributário do desejo de fusão entre Portugal e Espanha, assomando uma União Ibérica. As declarações são graves. Muito graves. Prevejo cataclismos"

Vítor Sousa, Estranho Estrangeiro, 28.04.06
(estrangeiros.blogspot.com)

"Numa Espanha cada dia mais plural, chamar-se 'iberista' é, no mínimo dos mínimos, bizarro. (E foi em Espanha - por ironia, logo na Galiza - que Mário Lino o declarou). Pode-se agradar a Madrid, claro"

Fernando Venâncio, Aspirina B, 29.04.06
(aspirinab.weblog.com.pt)

"Um leitor deste blogue, David Oliveira, chamou-me a atenção para estas declarações do ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações (...). Mário Lino não é ministro dos Negócios Estrangeiros. Dito isto, o que faz no Governo um iberista, i.e. um partidário da união ibérica?"

Paulo Gorjão, Blogulítica, 01.05.06
(bloguitica.blogspot.com)

em representação do Governo de Lisboa, sobre "el papel de las infraestruturas en el desarrollo del Noroeste Peninsular". O tema do discurso tinha como objectivo fundamental "resaltar la importancia de las relaciones que Portugal debe mantener con España para diseñar su red de infraestruturas".

Todas as frases do jornal "Faro de Vigo" são citadas no original, em espanhol, porque o ministro não se limitou a confessar o iberismo profundo. De acordo com o mesmo meio de comunicação social, Mário Lino deixou também o testemunho original sobre a "unidad histórica y cultural" entre Portugal e Espanha: "tenemos una historia común y una lengua comun". Mais: "Iberia es una realidad que persigue tanto el Gobierno español como el portugués". Traduzindo para os que entendam que a "lengua" - ou a língua - não são assim tão comuns, o que Lino defendeu em público foi que a "Ibéria é uma realidade que persegue tanto o Governo espanhol como o português".

Em declarações ao jornal "O Independente" de 5 de Maio, explicaria que as afirmações deveriam ser interpretadas no quadro do seu ministério e no contexto da política de transportes. O actual ministro do PS, antigo militante do PCP, acrescentou que "a visão ibérica de certas matérias não impede que cada país defenda os seus interesses" e que "os países estão de facto muito próximos, em cultura e língua mas também numa História feita de guerras e paz". Em resumo, não é só a língua portuguesa que pode ser traiçoeira, mas também a "lengua española". Por supuesto.

possa ter a ver com estradas, pontes ou comboios de alta velocidade a suposta 'unidade histórica e cultural', ou com a 'história e a língua comuns' que o ministro certamente inventou para sublinhar melhor o seu fervor iberista". Madrinha destaca ainda o insólito de tais palavras num momento em que a Espanha, tal como o jornal "Faro de Vigo" recorda, "é sacudida pelos debates sobre os estatutos autonómicos e sobre se o Estado se desmembra e se rompe como nação".

Se o colunista do "Expresso" entende que "alguém que se proclama 'iberista confesso' não deve integrar o Governo de um país cuja soberania foi conquistada precisamente contra as teses iberistas", Vasco Pulido Valente desvaloriza a importância da questão, que analisa como um simples episódio da disputa política, utilizada pelo CDS para tentar criar problemas ao primeiro-ministro e exigir a "remodelação" do Governo. Na última página do "Público" de 12 de Maio, escreve que a intervenção de Lino, ao declarar-se iberista e ao julgar que há na Ibéria uma "língua comum", revela pouco mais que "uma fé inócua e uma asneira extravagante".

Pulido Valente entende ter este mesmo episódio apenas interessado ao CDS, que através de António Pires de Lima pediu esclarecimentos ao primeiro-ministro sobre as declarações de Mário Lino. "Não acho normal que um ministro em representação do Estado português se afirme como iberista convicto", tinha afirmado o deputado popular. Já Nuno Rogeiro, na revista "Sábado" de 11 de Maio, lembra que "noutros tempos, Cavaco declarava não gostar que os ministros 'andassem por aí a falar'. Tinha razão." Para o comentador, que "o novo Pombal, Mário Lino, se sinta 'iberista' é com ele". Não pode, acrescenta, é "falsificar os factos, e afirmar que nos une, na península, 'uma língua comum'. Pergunte, por exemplo, aos bascos, galegos e catalães. Se não quiser, claro, perguntar aos portugueses". Vale a pena perguntar?

sobre a prioridade da política externa - "Espanha, Espanha, Espanha" - acrescentou que "a ninguém em Portugal passa pela cabeça que nós planeemos a nossa rede de auto-estradas ou a nossa rede de alta velocidade sem falar" com o país vizinho. Depois de PSD e CDS terem acusado o ministro de pôr em causa "a soberania nacional", com os populares a exigir a sua presença na Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias, o responsável pela pasta das Obras Públicas e Transportes afirmou-se disposto a explicar perante o parlamento porque se afirmou "iberista confesso".

"Nunca me passou pela cabeça que alguém fosse interpretar a minha expressão 'iberista' como se eu estivesse a defender a junção de Portugal e Espanha" - disse Mário Lino à TSF. A junção será assim apenas rodoviária, a começar pela linha Porto-Vigo. O novo modelo de iberismo limita-se nesta versão aos carris do TGV. Apesar de já ter sido dado em tempos como remodelável, não será este amor pragmático por Espanha que irá derrubar o ministro. Porque é desde logo partilhado por quem decide sobre estes assuntos. O primeiro-ministro José Sócrates, é claro.

"O que não falta são políticos que se orgulham de defender a alienação da nossa soberania a favor de uma entidade não democrática como a União Europeia (...). Chamam-se 'europeístas'. O problema real é esse, não o fantasmático iberismo"

Ricardo Alves, Esquerda Republicana, 07.05.06 (esquerda-republicana.blogspot.com)

"A polémica levantada nalguns blogues fez-me recordar que a expressão 'iberismo' fora, efectivamente, utilizada, no passado, para identificar a doutrina política que defendia essa união política, mas hoje tal doutrina não tem qualquer eco significativo em Portugal ou em Espanha"

Comentário de Mário Lino, Estranho Estrangeiro, 07.05.06 (estrangeiros.blogspot.com)

"O iberismo de Mário Lino (...), confessado numa ocasião, foi esclarecido posteriormente (na linha pior a emenda que o soneto...) até que o próprio primeiro-ministro, finalmente, veio fazer uma declaração bem preparada, mas redonda na sua neutralidade, sobre o assunto"

A. Teixeira, Herdeiro de Aecio, 14.05.06 (herdeirodeaecio.blogspot.com)

Diário

TODOS OS MESES UM CONVIDADO

PEDRO ADÃO E SILVA

O SOCIALISMO E A GAVETA

A confrontação do Governo com os actores sectoriais tem sido uma forma eficaz para que aos olhos do "interesse comum" as mudanças sejam percepcionadas como legítimas. Mas não deixa de ser verdade que numa democracia ainda longe da institucionalização, esta estratégia produz danos colaterais

Like love and the credit card, political catch-phrases have an initial attraction that leads to later complications.
Michael Waller

A tendência não é nova: cada vez que o PS governa, logo surge a acusação de que o faz com "políticas de direita". Ao longo de décadas, o PCP foi-se especializando neste discurso, tendo-se, entretanto, o BE juntado ao coro. Com o passar do tempo, as políticas deixaram de ser apenas de "direita" e passaram a ser vistas como "neo-liberais". Até aqui, convenhamos, o modo como é visto o Governo de José Sócrates não se distingue das anteriores experiências de executivos PS. Há, contudo, uma novidade. De há um ano para cá, já não é só o bloco social à esquerda do Governo que acusa o PS de governar à direita. É também a direita que afirma que o PS lhe está a roubar o espaço político, aproveitando para fazer o que nem Durão Barroso, nem Santana Lopes quiseram ou puderam fazer.

Entre aqueles que à direita se opõem ao Governo, a tendência é vista com evidente preocupação. Não havendo divergências na substância das políticas, a oposição, quer parlamentar, quer mediática, vê-se entrincheirada num combate politiqueiro ao Governo, assente numa abordagem casuística na qual tudo o que lhe resta é dizer "esfola" quando o Governo já disse "mata".

Nisto, PS e Governo revelam alguns sinais de entusiasmo. Compreende-se: com a oposição parlamentar em processo autofágico e com a ocupação de um espaço político que não é seu, o potencial hegemónico do PS parece crescer todas as semanas. Ao que há que somar o exemplo vindo de fora, com as três maiorias absolutas sucessivas do Labour de Tony Blair - alcançadas através da ocupação do espaço político do principal competidor, no caso os "Tories".

Como todas as narrativas políticas que parecem inicialmente entusiasmantes, também este tipo de estratégia traz consigo um conjunto importante de complicações políticas e eleitorais.

Antes de mais, a experiência do passado. Quando o PS governou num contexto de dificuldades financeiras e económicas, tendo metido o "socialismo na gaveta", fê-lo com consequências eleitorais conhecidas: 20,7%, o seu pior resultado em legislativas. O realismo saiu caro, até porque, ontem como hoje, há sempre alguém disposto a cavalgar populisticamente a austeridade, recolhendo os seus frutos eleitorais.

Mas ainda que tudo o resto fosse igual, o "exemplo Blair" não é importável de modo linear. Se mais não fosse, opõem-se-lhe a fraca ancoragem social do voto em Portugal. No Reino Unido bem pode o Labour caminhar para o centro do centro do centro que, na hora da verdade, o seu eleitorado tradicional estará do seu lado. Com um sistema eleitoral em que o "vencedor leva tudo" e com um partido construído de baixo para cima, é natural que a volatilidade do voto seja reduzida. Em Portugal as coisas passam-se de modo diferente. Não apenas os partidos de poder foram construídos pela vontade de elites, tendo bases sociais voláteis e frágeis, como o próprio sistema eleitoral incentiva a pulverização do voto. No caso do PS, o cenário complica-se por força da combinação de estabilização do voto nos partidos à sua esquerda e maior capacidade de concentração de voto no PSD à direita. Para mais, convém ter presente o que se passou nas presidenciais, onde a indicação de voto num candidato foi muito pouco mobilizadora.

Contudo, o que tem sido muitas das vezes descrito como ocupação do espaço do centro e do centro-direita pelo actual Governo trata-se, na maior parte dos casos, de um eufemismo para descrever aquela que é a marca genética do executivo de José Sócrates, o enfrentar dos "interesses corporativos". A confrontação com os actores sectoriais tem sido uma forma eficaz para que aos olhos do "interesse comum" as mudanças sejam percepcionadas como legítimas.

Mas não deixa de ser verdade que numa democracia ainda longe da institucionalização, esta estratégia produz danos colaterais. Portugal precisa de mais e não de menos factores de intermediação entre a sociedade e a esfera política e a valorização da negociação é uma das poucas formas conhecidas de tornar orgânica a representação da sociedade. Com uma crescente pulverização dos interesses organizados, a ancoragem política dos blocos sociais fica ainda mais frágil e a estabilidade do sistema partidário será, no médio prazo, afectada. Também aqui, o eleitorado tenderá a fugir e, no que é grave, quando o fizer, fá-lo-á sem rumo.

Assim, o que aparenta ser uma estratégia eleitoralmente sustentável, pode afinal revelar-se uma opção de enorme risco. O Governo enfrenta um importante dilema: saber se deve continuar a fazer o que o realismo obriga a que seja feito, fragilizando a relação com a sua base social ou, pelo contrário, governar consolidando a sua ancoragem partidária e eleitoral. Enganar-se-á quem pensa que há uma solução win-win, assente num futuro de sucessivas vitórias eleitorais. O país ficará um pouco mais sustentável, mas quem vier depois terá como principal missão "juntar os cacos". Está em jogo um trade-off entre realismo e sustentabilidade futura do PS, um trade-off que é também entre governabilidade e institucionalização da democracia. A opção tomada, sendo acertada, é de enorme risco. Um risco talvez apenas superado pela tentação para fingir que ele não existe. ●

O SÓCRATES

MAS ELES ESTÃO CHATEADOS COM QUÊ?

É POR CAUSA DO FREITAS, NÃO É? PRONTO, VOU MANDÁ-LO EMBORA...
NÃO, SENHOR PRIMEIRO MINISTRO, É POR CAUSA DO FECHO DAS MATERNIDADES

O FECHO DAS MATERNIDADES? MAS SERÁ QUE ELES NÃO PERCEBEM QUE ISTO É PARA REDUZIR A MORTALIDADE INFANTIL EM PORTUGAL?

POR ESSA ORDEM DE IDEIAS TAMBÉM PODÍAMOS EXPULSAR OS DESEMPREGADOS PARA ESPANHA. REDUZIA A TAXA DE DESEMPREGO

EPÁ, ISSO É UMA GRANDE IDEIA! DEIXE-ME APONTAR

TAMBÉM NÃO PERCEBO O PROBLEMA DELES; JÁ FAZEM COMPRAS EM ESPANHA, PÕEM COMBUSTÍVEL EM ESPANHA. NÃO PODEM IR NASCER A ESPANHA?

Líderes de Opinião

OS CHOQUES QUE FALTAM

M. Fátima Bonifácio

Para além do tecnológico ou do choque de investimento, faltam a Portugal ainda outros "choques". Um "choque" ético, por exemplo, mas sobretudo um "choque" de trabalho. Alguém devia ter a coragem de dizer ao País que não pode aspirar a um nível de vida finlandês mantendo o nível de preguiça português

Ainda eu não tinha percebido exactamente em que consistia, em concreto e afinal, o "choque tecnológico", e já o primeiro ministro anunciava triunfante, nos princípios de Março, que um novo "choque", desta vez de investimento, faria estremecer o país, despertando-o do torpor em que vários anos de crise, descrença e desânimo o tinham abismado. Sócrates tem sido, como geralmente se reconhece, bastante hábil a produzir propaganda sobre as actividades do governo, conseguindo dar a impressão de que este não apenas está a resolver os problemas nacionais, como quase diariamente faz acontecer qualquer coisa destinada a provocar uma dinâmica de mudança susceptível de inverter o desgraçado ciclo negativo em que nos encontramos enleados. O que o primeiro-ministro nos pretende dizer é que Portugal vai vencer. A visita de Bill Gates, rodeada de um espalhafato excessivo e pacóvio, revestiu-se sobretudo de um significado simbólico: um homem partido do zero conseguiu, graças à sua inteligência, trabalho e imaginação, provocar uma revolução tecnológica mundial e tornar-se na criatura mais rica do planeta. Não terá então Portugal a energia e os recursos necessários para se erguer da cauda da Europa até ao pelotão dos países mais desenvolvidos?

Sócrates visitou a Finlândia para observar directa e pessoalmente o "modelo finlandês" e, implicitamente, apontar o caminho aos portugueses. Vimo-lo numa escola primária onde cada aluno possuía o seu computador. Vimo-lo na Fundação Nacional para a Investigação e Desenvolvimento, um organismo público responsável pela política de inovação. E vimo-lo na Nokia, a tão celebrada jóia da coroa finlandesa. Os finlandeses conseguiram a proeza de combinar uma economia altamente competitiva com um dos mais elevados níveis de protecção social do mundo. Seguindo o seu exemplo, nada indica, ao menos teoricamente, que a mesma combinação maravilhosa não possa ser reproduzida em Portugal.

De facto, bem vistas as coisas, o que fez a Finlândia? Há uns quinze anos atrás, apostou forte na captação de investimento estrangeiro; ao mesmo tempo, tratou de equilibrar as contas públicas. Não poderíamos nós, para mais ajudados por um clima tão ameno e pela proverbial hospitalidade do povo, captar igualmente investimento desse? Infelizmente não podemos, pelo menos sem que alteremos drasticamente alguns traços essenciais que caracterizam a sociedade portuguesa. A Finlândia seduziu o investimento estrangeiro oferecendo como principal factor competitivo a alta qualificação da sua mão de obra. E pôde fazê-lo porque desde meados do século XX - quando nós ainda lutávamos contra o analfabetismo - que dispõe de um sistema educativo dos mais eficazes, base previamente adquirida sobre a qual pôde assentar o desenvolvimento da excelência na formação superior e em I&D. Ora Portugal é um país de analfabetos funcionais e possui um sistema educativo lastimoso, como demonstram a experiência de qualquer professor universitário e as estatísticas disponíveis. Dado o contexto finalndês, a Nokia também não é nenhum milagre nem aconteceu por acaso: a Finlândia possuía uma longa tradição nos sectores de engenharia e das telecomunicações.

Quanto às contas públicas, a Finlândia, conhecendo que o défice prejudica a eficiência da economia, não se limitou a esperar que o crescimento económico acabasse por o absorver. Cortou na Despesa e reduziu fortemente o peso da Função Pública, ao mesmo tempo que realizou reformas drásticas destinadas a torná-la mais eficiente. No mesmo dia em que o jornal "Público" titulava que Sócrates se tinha ido inspirar no modelo finlandês, uma outra notícia dava conta de que a Função Pública portuguesa se preparava para uma árdua "luta contra mudanças no estatuto laboral". A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública está preocupada com a possibilidade de introdução de contratos individuais de trabalho e, em geral e por princípio, considera que a reestruturação da administração pública produzirá "efeitos nocivos". Aguarda-se ainda o "choque" da reforma do Estado sem o qual será frívola qualquer tentativa de emulação do "modelo finlandês".

Mas a verdadeira chave do "milagre" finlandês não tem sido devidamente realçada. No início dos anos noventa, em consequência do colapso da União Soviética, que era o seu principal mercado, a Finlândia mergulhou numa crise profundíssima. O défice público disparou, as contas externas desequilibraram-se perigosamente, o PIB sofreu uma redução de 13%. Sem escolha, o governo foi forçado a agir. Enfrentou o problema do défice e do Estado da maneira que já disse, e, beneficiando do nível educativo da população, concentrou recursos na formação superior e quase duplicou a percentagem do PIB consagrada a I&D. Só que a história não acaba aqui. Durante os anos de crise, milhares de empresas obsoletas desapareceram e o desemprego disparou para os 20%. Foi este - tal como na Espanha dos tempos de González - o custo da reestruturação económica finlandesa. É urgente que Sócrates explique ao País que Ersatz inventará para este "choque" de desemprego. Ou como pensa ele que a economia portuguesa se poderá reestruturar sem passar por aí.

Mas faltam a Portugal ainda outros "choques". Um "choque" ético, por exemplo, que traga a corrupção para os baixíssimos níveis a que ela se verifica na Finlândia, um dado não negligenciável quando tentamos perceber por que é que este pequeno país da periferia do Norte da Europa se tornou numa das economias mais competitivas do mundo. E, sobretudo, um "choque" de trabalho. Precisamos com urgência de um "choque" de trabalho. Basta entrar num café num centro comercial qualquer para contemplar a generalizada preguiça portuguesa. O empregado, farto de ver que estamos ali, continua a passar o pano languidamente pelo balcão, na esperança de que acabemos por ir embora. Ou entre-se numa loja perto da hora do fecho, para ver o zelo com que o empregado nos tenta convencer de que não tem o que procuramos. Ou atente-se no extraordinário engenho com que os portugueses conjugam férias com "pontes" para aumentar o número de dias por ano sem trabalho. Alguém devia ter a coragem de dizer ao País que não pode aspirar a um nível de vida finlandês mantendo o nível de preguiça português. Mas receio bem que Portugal não aguentasse este "choque" de realidade. ●

Líderes de Opinião

F.C. PORTO

João Marques de Almeida

Além de todas as razões para ter orgulho no Porto, sinto-me muito orgulhoso por o meu clube ser o maior de um Portugal democrático, pluralista e mais europeu

O que se segue está para ser escrito há muito tempo. Tem sido adiado porque há sempre mais um episódio da "crise" europeia, ou mais uma razão para defender a aliança com os Estados Unidos, ou mais uma transformação para notar sobre a política nacional, ou mais um motivo para nos preocuparmos com o futuro de uma direita moribunda. Além disso, a periodicidade mensal da Atlântico também não facilita. O futebol parece ser sempre menos urgente do que o que se passa no mundo e em Portugal. No entanto, em mês de "dobradinha", mesmo contando certamente com a firme oposição do nosso Director, só uma guerra me impediria de escrever sobre o F.C. Porto. Tudo começou, há muito tempo, quando um cidadão peruano, chamado Teófilo Cubillas, chegou para jogar nos "andrades". Veio para acabar com um longo jejum de campeonatos. O que não conseguiu, mas em jeito de compensação converteu um lisboeta ao "portismo". Ou seja, o Porto pode não ter ganho muito com Cubillas, mas eu certamente ganhei o passaporte para a felicidade desportiva. A seguir, veio José Maria Pedroto e jogadores magníficos, como o Oliveira, o Seninho, o Duda e o Gomes. Com eles, vieram os "meus" primeiros campeonatos. Tal como os meus amigos da escola, também já podia dizer que era "campeão" (aliás, este prazer "solitário" e irritante para os meus amigos havia de se repetir muitas vezes). Como o Porto existe para fazer sofrer os seus adeptos, à semelhança do país, teve também o seu "Verão quente", e acabou a equipa campeã de Pedroto. Veio um treinador da Áustria, Herman Stessl, e o Porto voltou ao hábito de não ganhar nada. Até ao dia em que Pinto da Costa regressou, agora como Presidente.

Começou então uma história de sucessos e alegrias. As eliminatórias ate à final de Basileia, com aquele magnífico golo de Vermelhinho em Aberdeen. A tristeza da derrota com a Juventus misturada com um grande orgulho na exibição do Porto. O regresso à condição de campeão nacional, com a equipa de Artur Jorge, na qual Futre e Madjer faziam as delícias dos adeptos. A vitória de Viena foi inesquecível; e ainda hoje, emociono-me a ver a repetição do jogo (não são só os benfiquistas que gozam a RTP Memória; a diferença é que a nós a Sport TV também nos dá grandes alegrias). O Porto passava a ser definitivamente um grande clube. Ganhava Taças do Mundo na neve e fazia de treinadores como Ivic, Carlos Alberto Silva ou Oliveira campeões nacionais. Conquistámos, com naturalidade, o "Penta", com outra equipa admirável, onde brilhavam os golos de Jardel. Quando achámos que já tínhamos tudo o que se podia ganhar, e quando os nossos adversários afirmavam com grande satisfação que "tinha acabado o ciclo do Porto" (o que vale é que os "ciclos" do Benfica são curtos, muito curtinhos), chegou o melhor. Para os portistas, os dois anos do Mourinho foram divinais. Em 99% dos jogos, sabíamos que dificilmente perderíamos e que iríamos jogar bem ou muito bem. Foram duas épocas em que, por exemplo, o Deco (para mim, o melhor jogador do Porto dos últimos vinte anos) alterou entre o muito bom e o bom. Vencemos mais campeonatos e mais taças europeias e só não fomos a base de uma selecção campeã europeia porque a teimosia de Scolari afastou o Vítor Baía da baliza de Portugal. Durante todo este tempo, há três coisas que sempre me acompanharam. Antes de mais, as discussões com os meus amigos, a maioria do Benfica e do Sporting, os quais de resto não me reconhecem quando discutimos futebol (é a vida). Espero continuar a vê-los irritados. Depois, as idas aos estádios de Lisboa e arredores, sempre com um ou dois amigos "portistas" de Lisboa. Desde o Estoril, donde saí com grandes tristezas (aliás, nunca me esquecerei do nome Engenheiro Coimbra da Mota), até Setúbal, passando pela Amadora, a Luz, Alvalade e as "festas do fim de época" em Oeiras. Por fim, e este é o ponto mais marcante de todos, o "antiportismo" militante do nosso país, acompanhado por um ódio semelhante ao melhor dirigente desportivo que algum dia existiu em Portugal: Pinto da Costa.

Veja-se com atenção uma frase repetida por muitos: "é necessário um 25 de Abril no futebol para acabar com o sistema". É espantoso. No futebol o "25 de Abril" aconteceu, como é óbvio, no dia 25 de Abril. Uma das principais consequências foi o fim da hegemonia dos clubes de Lisboa, essa sim uma anormalidade. Quais eram os países da Europa Ocidental onde o futebol era dominado pelos clubes das capitais? Não custa nada: Portugal e Espanha. No primeiro caso, pelo Benfica e pelo Sporting; e no segundo caso, pelos dois grandes de Madrid. Em todos os outros países, de França e de Itália à Alemanha e a Inglaterra, os campeonatos repartiam-se por equipas de várias cidades. Quando os regimes autoritários português e espanhol acabaram, os clubes das capitais deixaram de dominar. Os grandes beneficiários foram o Porto e o Barcelona; mas também o Boavista, o Braga, o Valência, e os clubes bascos e galegos. Não sei, como ninguém sabe, se o Porto deve algumas vitórias a favorecimentos de árbitros ou a corrupção, mas sei que vinte e cinco anos de vitórias em Portugal e na Europa não têm nada a ver com corrupções, nem com sistemas. Sei também que o domínio do Benfica e do Sporting aconteceu num país altamente centralizado, e muito pouco pluralista. A má preparação dos benfiquistas em geral para lidar com o declínio levou-os a criarem o mito do "sistema" e a não terem a humildade para reconhecer que têm que trabalhar muito mais e muito melhor para competirem com o Porto. Cegos e obcecados com o "ódio" ao Porto, escolhem os dirigentes mais incompetentes que se possa imaginar. Por mim, podem continuar assim. Uma coisa é certa. Além de todas as razões para ter orgulho no Porto, sinto-me muito orgulhoso por o meu clube ser o maior de um Portugal democrático, pluralista e mais europeu. ●

Líderes de Opinião

UMA OPOSIÇÃO DE DIREITA

Rui Ramos

A questão política da direita não é inventar marxismos e encontrar Lenines, mas levar todos aqueles que, por razões diferentes, não são de esquerda, a cooperar na criação de um novo projecto político, assente num outro modelo social

O PSD e o CDS decidiram, em Maio, entreter o país com eleições directas e congressos. A propósito, o povo que faz comentário e análise nos jornais inquietou-se e inquietou-nos com a metafísica da direita. Que oposição deve a direita fazer ao eng. Sócrates? Ou ainda mais radicalmente: o que é "ser de direita"? E por aí fora. Vamos por partes.

Uma das coisas que a "crise" matou em Portugal foi a política. Curiosamente, pouca gente repara nisso. Há quem peça crescimento económico para ultrapassar a Grécia. Há quem o peça para aliviar a pobreza. Mas podia pedir-se crescimento económico ainda para outra coisa: para que houvesse política, para que fosse possível discordar com consequências, e encarar alternativas com realismo. A suposta dificuldade da oposição perante a suposta austeridade do governo não é específica da direita. À esquerda, a crise até é maior. Num país sem petróleo nem gás natural, as esquerdas não-governamentais não se atrevem a sugerir as velhas receitas das nacionalizações. Na prática, conformaram-se com o "mercado", isto é, com a criação de riqueza por empresários privados. O eng. Sócrates não pode copiar Evo Morales, nem o dr. Louçã ou o deputado Alegre lhe podem exigir que o faça. Quando muito, angustiam-se com a educação ou a desigualdade, para conter a retracção do Estado. Mas a aflição orçamental, conjugada com a estagnação do investimento, também dissuade os drs. Mendes e Castro de reduzirem os seus programas a uma tradução não-revista do nosso venerável Milton Friedman. A não ser que quisessem tornar-se uma espécie de Chávez e Morales pintados de branco - revolucionários da direita, dispostos a enfrentar dezenas de milhares de funcionários públicos postos no desemprego. Em casa, em frente do computador, há quem, de pantufas, não trema perante isto. Mas quem faz política a sério, na praça pública, perante o povo, deve pensar, e deve tremer. Em suma, só o crescimento económico pode criar espaço para opções verdadeiramente divergentes: quando houver dinheiro, poderemos discutir se deve ser investido pelo Estado, ou pelos cidadãos. Agora, não há.

Que resta então? Resta tudo. Resta fazer o trabalho de oposição parlamentar, de auditoria às políticas governamentais, discutindo os seus princípios, examinando a sua eficácia. Resta ainda outra coisa: trabalhar para que, quando a ocasião vier, haja em Portugal um projecto político alternativo, que dê aos portugueses a possibilidade de optar verdadeiramente. Fazer oposição é vigiar o governo, mas não é simplesmente dizer "não" onde o governo diz "sim". É sobretudo preparar o terreno para que umas próximas eleições sejam, no quadro da democracia pluralista, uma verdadeira bifurcação de caminhos no que diz respeito ao nosso modelo social. Ora, para fazer esse trabalho, é imprescindível sair para fora do círculo mágico onde está aprisionado o governo, e que é o das esquerdas e dos seus preconceitos. Não há que ter ilusões acerca do Eng. Sócrates, só porque há 30 anos pertenceu à JSD e anda agora a rever o sistema da segurança social. As correcções ao Estado Social não apontam para uma verdadeira mudança, mas para a viabilização do que existe. É aí que se coloca o problema da "direita", neste sentido: é fatal que a ideia de um outro modelo social tenha de surgir num espaço político desobstruído dos preconceitos das esquerdas.

Em Portugal, os partidos à direita da esquerda não se assumiram até hoje como expressão de um espaço político diferente do da esquerda. Essa abstenção, para a qual houve razões históricas conhecidas, teve dois resultados: permitiu que as esquerdas se apropriassem do regime, empurrando quem não é de esquerda para a situação incómoda de hóspede suspeito; e fez das esquerdas o árbitro do que é aceitável. Sabemos como este condicionamento ideológico tem limitado o espectro das ideias possíveis em Portugal, e é portanto um factor de empobrecimento cultural, que depois se reflecte noutras áreas. Mas, para além disto, teve ainda outro efeito: toda a maneira de pensar e viver a política ficou contaminada pelo modo como a esquerda pensa e vive a política. Um dos exemplos desta viciação esquerdista está na pergunta "o que é ser de direita". Eis uma pergunta errada, que garante imediatamente uma resposta errada. O erro aqui está na ideia de que, porque há um "ser de esquerda", o não-ser de esquerda deve necessariamente corresponder a um "ser de direita". Na prática, trata-se de imaginar o campo à direita da esquerda como uma imagem invertida da própria esquerda. É um deslize que se reflecte por vezes na ideia de que a reconstrução da direita em Portugal passaria pela fundação de um qualquer Bloco de Direita, com a sua ortodoxia e o seu "politicamente correcto". É verdade que, no século XX, a chamada "direita revolucionária" tentou fazer isso. Mas eram velhos esquerdistas, ou gente que queria imitar o esquerdismo. Um projecto deste tipo afastaria muita gente do lugar à direita. E com razão. É que a vantagem do lado direito do espectro político, neste momento, está na sua diversidade e incorrecção. A direita define-se pela recusa ou pela dúvida perante o projecto que define a esquerda: o da gestão da sociedade pelo poder político - um poder político que, ao identificar-se com a vontade de todos (em democracia), se julga não-problemático. Isso faz do campo à direita da esquerda o lugar dos tradicionalistas, mas também dos cépticos e dos prudentes, dos chamados "conservadores" e dos chamados "liberais", mas também daqueles que, simplesmente, já não podem provar que "são de esquerda".

Já o disse aqui: a direita só faz sentido, não como a esquerda ao contrário, mas como o contrário da esquerda. Ao "ser de esquerda", há que opor um "estar à direita". A direita pode, neste momento, constituir-se como um espaço de liberdade, de experiência, de pensamento, onde ninguém tem de passar por alfândegas ideológicas, ou

beijar estátuas. A questão política da direita não é inventar marxismos e encontrar Lenines, mas levar todos aqueles que, por razões diferentes, não são de esquerda, a cooperar na criação de um novo projecto político, assente num outro modelo social. Os partidos políticos que não são de esquerda poderiam ser os agentes dessa organização. Mas é de admitir que esse trabalho passe, numa primeira fase, sobretudo por instâncias até agora pouco desenvolvidas em Portugal, como os chamados "think tanks". E será esta a melhor oposição: não aquela que incomoda o governo hoje, mas a que prepara a sua substituição amanhã. ●

DESFOCADOS

Vítor Cunha

Há algo de intensamente decadente, mórbido, num povo que cultiva progressivamente hábitos selvagens e, em simultâneo, admite pagar cada vez mais impostos ao Estado ausente

Recebi a notificação em Fevereiro a marcar diligência para Março. No dia certo apareci na secção certa à hora pedida. Os funcionários do Tribunal, gentis, não descobriram o meu nome nem qualquer processo em que estivesse envolvido. Desci e subi escadas de secção e em secção até quase perder o juízo. Voltei para casa na esperança vaga de um dia receber a nota de multa por falta. Procurei a convocatória e conferi as datas: estava certo no dia e na hora, mas enganara-me flagrantemente no ano: a notificação que tanto trabalho me deu e aos funcionários era para Março de 2007.

Esta petite histoire, pelo menos para mim, tem a especial qualidade de não me ter sido contada por advogado ou doutor em leis. Vivi-a e senti-a e foi com o suor de meu corpo que percorri escadas e mais escadas à procura do processo imaginário. Uns dias depois recebi uma outra notificação para ser testemunha de um outro processo. Desta vez li bem e não me deixei enganar: é para Maio de 2006. O processo, esse, é de 1993.

Dizem-me advogados e outros especialistas em Justiça - oh! doce palavra -, que a distribuição de processos de execução civis em Lisboa demoram mais de um ano. A reforma do processo executivo foi feita para acelerar, como todos bem sabem e lembram.

Nas ruas das cidades médias e grandes os automóveis passaram a frequentar os passeios como qualquer transeunte ou turista. Em muitos casos os automobilistas param em segunda ou terceira fila; em Lisboa a EMEL penaliza quem estaciona bem mas a PSP não manda andar quem estaciona mal. Há obras por cantos e esquinas e mesmo em avenidas principais, mas a Polícia não disciplina o caos; os semáforos estão configurados para fluxos de trânsito impensáveis e os automobilistas não respeitam o encarnado e já se habituaram a passar antes do sinal mudar para o verde; os autocarros passeiam-se à noite pela cidade a 80 km por hora; na minha rua os carros de uma "escola" de condução ocupam permanentemente a segunda ou terceira fila pois de pequenino é que se torce o pepino; na mesmíssima rua uma matilha de cães, diariamente, contamina a rua para deleite dos seus donos; e até dois vasos em mármore da entrada do meu prédio foram roubados.

O excesso de intimismo que tenho dado a este texto não nasce de uma necessidade recôndita de enaltecer o ego ou partilhar misérias, mas apenas de constatar mais uma vez a falência do Estado que temos. Há por aí quem ainda tenha fé e acredite na transmutação das almas. Eu já não. Estamos a assistir a uma velocidade impressionante à degradação do Estado e da autoridade que lhe resta. Quase na mesma proporção, a receita fiscal tem aumentado. Não sei se haverá relação directa entre o nojo que os portugueses têm a qualquer vestígio de autoridade e o acto voluntário de enviar cheques à fazenda pública. Nem sei verdadeiramente se o que tem aumentado mais é a carga ou a eficiência fiscal - muito provavelmente ambas. Há algo de intensamente decadente, mórbido, num povo que cultiva progressivamente hábitos selvagens e, em simultâneo, admite pagar cada vez mais ao mesmo Estado ausente.

Já aqui foi referido, em tempos, que cabe aos adeptos de um Estado disciplinado (eufemismo moderno e politicamente correcto para "liberais") ajudar os poderes públicos a salvar o próprio Estado. A manutenção do caos serve as margens e dará uns votos nas feiras e nas fábricas, mas pode ser dramaticamente insuficiente para todos aqueles que acreditam que o mundo não acaba ao raiar do sol de amanhã. A Justiça e a segurança são pilares essenciais de qualquer ideia de Estado, mínima ou máxima. A verdade é que o nosso quotidiano está submerso por exemplos infelizes como os atrás citados de insuficiências primárias no modo de funcionamento dos órgãos do Estado; essas insuficiências são simbólicas e nucleares. Qualquer alternativa política que se situe no campo dos conservadores e liberais tem que saber dar uma resposta a isto: há Estado a mais e há Estado a menos e há que saber formular políticas concretas e possíveis que comecem a solucionar aqueles desequilíbrios. Não se percebe, portanto, por que motivo o encerramento de algumas maternidades tanto emociona alguns: essa reacção só salienta o desfoque de algumas elites (assim designadas por mera opção metodológica). ●

Líderes de Opinião

ELE ESTÁ ENTRE NÓS

Vasco Rato

O discurso de Sócrates revela que o status quo dos últimos 30 anos, construído e defendido pela Esquerda depois do 25 de Abril, tornou-se inviável. Representa, no fundo, uma vitória da direita

Generalizou-se a opinião de que José Sócrates rompeu com a herança ideológica do Partido Socialista. Afirma-se que o actual governo - porque "define" políticas "de direita" - em pouco ou nada se distingue do seu antecessor. Denuncia-se o "neoliberalismo" de Sócrates e diz-se que o primeiro-ministro está determinado em desmantelar o "modelo social". Admite-se que ainda resta uma ala esquerda no interior do partido, mas que, porque destituída de poder efectivo, pouco significa. Há um grão de verdade nestas observações. É inegável que Sócrates se lançou numa tentativa de modernizar o Partido Socialista. Pretende, ao que parece, colocá-lo dentro do mainstream da social-democracia europeia. Resta saber se este processo de transformação será conduzido até à sua conclusão lógica ou se, perante a contestação social resultante da actuação do governo, haverá um regresso aos dogmas que até muito recentemente moldavam o discurso do PS.

Julgo que não vale a pena discutir se as reformas anunciadas pelo PS constituem "verdadeiras mudanças" ou se apenas se reduzem, como afirma a direita parlamentar, a actos de "propaganda" e a uma mera "gestão" do ciclo político. Certo é que algumas das anunciadas "reformas" não passam de fogo de artifício político. É igualmente verdade que o populismo permeia os ataques aos "privilégios" das corporações. Noutros casos, como, por exemplo, a Segurança Social, as reformas indiciam um bom princípio mas são insuficientes no seu alcance.

Porém, mais importante do que a avaliação da "eficácia" das medidas governamentais, vale a pena reflectir sobre o discurso a elas subjacente. O discurso reformista do primeiro-ministro contém um mérito que não pode ser ignorado: afirma perante a sociedade portuguesa que algo terá que mudar, que a nossa organização colectiva não pode continuar como no passado. Se, à direita, está mensagem apenas faz eco daquilo que há muito tem sido dito, não deixa de ser significativo que o PS venha agora admitir que o país requer mudanças. Esta conversão do PS ao reformismo - isto é, à agenda tradicional da direita - não deixa de ser crucial para que, na sociedade portuguesa, se estabeleça uma predisposição para aceitar os sacrifícios inerentes às reformas. Dito de outra forma, o discurso de Sócrates revela que o status quo dos últimos 30 anos, construído e defendido pela Esquerda depois do 25 de Abril, tornou-se inviável. Representa, no fundo, uma vitória da direita.

> A direita terá de perceber que a força de uma mensagem política de futuro requer mensageiros à altura. O PS encontrou o seu mensageiro, a direita adiou a busca. Ao contrário de José Sócrates, os líderes dos partidos de direita parecem oriundos de outra era, de um Portugal que há muito deixou de existir

Não obstante, existe outro factor político que não pode ser ignorado: Sócrates aparece perante o eleitorado, particularmente os mais jovens, como um político que encarna a modernidade, como alguém que está disposto a fazer o que é necessário para mudar o país. Em vez de arrogância, os eleitores vêem determinação e clareza de objectivos. Esta dimensão simbólica da acção política é crucial, e, parcialmente, explica a popularidade pessoal de José Sócrates. Em contrapartida, os lideres dos partidos de direita parecem oriundos de outra era, de um Portugal que deixou de existir. Dificilmente se pode concluir que são visionários, que podem definir um projecto de futuro, que podem dar respostas inovadoras e consistentes para os problemas do país.

Confrontados com a conversão do PS ao reformismo, qual deverá ser a resposta dos partidos de direita? Comecemos pelo que não deve ser feito. A pior reacção seria a transformação destes partidos em "sindicatos dos descontentes", a adopção de uma estratégia de federação de resistentes à mudança. Seria, portanto, um erro recorrer ao populismo e à defesa do status quo. Aparentemente, esta tentação é forte, como se viu na posição adoptada pelo PSD em relação ao encerramento de algumas maternidades. Com efeito, o PSD e o CDS terão de exigir mais e melhores reformas. Em vez de criticarem Sócrates por ter ido "longe demais", terão de dizer que ainda não se foi suficientemente longe. Mesmo que uma agenda reformista mais ousada acarrete, a curto prazo, custo eleitorais. Não menos importante, a direita terá de compreender que a força de uma mensagem política de futuro requer mensageiros à altura. O PS encontrou o seu mensageiro, a direita adiou a busca. ●

Líderes de Opinião

O MONSTRO ESTÁ VIVO

Luciano Amaral

A chamada Constituição Europeia faz lembrar um filme do anos 70 "O Monstro Está Vivo". Quando se pensaria que, com os votos negativos francês e holandês do ano passado, a coisa estivesse morta e enterrada, ei-la que renasce. Os próximos meses vão mostrar como o monstro continua vivo

No célebre filme dos anos 70 "O Monstro Está Vivo" ("It's Alive"), um jovem casal confronta-se com o facto de o seu filho recém-nascido ser um bebé mutante e um assassino em série. A criança começa por massacrar toda a equipa hospitalar envolvida no parto e depois prossegue a carnificina pelos subúrbios de Los Angeles. Embora o pai do pequeno monstro se coloque inicialmente do lado das autoridades em sua perseguição para o matar, no final junta-se à mãe, cujos sentimentos maternais desde o início a tinham feito proteger a aberração saída do seu ventre. Não sei porquê, mas recorda um pouco a história de uma outra aberração ou ser mutante, a chamada Constituição Europeia.

Quando se pensaria que, com os votos negativos francês e holandês do ano passado, a coisa estivesse morta e enterrada (como aliás as suas regras de aprovação exigiriam, já que um simples voto negativo em qualquer país seria suficiente para isso), ei-la que renasce. Os próximos meses vão mostrar como o monstro continua vivo. A Comissão Europeia e outros responsáveis políticos da UE, entre os quais Angela Merkel, que já estabeleceu como prioridade da presidência alemã da EU a partir de Janeiro de 2007 a ressurreição do tema da Constituição, preparam-se para (como os pais de "It's Alive") protegerem a criança, não obstante o seu carácter de mutante assassino. Os proponentes do documento nem sequer conseguem definir a sua natureza, apresentando-a umas vezes como a Constituição Europeia, outras como mais um tratado entre os muitos que já foram assinados. Esta oscilação conceptual não é um acidente, mas simultaneamente uma estratégia deliberada de confusionismo verbal e uma demonstração de ignorância acerca daquilo que se quer exactamente fazer da UE.

Mas, sobretudo, a atitude é reveladora de um problema essencial que as mais recentes gerações de responsáveis políticos da UE andam a criar já há alguns anos. Graças a eles, a UE está transformada num projecto activista, fomentado e accionado por uma espécie de minoria leninista, que reside no eixo Bruxelas-Estrasburgo-Luxemburgo ou para lá viaja muito. No entanto, há aqui algo sobre que devemos entender-nos. As instituições em Estados de direito não devem estar sempre a mudar, perturbando o curso de existência das comunidades políticas. Instituições que estão sempre a mudar, que não assentam em regras mais ou menos claras, são próprias de estados totalitários, onde prevalece o arbítrio do governante. Na tradição demo-liberal em que vivemos, o fim das instituições é precisamente o contrário, o de servirem de base sólida a partir da qual se constrói depois a vida política e económica dos cidadãos.

Seria importante que a tal minoria leninista compreendesse isto e, de uma vez por todas, parasse com a perturbação que representam estas tentativas sistemáticas de alteração do quadro institucional europeu. Tanto mais quanto ela própria não sabe para onde quer ir. Ela apenas quer ir. Quanto ao destino, não sabem os cidadãos nem sabe ela. Um Estado federal? Ou uma associação de Estados soberanos? Nunca a alternativa é claramente apresentada, embora seja disso que se trata. Um bom ponto de partida para introduzir alguma estabilidade no quadro institucional da UE seria partir da tradição na qual se funda todo o projecto. A UE nasceu, ainda enquanto CEE, a seguir à II Guerra Mundial, como um instrumento de cooperação entre os diversos países europeus para evitar, por um lado, o proteccionismo ruinoso dos anos 30 e, por outro, os conflitos militares que destruíram o continente na primeira metade do século. Isso implicou duas coisas: a criação de um grande espaço de liberdade económica e a associação aos EUA (a que correspondeu a admissão de uma certa tutela destes sobre o continente). Esta vaga tutela externa não representou uma mera vontade de menorização voluntária, mas uma necessidade, servindo para substituir as tentativas de hegemonia dos diferentes Estados europeus que marcaram toda a história do Continente. Convém perceber que mudar qualquer uma das condições iniciais corresponde também a mudar as condições actuais. Por exemplo, o desaparecimento da presença americana significará necessariamente o aparecimento de uma tutela com origem num país europeu, exactamente o tipo de problema que esteve na origem das duas guerras mundiais.

Em vez da multiplicação de tentativas para construir novas realidades institucionais no continente europeu, cujo propósito escapa a toda a gente, valia a pena parar por aqui e assentar naquilo que deveria ser a União Europeia: uma coligação de democracias, abertas ao comércio internacional, profundamente ligadas aos EUA e restante mundo anglo-saxónico (Austrália, Canadá, Nova Zelândia), definindo-se como parte integrante de uma comunidade ocidental, preparada para enfrentar sem pânicos a ascensão de novas realidades geopolíticas, como a coligação autoritário-energética constituída pela Rússia, o Irão e certos países latino-americanos, como a Venezuela ou a Bolívia, e também para enfrentar as grandes potências em ascensão, como a Índia e a China.

O activismo não só põe em causa os fundamentos de toda a ideia europeia como também não constitui a base institucional sólida de que as comunidades políticas precisam para sobreviver e prosperar. Em suma, deveria pôr-se termo ao "problema europeu". Quer dizer, a Europa deveria deixar de ser um problema para os diversos países participantes na UE para passar a ser uma das bases estáveis e sólidas sobre a qual a vida nacional de cada um deles se constrói. ●

CAIU UM METEORITO NO PORTO

Maria Filomena Mónica

Visitar a Casa da Música é conhecer por dentro o meteorito patrocinado, em 1998, pela Comissão do Porto - Capital Europeia da Cultura. O arquitecto holandês Rem Koolhaas é tão democrático que conseguiu ludibriar todos os financiadores, aumentando sete vezes o custo inicial da obra. Foi assim que o Porto se viu dotado de um poliedro esdrúxulo

ILUSTRAÇÃO DE LUCY PEPPER

Há vários anos que não ia ao Porto. Em vésperas do primeiro aniversário da Casa da Música, decidi subir até ao Norte, a fim de visitar o monumento desenhado pelo famoso arquitecto holandês Rem Koolhaas. Quando lá cheguei, foi-me dito que só o poderia fazer se enquadrada numa visita. Não gostei da ideia, mas percebi não ter alternativa: comprei, por dois euros, um bilhete para o tour das 17.00. Com tempo nas mãos, comecei por olhar o edifício do exterior. Ao descer a escadaria, escorreguei. Sentei-me ao lado de uma menina "punk", entretida a ler um livro. Em baixo, nas "ondas" de pedra, uns miúdos divertiam-se em cima de skates: "Isto aqui é altamente". Ultrapassadas as dores no tornozelo, dei uma volta de 360 graus em redor do monumento. A impressão foi negativa. O meteorito patrocinado, em 1998, pela Comissão do "Porto - Capital Europeia da Cultura", pareceu-me feio.

Em seguida, passeei pelos arredores. Excepto o jardinzeco, situado a meio da Praça da Boavista, tudo - as moradias arruinadas, a lama amontoada, os prédios incaracterísticos - é horrendo. Comecei a sentir-me apática, sentimento interrompido pela visão inesperada de uma casa de pasto, a "Chaimite", ostentando, no toldo, o subtítulo "Tudo na brasa". Outros tempos. Reentrei no rés-do-chão da Casa da Música, onde cinco homens de idade comentavam, entre encontrões dos adolescentes espanhóis, uma exposição de instrumentos antigos. Decidi perguntar à recepcionista se existiria um livro contendo informações sobre a história do edifício: "Não, não temos. É verdade que vamos fazer um ano, mas ... sabe como são estas coisas". Não, não sei.

Entretanto, um rapaz envergando uma camisola cor de laranja, pedia às pessoas, que tinham comprado bilhete para as 17.00, para dele se aproximarem. Começámos por subir uma espécie de cascata em alumínio. A escada levou-nos até ao grande auditório (1.300 lugares), o qual, no formato, se assemelha a uma daquelas caixas de sapatos que antigamente trazíamos para casa. Mas não foi apenas a forma, sobre o comprido, que me pareceu insólita. A confusão dos estilos baralhou-me: a austeridade ambiente dera ali lugar a uma multiplicidade de ornamentações. As paredes, de pinho, estavam decoradas com faixas doiradas (supostamente evocadoras da talha nacional) e, nos extremos, havia duas janelas de vidro ondulado, que me recordavam os espelhos, deturpadores da imagem, que existiam na Feira Popular. À minha direita, estava um órgão barroco e, à minha esquerda, um outro, negro, que o guia classificou de romântico. A meio da obra, faltara o dinheiro necessário para a maquinaria interna, de forma que os objectos apenas serviam intuitos decorativos. Tive a sensação que estas coisas só acontecem no meu país.

Continuámos a observar a sala. Em ambos os lados, havia uns grandes camarotes. Não se destinavam, preveniu o guia, a VIP´s, mas às pessoas que não pudessem entrar quando a sala se encontrasse esgotada: "O arquitecto é muito democrata, portanto foi esta a sua ideia...". O guia, que continuava a falar do edifício em tom apologético, teceu louvores à acústica da sala: "A melhor do mundo, ou, quando muito, a segunda melhor, pois parece que, em Viena de Áustria, se construiu recentemente um bom anfiteatro". No palco, uma dúzia de técnicos preparava o concerto de jazz que ali iria tocar nessa noite (o San Francisco Jazz Collective), pelo que as janelas estavam cobertas por uma rede negra. Sentei-me numa das cadeiras de veludo cinzento desenhadas por Martin van Severen. Só então me apercebi que, ao contrário do que é usual, a sala não dispunha de um corredor central: a fim de deixar os outros passar, quem chegasse cedo teria de se levantar mais vezes do que é normal. O guia explicou-nos que "as

cadeiras eram assim, género banco corrido, por ser o arquitecto... muito democrático".

Enquanto os meus companheiros falavam em surdina do que viam, lembrei-me da polémica sobre a ausência do fosso de orquestra, um equipamento que permitiria exibir ali espectáculos de ópera. Alguns portuenses cultos disseram-me que tal não era necessário, por já terem o Coliseu, mas isso não me impede de pensar que, num edifício novo, teria sido vantajoso a inclusão daquele equipamento. Mas já subíamos outra escada, ainda estreitíssima. Como se processará a circulação das gentes em dias de grande afluência? Chegados ao piso superior, observei , em baixo, o solo. Notando-o, o guia explicou-me ter sido ele construído, "por ser mais barato", com mármore da Jordânia. Encostada à janela de vidro ondulado - "a maior do mundo" - continuei a olhar o que se passava lá fora. Tudo surgia de forma deformada. A única coisa nítida era o Monumento à Guerra Peninsular (1807/1813), no topo do qual se podia ver "o leão a galar a águia", como, indiferentes à simbologia comemorativa da vitória anglo-lusa sobre os franceses, os locais designam a coluna. Em vez de ouvir o guia, pus-me a imaginar a cena que ali ocorrera, a 6 de Fevereiro de 1890, quando, na sequência do "Ultimatum", uma multidão de estudantes se deslocara até ao local, a fim de saudar Antero de Quental, conduzido entre archotes, até à Rua da Cedofeita. Mas não era esta a melhor altura para meditar sobre os ínvios caminhos do patriotismo português.

A minha missão constituía em observar o edifício. Eis que entrávamos numa sala verde, com paredes forradas a pirâmides de borracha. Era o espaço da cybermúsica, onde os miúdos podiam compor música, em computadores, sem terem de aprender solfejo. Seguiu-se a visita ao "foyer" onde, um dia, virá a funcionar um café: "Por ora, ainda não está operacional, porque os bombeiros consideraram que o edifício não tem suficientes saídas de emergência". Já passava das 18.00 horas quando a visita terminou, pelo que o meu desejo de ir ouvir o Coro Patriarcal Russo de Moscovo não pôde ser satisfeito. Saí, aliviada, para o exterior.

O fim do dia ostentava uma luminosidade rara no norte. Ao fundo, um grupo de rapazes combinava a ida, nessa noite, ao "hip-hop rockeiro" dos austríacos Sofa Surfers, um concerto que se realizaria no parque de estacionamento. Curiosa, consultei a brochura: "Os Sofa Surfers trazem, na sua estreia na Casa da Música, uma nova e refrescante proposta, onde predominam as linhas de baixo hipnóticas, o dub e as guitarras, cortantes e que vagueiam entre o pós-rock e o rock". A abrir o espectáculo, apareceriam os Bandex, o quarteto nacional que vira o seu single, Nite Lite, ser remisturado por I-Wolf. Para mim, tudo isto era chinês.

O relevante não era o facto de eu estar pouco informada sobre a cultura jovem, mas o tipo de oferta musical que a instituição programou para o seu primeiro ano. Sei que, pela Casa da Música, passaram nomes tão famosos quanto o de Alfred Brendel, mas a instituição albergou um tipo de música que, na minha opinião, apenas tem cabimento em discotecas. Não julgo competir ao Estado a tarefa de dar aos jovens o que estes facilmente obtêm nas "noites", mas fornecer-lhes o que de melhor o património musical nos legou. Ora, na Casa da Música, a percentagem de música não clássica - o pop, o rock, o reggae, o jazz, o soul, o funk, o fado - ultrapassa a da música clássica. Isto não me parece normal, até porque o orçamento para o funcionamento da instituição (10 milhões de euros) é muito elevado. Por que motivo terei eu - e os outros contribuintes - de pagar um género de música que o tempo virá a demonstrar nada mais ser do que lixo? Ao tentar esbater as diferenças entre a cultura superior e a cultura de

massas, a Casa da Música está a prestar um mau serviço aos portugueses.

Outra questão importante diz respeito ao financiamento da construção. Em 1998, quando surgiu a Casa da Música como "o projecto emblemático" do Porto 2001/ Capital Europeia da Cultura, o orçamento foi calculado em 16 milhões de euros. Posta a obra a concurso, ganhou Rem Koolhaas. Com o tempo, tudo derrapou. Em vez de ter ficado pronto em 2001, o edifício só o viria a estar quatro anos mais tarde e, mais grave, o seu orçamento teve de ser multiplicado por sete: o custo, sabemo-lo hoje, foi de 112 milhões de euros. Os financiadores - o Estado central e a Câmara Municipal do Porto - foram ludibriados por um arquitecto que se julga acima de tudo e de todos.

Nascido em 1944 em Roterdão, Rem Koolhaas é um intelectual idiossincrático. Tendo começado a vida como jornalista e script-writer, decidiu frequentar, em 1968, uma Faculdade de Arquitectura londrina. Depois de uma pós-graduação nos EUA, tornou-se famoso com a publicação de um livro, o Delirious New York, o que lhe valeu ser convidado para Professor na Universidade de Harvard. Pouco depois, formava a equipa de arquitectos, sedeada no OMA (Office for Metropolitan Architecture) que, com ele, passou a trabalhar. Entretanto, tornava-se notado, não só pelo que construía, mas pelo que dizia. Eis algumas das suas pérolas retóricas: "O urbanismo é comparável à propaganda feita à volta da Coca-Cola: pura e espectacular ideologia. O capitalismo moderno, que organizou a redução de toda a vida social a um espectáculo, é incapaz de apresentar qualquer outro espectáculo, a não ser o da sua própria alienação". De acordo com ele, num mundo globalizado as cidades estão a ficar cada vez mais parecidas: "Dizemos que queremos criar beleza, identidade, qualidade, singularidade. E, no entanto, possivelmente estas são as cidades a que aspirámos". Finalmente, confessava: "Penso que é interessante compreender a cidade, não como um tecido, mas como 'mera' coexistência". O buraco da Boavista deve tê-lo deliciado.

Quem vive no Porto - ou em Lisboa - não possui locais agradáveis onde levar as crianças durante o fim-de-semana. O que se passa com a Casa da Música é o mesmo que ocorre em Lisboa de cada vez que há uma exposição na FIL: as pessoas afluem porque desejam manter os pimpolhos ocupados e os cônjuges silenciosos.

Chegamos ao cerne da questão, a arquitectura modernista. É verdade que nem tudo o que se construiu desde 1900 é feio. Há edifícios modernos onde me sinto bem. Limitando-me à cidade onde nasci, Lisboa, basta lembrar a sede da Fundação Gulbenkian, da autoria dos arquitectos Pedro Cid, Alberto Pessoa e Ruy d´Athouguia, uma ilha de paz no meio de uma cidade caótica, ou a Torre do Tombo, desenhada pelo Arq. Arsénio Cordeiro, onde o clima de paz conduz à investigação. Mas, importa não esquecer que, para além das qualidades de um edifício, existe o meio onde está implantado. Se gosto da Fundação Gulbenkian é também por as suas janelas abrirem sobre os mais bonitos jardins da capital. Um arquivo, a Torre do Tombo não carece, por seu lado, de grandes janelas. Caso contrário, seríamos obrigados a defrontar-nos com a Cidade Universitária.

Portugal, ninguém o pode negar, está cada vez mais feio. Os portugueses não prezam a herança arquitectónica, em grande medida por o passado lhes lembrar a vida miserável que os seus antepassados levaram. Preferem, por conseguinte, edificar casas imitando os modelos existentes nos países para onde foram forçados a emigrar. Se, neste caso, os compreendo, desculpando, até certo ponto, os autores destes crimes arquitectónicos, o mesmo não posso dizer das encomendas públicas. Supostamente escolhidas por gente ilustrada, denotam a subordinação a uma estética que, por não ser entendida, é admirada acriticamente. Foi assim que o Porto, uma cidade possuindo edifícios tão belos quanto o Paço Episcopal, a Cadeia da Relação e o Hospital de Sto. António, se viu dotado de um poliedro esdrúxulo.

A arquitectura é uma arte propícia à concretização de sonhos megalómanos. O impulso para desenhar cidades ideais não é novo. No século XV, o florentino Antonio Filarete, que trabalhava para o Duque Francesco Sforza, planeou uma cidade, a que pôs o nome de "Sforzinda", cujas ruas se destinavam a substituir a confusa cidade medieval. O impulso atingiu o paroxismo após a Revolução Francesa, tendo-se agravado no século XX. Foi em França - a pátria da Razão - que o suíço Charles-Edouard Jeannert, mais conhecido por Le Corbusier, viria a exercer, em primeiro lugar, a sua influência. A deontologia da profissão não incluía, segundo ele, o dever de trabalhar com o mundo real, nem, muito menos, com o passado arquitectónico. O resultado está à vista.

Embora rejeite rótulos, é à escola modernista que Rem Kooolhas pertence, como o prova a sua indiferença pelo locais onde os seus edifícios são construídos. É curioso que o projecto da Casa da Música tenha nascido de um outro, abandonado a meio. O desenho começou por se destinar a uma habitação, a casa Y2K, feito para um cliente excêntrico que não desejava encontrar-se com os familiares com quem partilhava o tecto. Koolhaas desenhou um bloco de tal forma concebido que permitia criar espaços isolados. Foi esta ideia, ampliada cinco vezes, que deu lugar ao recém inaugurado centro cultural.

Ninguém sabe o que pensam os portuenses da Casa da Música. Não me custa a crer que o considerem melhor do que a cavidade deixada pelo abandono do depósito de tramways, mas não acredito que o considerem belo. Se o divórcio entre a Casa da Cultura e o público se não nota é por a oferta cultural ser parca. Não digo que a instituição esteja morta. Pelo contrário: vi muita gente a entrar e a sair, impressão confirmada pelas notícias recentemente vindas a público: durante 2005/6, a Casa da Música organizou 387 "eventos", a que assistiram 183.531 espectadores. Quem vive no Porto - ou em Lisboa - não possui locais agradáveis onde levar as crianças durante os fins-de-semana. O que se passa com a Casa da Música é o mesmo que ocorre em Lisboa de cada vez que há uma exposição na FIL: as pessoas afluem porque desejam manter os pimpolhos ocupados e os cônjuges silenciosos.

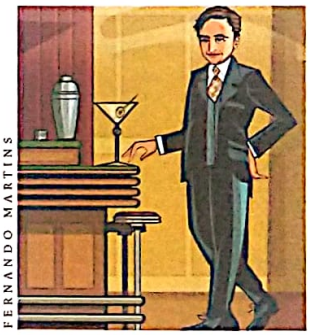
A pressão dos lobbies - e o dos modernistas é poderosíssimo - levou a que fossem tecidas loas à Casa da Música. Não faço parte do círculo de admiradores. Por detrás deste desenhos - já em tempos falei dos bairros da Malagueira, em Évora, e no das Águas Férreas, no Porto, ambos de Siza Vieira - há qualquer coisa de penitencial. É como se os autores destes edifícios e destes bairros fossem incapazes de usufruir os prazeres da vida. Uma das mais poderosas críticas que conheço ao modernismo veio de onde menos se podia esperar. Estou a falar do filme Mon Oncle, de Jacques Tati (1958), em que a personagem central se defronta, no quotidiano, com uma casa construída segundo os princípios vanguardistas. Tenho a certeza de que Monsieur Hulot teria odiado, tanto quando eu, a Casa da Música. ●

Speakeasy

SOBRE ARQUITECTOS E MODERNISTAS, NEURÓTICOS E EXPLORADORES, CONGRESSOS E AMADORES

João Pereira Coutinho

MIGUEL SOUSA TAVARES, em crónica do Expresso, perguntou há uns tempos se a arquitectura é feita para seres humanos ou para o gosto exclusivo dos arquitectos. Boa pergunta. As inquietações do cronista centravam-se em polémica farta que Madrid ofereceu ao mundo: Álvaro Siza Vieira, o "nosso" Siza, elaborou um projecto para o Passeio do Prado que contempla, segundo parece, o abate de 700 árvores centenárias. Os madrilenos não gostaram do "conceito" e, liderados por Carmen Cervera, viúva do barão Von Thyssen, opuseram-se à remoção das árvores e à conversão do "triângulo da arte", que compreende o Prado, o Rainha Sofia e o Thyssen-Bornemiza, num longo corredor de asfalto. Siza reagiu e confessou-se espantado com a sanfona. Para o arquitecto, houve um concurso, houve um júri, houve a aprovação de um projecto. Curiosamente, o que não houve na cabeça de Siza foi a possibilidade do projecto estar errado e do júri que o aprovou também. Percebe-se. Se existe neste mundo uma completa omnisciência estética, e uma insuportável arrogância de classe, ela pertence, por inteiro, aos arquitectos. Roger Scruton, que Siza devia ler, explica porquê: porque a arquitectura, que tradicionalmente lidava com pessoas, absorveu a lição modernista e aplicou-a a espaços comuns. A pergunta de Scruton é séria e merece reflexão: será que a arquitectura, como pretendia Gropius, pode perseguir e aplicar a estética moderna que Eliot legou à poesia, Joyce ao romance e Matisse à pintura? Ou, dito ainda de outra forma: será possível apreciar o modernismo na literatura e nas telas mas recusá-lo como programa na arquitectura? A resposta de Scruton é positiva. E positiva porque a arquitectura não se limita ao trabalho solitário de um criador no seu gabinete, movido pela busca incessante de uma originalidade formal. Ela destina-se a seres humanos diversos e às comunidades onde estes habitam. Podemos ler, ou não ler, Joyce. Podemos evitar, ou não evitar, Eliot, ou Schoenberg, ou Matisse. A nossa escolha é a nossa escolha: uma questão de gosto, às vezes intransmissível. Mas a arquitectura é, por definição, inescapável: ela impõe-se indiferentemente como realidade colectiva. A natureza potencialmente autoritária da arquitectura moderna, que horroriza Sousa Tavares, e com razão, parte desta confusão primeva entre expressões artísticas distintas.


FERNANDO MARTINS

PASSARAM 150 ANOS sobre o nascimento de Freud e as velhas guerras regressaram com novas roupagens. Freud era um charlatão ou um cientista sério? Freud abriu as portas à irresponsabilidade individual pela defesa do determinismo psíquico ou a sua visão trágica da vida implica um módico de repressão sem o qual a vida em sociedade é impraticável? E os plágios? Freud foi original ou canibalizou autores e colegas sem freio nem vergonha? Não me meto nestas polémicas arcanas. A única resposta possível é uma resposta pessoal: Freud interessa-me pouco como cientista e a redução dos problemas psíquicos à repressão das fantasias sexuais na infância é obviamente improvável, no duplo sentido do termo. Mas Freud como estilista, e até como pensador, merece vénias atrás de vénias: só um génio é capaz de gravar na consciência da posteridade teses e conceitos que, se não são verdade, por Deus, parecem mesmo verdade. Tão verdade que passaram a ocupar - inconscientemente? - as conversas mais inocentes das criaturas mais inocentes. Curiosamente, só Harold Bloom notou a afinidade natural entre Michel de Montaigne e Sigmund Freud: a ambição de cartografar a mente humana era, em ambos os casos, uma ambição pessoal, ou seja, exercida pelos autores sobre si próprios. Não admira que Totem e Tabu ou A Interpretação dos Sonhos, mais do que tratados "científicos", ou até "culturais", sejam sobretudo explorações autobiográficas no sentido mais basilar do termo: viagens interiores à mente humana que o explorador partilha com o auditório. Enxotar Freud do prato com a colher da ciência é deitar fora um escritor que merece ser lido, desde logo, como escritor.

E POR FALAR EM FREUD: não é simplesmente cómico, ou trágico, que a direita portuguesa mergulhe em actos falhados atrás de actos falhados? Bem sei que ser oposição é, em essência, um compasso de espera até ao dia em que o poder cai do céu aos trambolhões. Aconteceu com Durão. Aconteceu com Sócrates. Mas ao presenciar os congressos sucessivos do CDS e do PSD, não posso deixar de pensar o que seria da direita, da nossa direita, se os complexos ideológicos que envenenaram as relações nos últimos anos fossem finalmente enterrados e houvesse o entendimento possível para uma alternativa possível ao PS e à esquerda instalada. Uma alternativa única, ou seja, unificada. Dizem-me que os anticorpos abundam de um lado e do outro: o PSD não gosta de Portas e a "social-democracia" é um insulto para o conservadorismo do Caldas. Eis a menoridade intelectual no seu melhor: reduzir questões políticas a pruridos pessoais. Um erro. As direitas podem continuar a pregar no deserto, cada uma para o seu lado, com típico amadorismo. Será sempre um esforço vão e, mais ainda, um lamentável equívoco. ●

O 25 DE ABRIL DE SALAZAR

Rui Ramos

Tal como o 25 de Abril de 1974 poderia ter acabado numa ditadura marxista, mas deu lugar à democracia em 1976, também o 28 de Maio de 1926 poderia ter acabado numa república reformada, mas deu lugar ao Estado Novo. Por estranho que possa parecer, as semelhanças e as analogias não se ficam por aqui

ILUSTRAÇÃO DE LUCY PEPPER

O que é que aconteceu há 80 anos, a 28 de Maio de 1926? A resposta mais óbvia parece ser esta: foi o 25 de Abril de Salazar, o começo militar do regime salazarista, tal como o "25 de Abril" foi o início do regime democrático actual. O modo como o Estado Novo sempre comemorou a sublevação militar de Braga torna a analogia fatal. Não foi Salazar chamado a Lisboa logo no dia 3 de Junho, para tomar conta da pasta das finanças? Mas a história, como quase sempre acontece, é mais complicada. Salazar, em 1926, não durou. Demitiu-se passadas duas semanas, a 17 de Junho, e não voltou durante dois anos (até 26 de Abril de 1928). Anos depois, em privado, gostava de explicar que "a revolução de Maio" não tinha sido feita para ele.

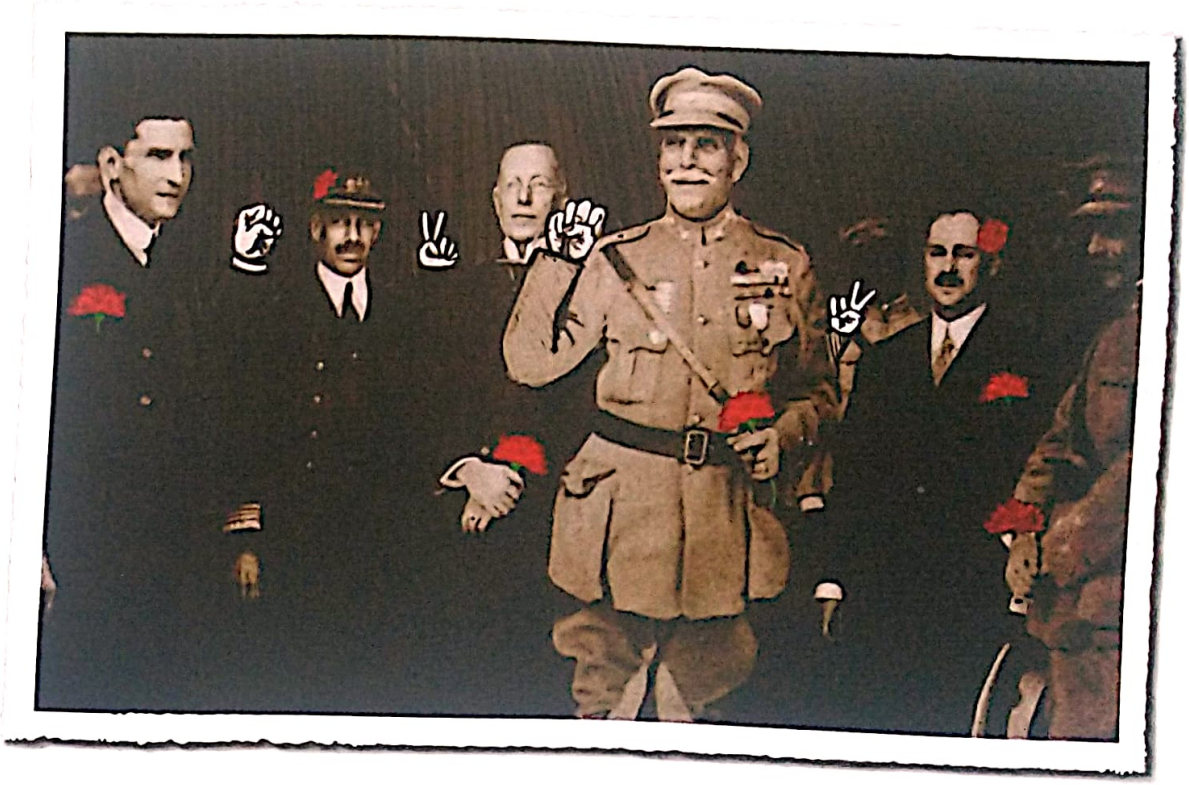
A verdadeira analogia do 28 de Maio com o 25 de Abril é esta: o modo como as sublevações militares, mais do que definir imediatamente um novo regime, abriram um leque de possibilidades. Assim como o 25 de Abril de 1974 poderia ter acabado numa ditadura marxista, mas deu lugar à democracia em 1976, também o 28 de Maio de 1926 poderia ter acabado numa república reformada, mas deu lugar ao Estado Novo (1933). Vamos tentar perceber porquê.

PELA LIBERDADE, CONTRA A DITADURA.

Ao contrário do 25 de Abril, o 28 de Maio não começou em Lisboa, mas em Braga, então percorrida pelas procissões de um congresso católico. Ás 4 horas e trinta minutos do dia 28, o regimento de Infantaria 8 sublevou-se. Depois, o telégrafo espalhou uma proclamação ao país, anunciando um "Governo Nacional Militar" que, após "salvar a pátria", entregaria o poder "a uma verdadeira representação nacional". Nos dias seguintes, outras guarnições militares foram aderindo. Não houve combates, mas apenas isto: marchas e contramarchas de tropas que se deslocaram do sul e do norte, em comboio e a pé, em direcção a Lisboa.

As fotografias da época mostram soldados a marchar em estradas poeirentas, entre muros de quintas, ou acampados ao pé de estações ferroviárias, à espera de transporte. Na tropa, é evidente a divisão de classes de uma sociedade rural. A maioria dos soldados são obviamente jovens camponeses, tisnados pelo sol e atarracados, com bigode e maus dentes. Os oficiais são homens mais altos, a maior parte originários das classes médias das cidades, uma parte já com a face completamente barbeada, como começara a ser moda. Todos envergavam as fardas cinzentas que tinham substituído os uniformes coloridos do século XIX. O papel principal na revolta coube a um militarão de 64 anos, o general Gomes da Costa, com um metro e noventa e um vocabulário de caserna que o tornava mais ou menos impossível de citar: a sua principal habilitação para governar estava, segundo o próprio, no facto de "os ter bem negros".

Nas cidades, os rebeldes desfilaram entre as palmas entusiasmadas das multidões. Os oficiais à frente da revolta prometiam "garantir todas as liberdades até há pouco sempre desrespeitadas" por uma "ditadura de políticos irresponsáveis". Quase toda a imprensa rejubilou, antecipando o fim do "regime vexatório da censura prévia e da apreensão". Quanto à forma republicana, ninguém a discutia. Gomes da Costa e o comandante Mendes Cabeçadas, que se pôs à frente dos revoltosos em Lisboa, tinham sido militantes de partidos republicanos. O general Carmona, chefe das tropas sublevadas em Évora, fora ministro de um governo republicano. Cabeçadas e Carmona eram maçons. Tinham-se limitado a impor um "governo militar", supostamente sem ligações a qualquer partido. Demitido o governo, deposto o Presidente da República, encerrado o parlamento, o país passou a ser dirigido por oficiais do exército, que ocuparam quase todos os lugares, dos ministérios aos governos civis. Não era caso único na Europa. O general Pilsudski dera um regime militar semelhante à Polónia duas semanas antes, a 12 de Maio, e o general Primo de Rivera fizera o mesmo em Espanha, em Setembro de 1923.



UMA REVOLUÇÃO DESNECESSÁRIA?

Para que serviu o 28 de Maio? Segundo António Maria da Silva, para nada. António Maria da Silva chefiava o governo derrubado pelo golpe militar. Tinha sido um dos chefes da Carbonária em 1910, e era grão-mestre adjunto da Maçonaria. A República que ele ajudou a fundar consistiu, durante anos, no domínio do Estado por um movimento revolucionário, dirigido pelo Partido Republicano Português (PRP), apostado em destruir violentamente os obstáculos institucionais e culturais ao igualitarismo e ao racionalismo. Ao domínio do PRP, inicialmente chefiado por Afonso Costa, chamaram a "ditadura da rua", devido ao papel de grupos paramilitares de "revolucionários civis" na repressão política.

Em 1913, a retirada do direito de voto aos analfabetos revelou como, para o PRP, a maioria da população não era de confiança. A 14 de Maio de 1915, o levantamento dos "revolucionários civis" contra o presidente Manuel de Arriaga, que se atrevera a demitir um governo do PRP, provou que o partido se reservava o direito de recorrer à força sempre que o jogo político não lhe corria de feição. A Grande Guerra (1914-1918), porém, foi um choque. A revolução de Sidónio Pais, em 1917, revelou a amplitude da rejeição do PRP. O golpe bolchevista na Rússia chamou a atenção para a deriva totalitária dos projectos de transformação violenta da sociedade. O ambiente mudou em Portugal, tal como na Europa. A "ordem" e o "conservadorismo" tornaram-se outra vez populares, numa nova síntese "nacionalista". Vários líderes do PRP, entre eles António Maria da Silva, perceberam que precisavam de reconciliar-se com as tradições nacionais, de respeitar a legalidade, limitando o arbítrio dos "revolucionários civis", e de provar às classes médias que sabiam governar, parando a inflação. Afonso Costa foi abandonado no exílio. O PRP aceitou que não precisava de governar sempre, mas que podia rodar no poder com uma "direita republicana".

Depois de 1926, Silva ainda viveu muito tempo - morreu só em 1950. Explicou sempre que tudo aquilo que os militares e Salazar depois disseram que estavam a fazer, tinha sido iniciado por ele, à esquerda. Tirar o poder aos "revolucionários civis" que aterrorizavam Lisboa? Tinha sido ele, António Maria da Silva, quem o fizera, ao instruir o exército, em 1922, para desmantelar a GNR, que funcionava então como a base de uma agitação revolucionária permanente. Pôr termo ao descalabro financeiro? Em 1926, já ele tinha um equilíbrio orçamental preparado. Reconciliar a república com os católicos? Fora ele quem pusera termo à "guerra religiosa". Combater os anarquistas, responsáveis pela explosão de 325 bombas em Lisboa entre 1920 e 1925? Ninguém tinha sido tão implacável como ele. Podia ainda ter acrescentado, se o soubesse, que a embaixada inglesa o considerava um "fascista".

O que António Maria da Silva não dizia é que, em 1926, perdera a capacidade para continuar as reformas. Até então, o PRP tinha sido incomodado sobretudo pela "direita republicana", por vezes apoiada em católicos e monárquicos. A partir da inflexão "conservadora" de Silva, apareceu uma nova contestação: a da ala esquerda do PRP, que considerou as reformas uma "traição" aos ideais do partido. Em 1925, essa esquerda separou-se em massa para fundar um novo partido, a Esquerda Democrática, que logo se aliou ao novo Partido Comunista Português (PCP). A Esquerda Democrática passou a fazer uma oposição agreste, usando a negociação do monopólio do tabaco e o escândalo Alves dos Reis para desacreditar a "ditadura silvista". O PRP de Silva ficou assim simultaneamente isolado à esquerda, onde a Esquerda Democrática tentava levantar contra ele a massa dos "revolucionários civis", e à direita, onde poucos confiavam no antigo "carbonário" para resistir ao radicalismo. Toda a gente começou a conspirar para o derrubar: uns para impedir as reformas, outros para as fazer. Ninguém, porém, tinha força para substituir António Maria da Silva legalmente. Silva dispunha da máquina eleitoral montada pelo PRP, que se confundira com o Estado. Em Dezembro de 1925, apesar da contestação, ganhou as eleições, graças ao domínio da administração pública sobre um eleitorado reduzido. A última esperança para o remover legalmente tinha sido o

presidente Teixeira Gomes. Mas Gomes acabou por resignar em 1925. E o novo presidente da república, Bernardino Machado, parecia sustentar o "António-maria-da-silvismo". Só o exército parecia em condições de o remover. Consciente da sua fragilidade política, Silva não resistiu aos militares.

O "PREC" DE 1926-1928.

O exército que fez o 28 de Maio era, em termos de efectivos, corpo de oficiais e despesas, o maior que tinha havido em Portugal desde as invasões francesas. O seu papel na vida pública era enorme: a tropa estava constantemente na rua para conter greves, e desordens. Todos os inimigos do PRP, da direita à esquerda, tentaram constantemente desinquietar os oficiais para aventuras. Em 1925, já tinha havido vários rebentos do que viria a ser o 28 de Maio. A questão não era saber se o golpe militar ia ou não acontecer, mas saber o que se lhe ia seguir. Foi o que os comandantes militares do 28 de Maio não puderam esclarecer. Eram vários e com tendências diferentes. Passaram o Verão de 1926 a eliminar-se uns aos outros - literalmente, através de golpes e contragolpes. Foi neste contexto, em Junho de 1926, que Salazar chegou e partiu logo. As forças armadas portuguesas, com uma forte tradição de profissionalismo corporativo, não tinham uma tradição de golpismo latino-americano. Os oficiais mais graduados eram, depois das depurações do regime, quase todos republicanos, e os que não o eram, sentiam-se apesar de tudo "liberais". Entenderam sempre o seu papel como de transição. Mas uma transição para quê? Durante algum tempo, admitiu-se o regresso a um regime de partidos republicanos, mais ou menos renovado, depois de feitas as grandes reformas, que Silva iniciara, mas não conseguira continuar.

Havia, porém, uma força que não estava interessada numa transição pacífica para um regime civil pluralista: a Esquerda Democrática. No dia 29 de Maio, os seus líderes tinham sido vistos no Chiado, a gritar "viva Gomes da Costa!" Não temiam o exército, mas sim a devolução do poder a António Maria da Silva ou à "direita republicana". A única maneira de impedirem isso era serem eles a "restaurar a república", derrubando a "ditadura militar", a quem começaram a acusar de querer restaurar a monarquia e o jesuitismo. Nunca esperaram perder a partida. Em 1926, diziam, por graça, que já só faltava saber o mês em que ia ser o "14 de Maio". Foi com essa confiança que começaram as revoltas de Fevereiro de 1927 no Porto e em Lisboa. Aqui, tiveram a surpresa das suas vidas. Onde esperavam encontrar, como de costume, unidades militares confusas e sem vontade, tropeçaram numa inusitada vontade de resistência.

O 28 de Maio, tal como depois o 25 de Abril, projectou num primeiro momento alguns velhos generais. Mas a sua base estava numa nova geração de jovens oficiais vindos da Grande Guerra na Europa e em África. Em Lisboa, encontravam-se concentrados no Grupo Militar de Campolide, especialmente no Batalhão de Caçadores 5, sediado no que é hoje a Faculdade de Economia da Universidade Nova. Funcionava aí o chamado "soviete de tenentes", que condicionou a política militar entre 1926 e 1928. Eram jovens a quem a experiência da guerra fizera romper com o passado. Sentiam-se, como disse um deles, "pais de si próprios". Estavam ligados entre si por um juramento: nunca se renderem, e recusarem condecorações e promoções. Foram eles que, durante uma semana, deram luta às massas de "revolucionários civis" esquerdistas, a maior parte funcionários públicos, e às forças da Marinha e da GNR, então sintonizadas com o esquerdismo, que se dispunham a "restaurar a república". No fim do que foi uma verdadeira guerra civil, contaram-se mais de 200 mortos e 1000 feridos em combate. Entre os jovens "tenentes" que se destacaram em Lisboa, no campo de batalha do largo do Rato, estava Humberto Delgado. Nos dias seguintes, Lisboa ficou sujeita ao recolher obrigatório a partir das seis da tarde. Era até proibido assomar às janelas. Um dos jovens tenentes nunca mais esqueceu as suas patrulhas numa capital deserta e silenciosa, transfigurada numa espécie de paisagem natural: as "ruas pareciam gargantas cavadas entre rochedos".

Para manter a analogia inicial, poderíamos dizer que o "7 de Fevereiro" foi um "11 de Março" mais sangrento. A partir daí, os tenentes fizeram uma pressão acrescida para que a "situação" não acabasse num simples retorno ao passado. Reuniam-se nos quartéis, nos ministérios, no café Martinho, em permanente discussão política. Exigiam uma "política nova", a "modernização" do país. Os intelectuais radicais da época, como os do Integralismo Lusitano, fizeram tudo para os seduzir. Em Agosto de 1927, três dos "malucos de Caçadores 5", impacientes com as ambiguidades dos generais, invadiram o Palácio das Necessidades, sede do governo, deram um tiro no ministro da justiça (falhando felizmente o alvo), e um pontapé no traseiro do novo Presidente da República, o general Carmona. O temor que inspiravam era tanto que nem sequer foram logo presos. Os ministros, amedrontados, limitaram-se a chamar-lhes um táxi para eles voltaram a Campolide. Houve então uma espécie de PREC, caótico, dispendioso e violento, a que Salazar iria pôr termo depois de 1928, gradualmente. Tal como vários capitães de Abril não se adaptaram à democracia, também muitos dos tenentes de Maio, habituados à vida revolucionária, acabariam por se desiludir com o Estado Novo.

EM DIRECÇÃO AO "VIVER HABITUALMENTE".

Em 1930, o grão-mestre da Maçonaria, o general Norton de Matos, declarou que o regime se preparava para evoluir num sentido mussoliniano. Não era certo. Na Europa, o fascismo estava confinado à Itália. O destino da ditadura militar não estava determinado. Tanto assim, que o próprio Norton de Matos ainda tentou formar um partido para concorrer a umas possíveis eleições. Em 1928, Salazar, chamado por intermédio dos jovens tenentes, trouxe uma ideia que se caracterizava sobretudo pela negativa: não era o domínio dos partidos republicanos, não era a restauração da monarquia, não era a conquista do Estado pela Igreja, não era o fascismo - quando muito, seria uma "fascização", uma abertura aos monárquicos, uma reconciliação com a Igreja, mas também uma aceitação da república como regime, incluindo a separação entre a igreja e o Estado. Muitos republicanos aderiram à União Nacional. Outros, para conservar os lugares, mantiveram-se quietos. A recusa dos esquerdistas em colaborar serviu como álibi para fazer da "ditadura", que até então tinha sido pensada como um regime de transição, uma situação permanente. Segundo Salazar, seria a única forma de os portugueses, demasiado divididos e indisciplinados, viverem "habitualmente".

Devido à violência dos governos republicanos anteriores a 1926, a transição para esta fórmula autoritária não foi tão chocante como se poderia pensar hoje. Tanto mais que os esquerdistas, que nunca desistiram de conspirar, foram-se radicalizando a cada derrota, aproximando-se das teses dos comunistas. Por fim, aquilo que se chamava a "restauração da república" começou a confundir-se, não com o retorno a uma democracia liberal (que aliás nunca tinha havido desde 1910), mas com a instalação de um regime de vingança, com uma eventual queda no comunismo. Neste contexto, o salazarismo, apesar da censura, brutalidade policial e discriminação política, pôde parecer a muitos um "mal menor". A embaixada inglesa, num relatório secreto de 1928, não tinha dúvidas: "a maioria da nação apoia o governo". Quanto a António Maria da Silva, não aderiu obviamente ao Estado Novo, mas continuou a sentir-se roubado. A alguns dos jovens "tenentes", parece ter feito votos para que eles realizassem as reformas "que a nós não nos deixaram fazer". Talvez Silva tivesse sido capaz de fazer, à esquerda e num quadro parlamentarista, muito daquilo de que depois Salazar colheu o crédito. A verdade é que os esquerdistas do seu próprio partido lhe tiraram força para isso. O "fascista" teve de ser Salazar. ●

Coluna Social

ELES, OS POLÍTICOS

Pedro Lomba

Que tipo de pessoas queremos que os políticos sejam? Que tipo gostaríamos que fossem? Se lhes atribuímos cargos e responsabilidades, se lhes damos o poder e a autoridade para intervirem na nossa vida, é porque eles terão um conjunto de qualidades próprias que valorizamos. E, notem, estou naturalmente a presumir que para votarmos num político não basta que ele diga o que lhe queremos ouvir. Precisa de as dizer de uma certa maneira, de afirmar certas predisposições e qualidades. A questão é: quais são essas qualidades? Porque é que aderimos à personalidade de alguns políticos, às vezes de uma maneira cega e obstinada, enquanto outros nos parecem indesejáveis, absurdos, odiosos?

Este tema interessa-me, em parte porque tenho uma veia moralista (embora não num sentido ideológico ou conservador); em parte porque só conheci políticos em acção na vida adulta e esse facto impediu que começasse por ter uma ideia sobre os políticos antes mesmo de ter conhecido um deles. Não imagino a infância de quem cresceu a assistir a reuniões partidárias, entre conspirações de fim-de-semana, moções e panfletos, jantares a altas horas, de quem se habituou a isto tudo antes de estar em condições de reflectir sobre o que via. Calculo que a experiência não deixe marcas felizes e, agora que penso nisto, digam-me um só filho ou filha de um estadista que tenha perpetuado a carreira política do seu progenitor? Não vejo exemplos. O filho de um escritor pode tornar-se escritor, o de um futebolista pode vir a ser futebolista. O filho de um político acaba por escolher outro género de vida. O filho da Sra. Thatcher, por exemplo, escolheu a prisão.

Mas não é disso que estou a falar. Não penso agora em situações acidentais e traumáticas que podem contaminar, à partida, qualquer apreciação sobre os políticos. Estou a pensar na pergunta com que comecei este texto: como é que queremos que os políticos se comportem? O destino de um político está tão ligado a características pessoais, ao que ele consegue fazer de si próprio, à ideia que transmite ao eleitorado, que pensar nisto nos ajuda a compreender os motivos por que vencem uns e fracassam outros. Se o que pretendêssemos de um político fosse apenas "inteligência", "competência", "capacidade de trabalho", não precisaríamos dos rituais das democracias que põem políticos em competição com outros políticos. A democracia não é apenas o regime que permite retirar do poder alguém que não reúne qualidades morais elementares, alguém que roube, violente ou engane. A democracia é também a forma de governo que permite mostrar essas qualidades ou a ausência delas num processo político dinâmico e aberto.

Uma resposta óbvia é: queremos políticos que actuem moralmente. Queremos políticos que se comprometam com algumas regras básicas de carácter e comportamento. Queremos políticos suficientemente conscienciosos para saberem do poder e da responsabilidade que têm nas mãos. Queremos políticos que pensem a longo prazo, enquanto actuam no curto prazo. Queremos políticos que nos digam o que não sabemos, que nos ofereçam soluções, que nos dêem segurança. Queremos políticos que assumam que só farão o que conseguirem fazer. Queremos políticos que se rodeiem dos melhores que puderem encontrar. Não queremos políticos cujo único interesse seja o de sobreviverem a todo o custo. Os políticos sobreviventes não o são por terem conhecido a infelicidade ou a derrota; são sobreviventes porque sabem que as suas próprias fragilidades não lhes permitem mais do que isso. Os políticos sobreviventes têm demasiado receio de perder o que já adquiriram ou de nunca vir a conseguir o que ambicionam.

E no entanto, depois disto há um espaço em que também queremos que a moral recue perante a política, que a política construa a sua ética autónoma e contextualizada. Não podemos pretender que o nosso pai seja sempre bondoso. Da mesma maneira, não queremos que aqueles que elegemos se mostrem magnânimos em todas as situações. Às vezes pode ser preciso que um político seja imoral, que suje as mãos, que sacrifique alguns valores. O mesmo político que é reprovável numas circunstâncias pode tornar-se imensamente relevante noutras. Um pouco de imoralidade é sempre inevitável e necessário, na condição de esses actos imorais serem ainda assim actos de políticos morais. Não é preciso ler Maquiavel para saber isso. ●

TUDO PODE ACONTECER

Jorge Madeira

O Campeonato do Mundo da Alemanha pode ser um dos melhores de sempre. Porque vão lá estar alguns dos melhores jogadores jamais nascidos: Thierry Henry, Zinedine Zidane, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo são atletas que redesenharam o modo de jogar futebol. Fique a saber já quais vão ser os resultados finais de todos os jogos decisivos

ILUSTRAÇÃO DE LUCY PEPPER

Uma das particularidades - para além de não ter interesse nenhum - do Campeonato Alemão de Turismo (uma popular competição automóvel) é que, com o decorrer da prova e com o intuito de aumentar a "competitividade" das corridas, quem lidera as classificações está sujeito a uma penalização "competitiva", por forma a evitar o desagradável cenário de ver as melhores equipas e os melhores pilotos ganharem todas as vezes que a sua qualidade faria prever e a justiça fazia por merecer: assim, mandam os regulamentos acrescentar ao peso mínimo legal por carro mais cinco quilogramas por cada vitória, até um máximo de 20 quilogramas.

Felizmente que esta cedência às exigências de emoção fácil pelo povo deseducado e bruto, típico das sociedades democráticas em eterno trânsito para o populismo, não chegou ao futebol e assim, quando a 9 de Julho próximo, pelas 9 horas, a França e o Brasil se encontrarem (3-2 para o Brasil, golos de Ronaldo, Adriano, Ronaldinho Gaúcho, Thierry Henry e, já nos descontos, Zinedine Zidane, em inusitado chapéu a Dida), após tranquilo percurso pelos respectivos adversários a culminar na reedição da trágica final de 12 de Julho de 1998 em Paris, os seus jogadores não vão ter que andar com uma mochilinha de chumbo às costas.

Poder-se-iam, claro está, inventar outras formas, mais futebolísticas (digamos assim), de equilibrar os jogos. A FIFA poderia treinar médicos a encravar cirurgicamente as unhas dos pés de jogadores que se demonstrem demasiado bons para os demais. O Brasil, por exemplo, poderia ser condenado a encravar o total de 180 unhas dos pés dos seus deuses-atletas quando jogar contra o Gana nos oitavos de final, o que com certeza provocaria um reequilíbrio de forças (3-0 para o Brasil; Ronaldo, Ronaldo e Adriano, após três assistências de Ronaldinho). E nos quartos de final, contra a Espanha (3-0 para o Brasil; Ronaldo, Ronaldo e Adriano, a concluir três assistências de Ronaldinho), que fazer? Esmagar-lhes os quintos metatarsos? Amputar-lhes os dedos dos pés? Provocar-lhes gangrenas localizadas? Injecções de barbitúricos? Contratar franco atiradores?

Não nos iludamos, no entanto: não é por vontade dos organismos que regem o futebol que a França (2 sequinhos à Ucrânia nos oitavos de final; 2 sequinhos como o deserto do Atacama à Itália nos quartos de final) e o Brasil são tão melhores que todos os outros. É porque os desportos colectivos e, particularmente, estas competições por nações, não deixam margem de manobra para regras ridículas com vista a "aumentar a competitividade". O autómato chamado UEFA passa a vida a ameaçar com medidas que "reequilibrem" as competições europeias por clubes, mas a maravilhosa Comissão Europeia e a Escada de Jacob que é a Lei Bosman (Escadote de Bosman?) têm impedido que nos dispersem as actuais concentrações de bons jogadores por equipas como o Basileia, o Malines ou o Benfica.

Este Campeonato do Mundo da Alemanha pode ser um dos melhores de sempre. Não digo isto por dizer. O Itália 90 e o Estados Unidos 94 nunca poderiam ter sido bons Mundiais. Claro que há mundiais que poderiam ser bons e não foram, como o França 98, mas uma pessoa tem que rezar pelo melhor.

Na Alemanha vão estar, pelo menos isso é garantido, alguns dos melhores jogadores jamais nascidos: Thierry Henry, Zinedine Zidane, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo (o Figo está definitivamente acabado)

não são só, ainda, enormidades de jogadores de futebol; são atletas que redesenharam à sua vontade a maneira de se jogar futebol e que, por isso, serão recordados para sempre; são homens que, em cada jogo minimamente inspirado, arranjam soluções miraculosas para problemas até aí insolúveis, e que, a uma semana de distância, nos permite ver miúdos na rua a tentar imitá-los. Pode-se duvidar da forma de alguns destes super-homens, mas quero e esforço-me por que me palpite no peito a sensação de que o pessoal está, pelo menos, com a vontade e a energia mental necessária para se superar uma última vez.

Quem está mal, como o Zidane e o Ronaldo, vai querer deixar-nos com essa mítica e fascista entidade que é a "boa imagem final", que em Portugal assume também a horrenda formulação "não me quero andar a arrastar pelos relvados", como se meio quinto metatarso do Pedro Barbosa a arrastar-se não valesse dezanove Manducas e quinze Doualas inteirinhos no pleno da forma. Thierry Henry está talvez na sua melhor forma de sempre (para aí há sete anos que anda nisto) e o Ronaldinho Gaúcho pode estar na pior forma de sempre que não fará diferença quando se decidir quem é inequivocamente o melhor jogador do Mundial da Alemanha 2006. (Aproveito aliás para sugerir, a bem da "competitividade", que se crie um prémio lateral ao de Melhor Jogador do Campeonato do Mundo da Alemanha 2006, designado, por exemplo, Melhor Jogador do Campeonato do Mundo da Alemanha 2006 Sem Contar com o Ronaldinho Gaúcho).

Depois destes há um inextrincável novelo de jogadores que poderiam fazer a diferença neste, noutro ou naqueloutro Campeonato do Mundo de Futebol à escolha no passado ou no futuro, como o Kaka, o Adriano, o Cicinho, o....(no fundo, todos os jogadores do Brasil), o Terry, o Lampard, o Gerrard, o Cristiano Ronaldo, o Deco, o Messi, o Riquelme, o Drogba, o Makelele, o Thuran, o Totti, o Del Piero, o Shevchenko, o Crespo, sei lá, há um mínimo de caracteres para o texto. São jogadores inequivocamente nascidos com o rabo virado para a Lua, por qualquer razão pouco específica, talvez imaterial, sempre um bocadinho e num bocadinho importante melhores que os outros, que poderão ser decisivos se as estrelas para aí (no fundo, para nós) estiverem conjugadas, mas que seguramente nos encherão os glóbulos oculares com pormenores para gravar na cassete e, depois, tentar traulitar com os pés e uma bola numa tarde de verão.

Para além da França e do Brasil, que a razão e o saber futebolístico aconselham, em Portugal os portugueses desejam que a selecção portuguesa tenha sucesso. É um daqueles raros casos em que o patriotismo não fere a desejada prevalência dos mecanismos darwinistas na esfera futebolística.

Miguel, Ricardo Carvalho e Paulo Ferreira são jogadores brilhantes e quase que seriam convocados para a selecção W do Brasil; Tiago é titular da equipa com o segundo melhor futebol da Europa (Lyon) e seria convocado para a selecção brasileira se apenas se despenhassem dois A 380 cheios de meio campistas brasileiros seleccionáveis; Cristiano Ronaldo, Deco, Quaresma e Figo nasceram para jogar à bola e quase que seriam convocados para uma selecção brasileira escolhida de entre a população da Ilha do Marajó, na foz do Amazonas; Nuno Gomes está fadado para marcar golos importantes para a Selecção Nacional e seria convocado para uma eventual selecção brasileira se o campo de recrutamento se limitasse a um furo hertziano no sudeste da Rondônia; e Petit pode muito facilmente assassinar sem querer qualquer jogador que no momento nos esteja a aborrecer

o esquema técnico-táctico, sendo que é metaforicamente impossível imaginar algo que descreva fielmente uma hipotética situação em que o senhor Petit seja seleccionável para o escrete.

Dito isto e feito o vaticínio, as cautelas: vislumbro dois magníficos e luzidios (ao menos isso) escolhos até à meia-final, baptizados com os nomes Ricardo e Luís Filipe Scolari.

Aposto duas refeições de percebes da Carrapateira como à pergunta "qual é o seu maior defeito" Ricardo responderá que é "ser muito verdadeiro, muito frontal, dizer tudo na cara". Ricardo é aquele guarda-redes que defende tudo o que de defensável se lhe apresente desde que a coisa lhe seja feita às claras, de frente, sem cobardias ou inteligências à mistura. Aquilo não é homem para ironias: podem enviar-lhe os tiros que quiserem, de onde entenderem, à distância que mais desejarem e com o efeito e colocação que escolherem, que o nosso Ricardo só não impedirá a suprema violação se for mesmo, absoluta e humanamente, impossível; até o supremo terror de todos os guarda-redes, o avançado isolado, não é situação que o apoquente, e até talvez seja o seu duelo (ao sol?) preferido, onde ele e o adversário estão ali, cara a cara, olhos nos olhos, frente a frente, sem filtros, esconderijos, armas secretas ou hipótese de retirada estratégica.

Tudo isto, assim à vista desarmada, faria aconselhar o jogador Ricardo à selecção portuguesa de futebol. Faria, digo bem. Faria mas infelizmente não faz. É que se dá o infeliz caso de o terreno de jogo onde se pratica o desporto rei incluir essa infeliz pintura a que se chamam linhas laterais e linhas de fundo, nas imediações das quais é permitido por lei jogar à bola, e de onde uns seres moralmente pérfidos, e vulgarmente designados de "flanqueadores", têm por hábito corromper o Éden Ricardino - que é onde vive em permanência o nosso Ricardo quando está na sua baliza - através de uma coisa chamada "cruzamento".

O Ricardo e os cruzamentos nasceram de costas voltadas um para o outro; digo isto literalmente, pois não é raro o Ricardo nem conseguir acertar no lado do campo de onde foi feito o cruzamento cuja intercepção acabou de falhar. É para mim um insolúvel mistério a arquitectura mental que está na origem de tanta descoordenação entre a corrida para fora da baliza, o tempo de salto e a direcção e velocidade de deslocação de uma bola enviada das imediações das linhas laterais para a grande área. O Ricardo é menino para perder um cruzamento para um indivíduo que esteja debaixo do relvado a tratar das tubagens de rega automática.

O problema só pode ser de ordem moral - é materialisticamente impossível ter uma tão parca capacidade de relacionar eficazmente o tempo com o espaço: no fundo, Ricardo não consegue compreender como é que podem existir no mundo pessoas com propósitos tão dissimulados que os leve a fingir que estão quase a sair com a bola pela linha de fundo só para, no último instante, a arremessarem (às vezes com força, malandros, quando não com efeito, os anticristos) para o quintal à sua responsabilidade, onde um homem com um equipamento igual, e que mesmo ainda à bocadinho não tinha bola e parecia boa pessoa, a deixa reflectir numa qualquer parte do seu corpo para dentro da baliza.

Esta incapacidade de projecção no futuro das consequências futebolísticas da malvadez e da corrupção moral da humanidade pode estragar o Mundial a Portugal, e, o que é bastante pior, pôr em cheque as minhas previsões. Chego a pensar que se fosse possível naturalizá-lo à pressa, até o Moretto seria preferível ao Ricardo, mesmo sabendo que o Moretto é aquilo que se pode chamar um "guarda-redes ao contrário".

Depois temos Scolari. Scolari tem décadas e décadas de futebol nas pernas e na cabeça. Calculo que deva ser probabilisticamente impossível dar tantas demonstrações de invisualidade numa determinada área de conhecimento após tão prolongado espaço de tempo de exercício contínuo, ao mais alto nível, em vários continentes e em múltiplas funções de uma arte tão engomadinha como o futebol. Relembremos o Euro 2004, primeiro jogo, contra uma selecção que me abstenho de nomear: Ricardo em vez de Vítor Baía (Campeão Europeu que nem convocado foi), Fernando Couto em vez de Ricardo Carvalho, Rui Jorge em vez de Nuno Valente, Simão Sabrosa em vez de Cristiano Ronaldo, Rui Costa em vez de Deco. Acham isto normal?

Naturalmente que ao fim de tanto tempo e depois de tanto sucesso, alguma coisa penetra, alguns pozinhos de valor e sabedoria existirão lá dentro. Scolari sabe como ter ascendente sobre os jogadores, sabe motivar, sabe ser teimoso, tem timing para deixar de ser teimoso e, principalmente, sabe a percentagem mínima e exacta de teimosia que deve manter depois de ceder, retendo sempre a autoridade. Assim, no segundo jogo do Europeu, fez as substituições que toda a gente esbaforia há ano e meio (na prática metade da equipa), mas manteve o Miguel em vez do Paulo Ferreira, outra substituição que encadeava de tão óbvia e de cujo bom senso ninguém no início da competição duvidaria. Não tínhamos razão: Miguel deixou a nítida sensação de ser muito melhor que o Paulo Ferreira alguma vez poderia ser, e com a equipa treinada por Mourinho, o Miguel e um mínimo de bom senso, chegámos merecidamente à final, e vamos chegar, também merecidamente, à meia-final do Mundial da Alemanha.

Há sempre, claro, a hipótese de aparecer para aí um colectivo cheio de mijaneira, à maneira da Grécia no Euro 2004 ou da Coreia no Mundial de 2002, a estragar o regular funcionamento das instituições

Há sempre, claro, a hipótese de aparecer para aí um colectivo cheio de mijaneira, à maneira da Grécia no Euro 2004 ou da Coreia do Sul no Mundial 2002, a estragar o regular funcionamento das instituições acima referidas. Essa eventualidade, que inevitavelmente - e comprovadamente - espreita sempre demasiado perto todas as competições futebolísticas, não nos deve, no entanto, fazer baixar os braços à intransigente defesa do usufruto e prazer extremo que é ver, por exemplo, o Zinedine Zidane a tocar num esférico.

Reduzindo o problema ao quase absurdo: imaginemos que a Argentina (que vem de eliminar o México e a Alemanha) ganha à França na meia-final (e não, como vai acontecer, que a França ganhe à Argentina por três a zero), ou que Portugal (que vem de eliminar a Holanda e a Suécia) elimine o Brasil nessa mesma meia-final (e não que o Brasil dê três secos, que é o que sucederá); vá lá, num pequeno esforço, imaginemos estas duas catástrofes, que inventei propositadamente já bastante a jusante da competição para não vos deixar nervosos com outras possibilidades mais trágicas ainda. Que fazer, numa situação limite destas?

Rezar, meus caros, rezar; acender velinhas; fazer promessas à nossa senhora de Fátima (ou outra senhora assim dessas). Sabem que a fortuna já nos foi madrasta, não sabem? Viram o que aconteceu com Wayne Rooney? Estão suas excelências conscientes da quantidade de boas jogadas que, num ápice, com este abandono, desapareceram do futuro Mundial da Alemanha? Tremei, tremei, o perigo espreita a cada pisadela de terreno dos nossos heróis! Pelo sim pelo não deixo aqui a solene promessa de que se tudo correr como aqui exposto irei de Rolls Royce (ou Porsche Cayenne) a Fátima puxar fogo a uma velinha em honra das Alturas.●

In Partibus

A DESCOBERTA DO BRASIL

Paulo Tunhas

Apesar das favelas, dos gangs, dos mensalões e do resto, temos muitas razões para ter inveja do Brasil

No outro dia, um eminente politólogo (feia palavra) brasileiro, e antigo dirigente destacado do PC local, contou-me, numa pacata conversa de fim de tarde, o que mais lhe havia chamado a atenção no primeiro encontro com o então jovem sindicalista Lula, nos idos de setenta: as unhas brilhantemente envernizadas deste. De facto, a coisa havia-o impressionado tanto que não conseguiu durante toda a reunião esquecer o detalhe reluzente.

Ignoro inteiramente se há alguma relação entre os cuidados estéticos do jovem Lula e o mensalão e trapalhadas afins. O que não dá mesmo para ignorar é que, para desespero de muita gente, o mensalão e o resto (passavelmente sinistro, sublinhe-se) não comovem por aí além a generalidade dos brasileiros. Não se vive pior depois de Lula, antes pelo contrário, e é cada vez mais verosímil que ele seja reeleito. E uma pessoa apanha-se a pensar que, apesar de tudo, a atitude não é inteiramente irracional. Mas é verdade, admito, que um mês e meio de Brasil não autoriza especulações excessivas.

Até porque a matéria é, em todos os sentidos, fantástica. Tomemos o exemplo do Movimento dos Sem Terra. As multidões que andam de um lado para outro a destruir aquilo que lhes passa por debaixo dos pés e ao alcance das mãos são sempre fascinantes para quem está longe. E os Sem Terra são óptimos no capítulo. Além de contarem com um perfeito génio entre os seus dirigentes, na pessoa do esplêndido senhor João Paulo Rodrigues. Um caso entre muitos: 2000 militantes da "Via Campesina", sobretudo mulheres, destruíram um horto florestal a uns 50 quilómetros de Porto Alegre, bem como os laboratórios que aí se encontravam. Vinte anos de pesquisas foram perdidos. O senhor Rodrigues - que gosta de salientar que os últimos acontecimentos das banlieues francesas são o que mais se aproxima dos "ideais" (sic) dos Sem Terra - negou que se tratasse de uma acção violenta. Apenas uma "desobediência civil". "Nenhuma pessoa ficou ferida naquela acção. Isso é um acto de violência contra quem? Contra a infra-estrutura? Contra as plantinhas que estavam lá?". Os Sem Terra não gostam de "plantinhas". A reforma agrária que o senhor Rodrigues ardentemente deseja não vai pactuar com elas. As "plantinhas" que se lixem.

Coisas horríveis, certamente. Agora - e é isso que é importante -, seria de esperar que a Esquerda em peso andasse entusiasmadíssima com os Sem Terra, como anda em geral na Europa. O mundo, no entanto, é complexo. Muitíssima Esquerda não anda. Muitíssima Esquerda acha a coisa péssima e, em geral, sem razão de ser. Numa conversa esclarecedora tentei timidamente (para não dizer cobardemente) encobrir os meus sentimentos naturais com uma interrogação teórica que insinuava alguma compreensão pelos Sem Terra. Fui logo posto - e muito bem - na ordem. A coisa não era nada para "compreender". Habituado a Boaventura Sousa Santos e a D. Januário Torgal Ferreira, a terra vacilou sob os meus pés.

É só um exemplo. Apesar do anti-americanismo ambiente - género "não há milho no Pólo Sul; a terra não é feita de borracha; e a culpa é dos americanos" - pensa-se (e escreve-se) mais livremente por aqui do que por aí. E mais e melhor. Um mês e meio dá perfeitamente para o perceber. Dá para perceber que, ficando-nos pela opinião imediatamente acessível, em Portugal não se sabe nada do Brasil. Ou melhor: sabe-se, em geral, a caricatura e a paisagem. E o que se sabe para além disso - a literatura e a filosofia, por exemplo - fica sabido apenas por pouquíssimos.

Mas a realidade acaba por fazer o seu caminho numa cabeça portuguesa, mesmo educada na parolice do costume. E com a realidade, a irritação com os lugares-comuns na matéria, que dedicadamente ignoram o que salta aos olhos: a grandeza. Para facilitar, vale a pena ceder por um momento ao demónio das comparações. E fiquemos pelas mais óbvias. Por exemplo: que romance português do século vinte chega sequer aos calcanhares do Grande Sertão de Guimarães Rosa? Que ensaio se aproxima de Casa Grande & Senzala, apesar de todos os defeitos descortináveis logo a partir da terceira página? Que jornal nosso se pode medir com o Estado de São Paulo? Passaria pela cabeça de alguém pôr no mesmo plano a caseira música popular com, por exemplo, a bossa nova de fins dos anos 50 e dos anos 60, ou mesmo o "tropicalismo"? E poder-se-ia continuar assim quase indefinidamente. Quase indefinidamente a mostrar que, apesar das favelas, dos gangs, dos mensalões e do resto, temos muitas razões para ter inveja do Brasil. Não querer ver isto é não querer ver nada. Mas a atitude é, sem dúvida, perdoável. Um dos pais da república brasileira, Campos Salles, disse um dia que procurava não ouvir opiniões alheias, porque se arriscava a ter de mudar as suas - coisa que naturalmente desejava evitar. E, no fundo, quem não pensa assim? Até que a realidade lhe dê um pontapé. ●

DAN BROWN AOS 80 LADRÕES: VENI, VIDI, DA VINCI!

Pedro Gil *

Os ladrões eram 40 não 80, Ali Babá não sabia latim e era bem menos pretensioso, e o tesouro do Sésamo aberto estava muito longe de ser a verdade escondida durante séculos e finalmente revelada por Dan Brown. "Ficciona, ficciona, que alguma ideologia passará". Afinal, qual é o mal?

ILUSTRAÇÃO DE LUCY PEPPER

Um Portugal afectado de iliteracia comprou 460.000 "Códigos da Vinci", devorados por mais de 1.000.000 de portugueses numa leitura vertiginosamente irresistível. Os ingredientes da sedução são sabidos: aparente investigação histórica exaustiva, narrativa que inflama a imaginação, fartura de dados científicos e artísticos, revelações inesperadas e plausíveis.

O leitor normal pode ser pouco instruído, mas tem boa-fé. Não é simultaneamente - como o livro exigiria - historiador, arqueólogo, escriturista, geógrafo, simbologista, historiador de arte, matemático, cinéfilo, criptologista, entendido em questões eclesiais, musicólogo. Por isso, acreditou, não em tudo (há poucos crédulos assim), mas ao ponto de poder dizer satisfeito: "aprendi imensas coisas, essa é que é essa".

Se abundam os "vivas", também as críticas sectoriais começaram a aparecer. Alguns exemplos. Umberto Eco, insuspeito de simpatias católicas, afirmou que "os livros sobre Templários são patranhas, porque nenhum assunto inspirou tantos pensadores medíocres ao longo dos tempos. Como agora com O Código Da Vinci". Para Nuno Crato, matemático, "as múltiplas referências de Dan Brown parecem precisas, mas têm erros. Nada permite concluir que o Pártenon e as pirâmides tenham sido guiadas por Fi, nem é verdade que as proporções dos seres humanos "se ajustem com flagrante exactidão a esse rácio". A "flagrante exactidão" é um mito". O biblista Carreira das Neves reconhece que "a obra é importante pelos reptos e desafios que lança. Pena é que tenha sido a custo de falsidades históricas conscientes, desejadas, inventadas". Judith Veronica Field, presidente da "Leonardo Da Vinci Society" considera a tese que vê nas obras de Leonardo sinais de um segredo sobre Cristo "um absurdo".

Estas críticas adensaram-se, mas embateram contra um Dan Brown fugidio. A quem protesta contra a distorção da História, Brown defende-se detrás da ficção, mas a quem elogia a criatividade ficcional, Brown contrapõe ter revelado uma verdade escondida. Há muitos meses que Dan Brown não dá explicações. Agora os responsáveis pelo filme, prontos a enfatizar que tudo é ficção, recusam colocar um "disclaimer" que o reconheça.

Mas será isso ainda ficção? A "ficção" é, decerto, uma "não-realidade", mas não é uma "anti-realidade". Na "ficção científica" a ficção pode ser integral. Mas a "ficção histórica" tem de ser parcial: por essência, os factos históricos são "factos" (o real já ocorrido e que não pode ser reelaborado). Aceita tais factos, e preenche os "espaços em branco" inventando diálogos, situações, e adornos. Posso ficcionar a altercação entre D. Afonso Henriques e D. Teresa; mas se elevo D. Afonso Henriques a imperador da China 3.000 a.C. estarei talvez a errar, a mentir ou a ofender (consoante as sensibilidades). O que não estou certamente é a ficcionar.

Mas a Dan Brown talvez não lhe importem os erros - por vezes tão minuciosos que é difícil serem involuntários - nem a sua atitude dúbia. Basta-lhe a "lógica" publicitária dos anúncios. Ninguém acredita que a máquina de barbear se transforma numa espécie de Lamborghini deslizante, que o detergente devorando bactérias torna uma família irresistivelmente feliz. A ficção encobre a "verdade", só agora revelada, de que a máquina é fiável e o detergente imediatamente comprável. Alguma coisa fica. E o que fica do envoltório simbólico do "Código da Vinci"? Duas mensagens, que lemos textualmente no livro.

Primeira: "o fascínio pela iconologia da deusa, o paganismo, as divindades femininas, e o desprezo pela Igreja". Segunda: a sensação de que "quase tudo o que os nossos pais nos ensinaram a respeito de Cristo é falso". Por outras palavras: ensaia a "desconstrução histórica" do cristianismo, e, do mesmo passo, seduz para uma nova religiosidade, mas uma religiosidade hostil às tradições monoteístas. É o ressurgir da gnose, com a veste moderna da multiforme New Age, hoje popularizada por autores tão diversos como Paulo Coelho, Neale Donald Walsh, e a portuguesa Alexandra Solnado.

Apesar dos seus mil rostos, Joseph Ratzinger descreveu-a assim: "A

New Age quer oferecer um modelo totalmente anti-racionalista de religião, uma moderna 'mística' em que o absoluto já não precisa de ser acreditado, basta ser experimentado. Deus já não é uma pessoa que está diante do mundo, mas é a energia espiritual que invade o Todo. A redenção, assim, estará em desamarrar o "eu", em imergir totalmente na exuberância do que é vital, no retorno ao todo. Procura-se o êxtase, a embriaguez do infinito, que pode dar-se através da música embriagante, do ritmo, da dança, da estridência de luzes e sombras, da massa humana. Os deuses regressam. Eles parecem mais credíveis que Deus. Renovam-se os ritos primitivos em que o "eu" se inicia no mistério do Todo e se liberta de si mesmo."

O "Código da Vinci" é um dedo posto na ferida. Já falámos do dedo. Que diremos da ferida? Isto é: como é que é possível que a sociedade ocidental evoluída e supostamente cristã do séc. XXI tenha sido tão vulnerável a um produto destes? Que se tenha tornado combustível como as nossas florestas, descuidadas e secas, que qualquer faúlha transforma em fornalha?

O Ocidente completou dois séculos de triunfo do racionalismo cientificista, acreditado pelas conquistas técnicas, pela evolução das sociedades, pelos feitos económicos, pelos milagres da medicina, pela sofisticação da arte. E tentou-se excluir a experiência religiosa, como inútil e infantil além de irracional.

A sociedade prescindiu da religião. Os crentes prescindiram de cultivar a sua fé, que ficou informe. Manter simplesmente viva a condição de cristão (mesmo que não praticante), em ambiente tão adverso, era suficiente observância religiosa. Dentro da Igreja a instrução restringiu-se às crianças, num desequilíbrio que nos assustaria se, por exemplo, tivéssemos um sistema nacional de saúde só com pediatras, ou um sistema educativo só com educadores de infância.

Porém, o séc. XX trouxe grandes decepções à civilização sem Deus. Ela mostrou a face sanguinária das grandes utopias políticas (comunismo e nazismo); assistiu à exaustão do modelo económico; viu crescer os sinais de doença dos regimes democráticos; apavorou-se diante das revoltas da natureza; desesperou com as novas doenças que a medicina não consegue controlar; vive no medo da insegurança urbana e do terrorismo internacional. Enfim, o Ocidente esbarrou na negação cruel das promessas da modernidade, expondo todas as ansiedades desprotegidas das pessoas. E simultaneamente criou um contexto de "overdose" de informação que dificulta o pensamento reflexivo (e prepara o pensamento débil e manipulável).

Neste contexto conturbado, o regresso de conceitos e desejos com os nomes "espiritualidade", "equilíbrio", "serenidade", "paz", "amor" - estranhos numa sociedade endurecidamente técnica e apressada - pareceu a água que podia saciar uma sede nunca desaparecida. A pouco e pouco deu-se uma "mudança de época". Muitos cristãos sentem a atracção por essa nova mentalidade, demasiado débeis para poder discernir, e convictos de que a sua religião não resolve esses problemas. Estão desencantados com a sua fé, que enganosamente julgam conhecer.

Como foi possível que os cristãos chegassem a um estado de tanta debilidade? Por se ter percorrido um caminho marcado pelo empobrecimento das acções litúrgicas, pelo abandono da relação viva com Deus, pelo desconhecimento absoluto do magistério, pela primazia da acção social sobre a interioridade, pela subestima da existência e acção do demónio, pelo desfavor dos símbolos religiosos (a começar pelo traje sacerdotal e pelo hábito religioso)?

João Paulo II estava bem consciente dessa vulnerabilidade: "Seria errado pensar que o comum dos cristãos possa contentar-se com uma oração superficial, incapaz de encher a sua vida. Sobretudo perante as numerosas provas que o mundo actual põe à fé, eles seriam não apenas cristãos medíocres, mas "cristãos em perigo"; com a sua fé cada vez mais debilitada, correriam o risco de acabar cedendo ao fascínio de sucedâneos, aceitando propostas religiosas alternativas e acomodando-se até às formas mais extravagantes de superstição".

Ironicamente, o resultado final de um processo que começou com o ataque do racionalismo à cultura cristã ocidental é, afinal, o irracionalismo religioso, o ponto em que até a religião prescinde de Deus.

Estamos numa encruzilhada da cultura moderna. Na última conferência antes de ser Papa, Joseph Ratzinger lançou o alerta: "a verdadeira contraposição que caracteriza o mundo actual não é entre culturas religiosas diferentes, mas entre a radical emancipação do homem em relação a Deus, às raízes da vida, por um lado, e as grandes culturas religiosas, por outro".

Voltemos ao Código Da Vinci. Já se vê que, no meio de tudo isto, só podia ser secundária a preocupação do Gabinete de Informação por mostrar que o Opus Dei, ao contrário do retrato do livro, é uma instituição que nasceu e cresceu no seio da Igreja Católica, constituída por leigos, a maioria casados, a maioria mulheres, tendo as mulheres igual estatuto que os homens, que ajuda concretamente as pessoas a ter uma relação viva com Deus no dia-a-dia normal de quem trabalha e tem família, e que, por isso, recebeu o estatuto de prelatura pessoal - uma figura jurídica do direito comum da Igreja - após a autorização expressa da maioria dos bispos do mundo, que não aprova qualquer rito sangrento, etc. etc. etc. Resolvemos aproveitar uma publicidade que não desejámos, para informar. Encontram-se em www.opusdei.pt, e outros sites ligados, coisas tão diversas como os estatutos do Opus Dei (que nunca foram secretos), o nome dos responsáveis internacionais e nacionais, o nome completo de todos os membros falecidos, testemunhos de pessoas do Opus Dei, vídeos do prelado do Opus Dei, dos porta-vozes, etc. etc.

Mas sobretudo a ocasião parece-nos excelente para voltar a conhecer, e viver, o cristianismo. Os aperitivos dessa refeição prometedora são dois: a primeira encíclica de Bento XVI, "Deus Cáritas est", onde se faz, por assim dizer, a "reabilitação" de Deus (Deus é muito melhor do que os homens pensam), e o "Compêndio do Catecismo da Igreja Católica" (um "resumo dos resumos" que responde à pergunta "afinal de que é que estamos a falar quando falamos de catolicismo?"). Quantas das pessoas que investiram horas a ler o Código da Vinci investiram igual esforço em conhecer o catolicismo em primeira mão?

No fundo, só há razões para o optimismo. Partilho totalmente daquela premonitória frase do jornalista/pensador/polemista Chesterton, escrita em 1926: "I am very glad that our fashionable fiction seems to be full of a return to paganism, for it may possibly be the first step of a return to Christianity. Neo-pagans have sometimes forgotten, when they set out to do everything the old pagans did, that the final thing the old pagans did was to get christened." ●

* DIRECTOR DO GABINETE DE INFORMAÇÃO DO OPUS DEI EM PORTUGAL

Correspondentes de Guerra

COUVE-DE-BRUXELAS
HENRIQUE BURNAY EM BRUXELAS

PIOR É AINDA POSSÍVEL

Esquerdistas feministas conservadoras, milhares de leis europeias que poucos conhecem mas dão bem ideia da extensão do poder das instituições comunitárias, e duas histórias absurdas sobre imigração, medo e o perigo da islamofobia. Isto já esteve melhor

Há tiques que não se perdem. A senhora Zita Gurmai é, ao que tudo indica, a chefe das mulheres do Partido Socialista Europeu, eurodeputada húngara e a organizadora de uma coisa chamada Europe Ball. Nada disto seria extraordinariamente relevante se o dito baile não fosse apresentado com o seguinte motto: " every successful man is supported by a woman". Vulgarmente conhecido como "por detrás de cada homem de sucesso está uma mulher". Anos e anos de politicamente correcto, de escandinavas de pêlo comprido no sovaco, de soutiens queimados para lhes ensinar que elas são mais do que boas esposas, e vêm as raparigas de leste escreverem isto. E ainda acrescentam no texto do convite que "ser mulher é óptimo". Suponho que neste caso Churchill diria, com prazer: "If I were your husband I would drink the coffee."

Uma avaliação superficial da produção legislativa europeia em curso dá bem uma ideia da extensão do poder das instituições comunitárias. Evitando complicar, contabilize-se apenas o seguinte: há, neste momento, cerca de 500 iniciativas a aguardar que o Parlamento Europeu se pronuncie, ao mesmo tempo que há uns 100 projectos legislativos que esperam uma decisão do Conselho Europeu. Além destes, há mais de 700 processos legislativos que já terminaram e esperam apenas por ser publicados no jornal oficial. Finalmente, há umas 400 propostas que foram interrompidas por algum motivo, mas que na maior parte dos casos regressam. Estes números dizem bem do impacto da legislação comunitária em cada Estado Membro. O que em cada Estado Membro se sabe sobre isto que está a ser legislado, diz bem da respectiva maneira de estar na Europa. No nosso caso: "à espera que eles decidam quanto nos vão dar em subsídios".

Com excepção dos representantes públicos (deputados e governos, principalmente) não há sequer a ilusão de tentar influenciar as decisões. Ou, pelo menos, de procurar saber o que se está a decidir. É nestas contabilidades que se percebe como é ridículo comparar a história recente de Portugal e Espanha. Ou da Irlanda, ou da Holanda. Não é uma questão de dimensão nem de modelos, é uma questão de profissionalismo e competência. É um problema, nosso.

A história que vinha no jornal francês "Le Monde" até parece ter graça. Depois de sucessivas vezes ameaçada de morte, por ter participado na realização do filme Submissão, de Theo Van Gogh, a senhora Hirsi Ali, uma deputada liberal de origem somali, pode agora vir a ser expulsa de sua casa. Um tribunal holandês deu, para já, razão aos vizinhos da senhora, que consideram que a sua presença no edifício é uma ameaça à segurança dos restantes habitantes, para além de ser um factor de desvalorização do imóvel. Concordou, para já, um tribunal, invocando a Convenção Europeia dos Direitos do Homem onde diz que os habitantes têm direito à calma e à integridade do seu domicílio. A história podia ter graça, mas não tem, porque há um contexto.

Na semana da Páscoa Joe Van Holsbeeck, um miúdo belga de 17 anos, foi morto à facada por um rapaz que o assaltou em pleno dia na principal estação de comboios de Bruxelas. Nos dias seguintes a Bélgica estava chocada por descobrir que era possível que alguém matasse um menor para lhe roubar um leitor de MP3. E tentava lidar com o facto - presumido e presumível de acordo com as imagens captadas pelas câmaras de segurança - de o assaltante e o seu cúmplice serem dois imigrantes de origem magrebina. O esforço para evitar a tensão só era superado pela própria tensão. Na sexta-feira seguinte, Santa para os católicos, os telejornais visitaram as mesquitas da cidade. Ninguém o assumia, mas era necessário verificar que os muçulmanos abjuravam aquela monstruosidade. Era preciso ter a certeza. Dias depois, quando houve uma enorme marcha silenciosa, o tema ausente era o do medo do racismo, da xenofobia, de que começasse ali uma crise sem retorno. Quando, ao fim de dois ou três dias, se descobriu que afinal os assaltantes eram polacos sentiu-se o maior alívio colectivo que é possível imaginar, um gigantesco uff atravessou este minúsculo país. Pior do que o horror, o absurdo daquela morte era o medo que ela provocava. Numa sociedade como esta, o medo era o medo da xenofobia, da intolerância. Mas nem todas as sociedades são assim sofisticadas, e nem todos os tempos são propícios a reacções tão maduras. Anda por aí muito medo, e isso é um perigo. ●

Correspondentes de Guerra

HOLA MADRID!
NUNO GAROUPA EM MADRID

OLHOS POSTOS EM NAVARRA

O que são seiscentos mil navarros em troca da paz duradoura para quarenta e cinco milhões de espanhóis? Para Zapatero, pelos vistos, contam muito pouco. Mas Navarra não irá aceitar facilmente tornar-se no resgaste oferecido à ETA pelo líder socialista de Castela

O reino de Navarra faz parte da recordação juvenil de quem teve que memorizar os reinos da reconquista cristã aos 13 ou ao 14 anos. Entre os grandes reinos, Portugal, Castela (os maus do filme) e Aragão (agora na versão politicamente correcta, diz-se comunidade de reinos de Aragão, Valência e Catalunha), aparece esse pequeno reino de pouca importância política e militar que na verdade nunca mereceu muita atenção nos nossos manuais de História. A sua época de ouro, a de Sancho III, é muito anterior à própria existência do reino de Portugal; depois, limitado territorialmente por Castela a sudoeste e Aragão a sudeste, perdeu a expansão territorial da reconquista cristã; finalmente virou-se para a órbita francesa em busca da sobrevivência; a invasão em 1512 pelo Rei Católico leva a sua anexação por Castela. Surpreendentemente, ou não tanto, este reino perdido nas memórias da História volta a ressuscitar nestes dias.

Tudo indica que Navarra será a moeda de troca que exige a ETA para suspender de forma definitiva as suas actividades terroristas. O nacionalismo basco quis desde a sua fundação no final do século XIX recriar a identidade nacional do País Basco que nunca existiu realmente (as Vascongadas). Euskadi é uma invenção de Sabino Aranda (fundador do PNV) com muito pouco de fundamento histórico, resultado fundamentalmente de uma rejeição do pensamento liberal e da industrialização tardia de Castela, uma exaltação do conservadorismo católico radical, agrário e xenófobo que ainda hoje perdura amplamente no PNV.

Mas se o nacionalismo basco é uma invenção do pensamento conservador católico (daí por exemplo a cumplicidade inaceitável da Igreja católica basca com a ETA durante tantos anos), necessitava de uma História. Para isso socorreu-se do reino de Navarra, apoderando-se da sua herança histórica, de forma a dar-lhe o conteúdo intertemporal e territorial que necessitava. Numa atitude verdadeira imperialista, o nacionalismo basco não se limita às províncias "vascuences" de Castela (Biscaia, Álava e Guipúzcoa, perdidas pelo reino de Navarra para Castela em 1200), mas decidiu incluir a Navarra espanhola (onde, por exemplo, o basco apenas se fala hoje na franja "vascuence" e no vale pirinaico da comunidade foral e jamais foi idioma preponderante), e reclamar a Navarra francesa (o norte de Navarra que não foi invadido por Fernando de Aragão e se juntou à coroa francesa com a casa de Bourbon).

Em troca de deixar as actividades terroristas, para além de outras concessões imediatas (transferência dos presos da ETA para estabelecimento penitenciários no País Basco; legalização do Batasuna ou equivalente), a ETA quer o reconhecimento da comunidade foral de Navarra como parte integrante de Euskadi. Não só foi assim na 2a República quando o PNV se tornou hegemónico, mas esta mesma reclamação fora já objecto de atenção na Constituição de 1978 (nas disposições transitórias) e atrasou significativamente a introdução do regime foral de 1982. Mas nunca foi tão possível como agora.

Não tenho dúvidas que Zapatero e o PSOE estão dispostos a implementar essa reclamação, e muito mais, para garantir a paz e ganhar as eleições gerais com maioria absoluta, o mais tardar em 2008 (continuo a apostar na antecipação desta data para 2007). Navarra não tem importância económica, social ou política que impeça Zapatero de dissolver a comunidade foral e integrá-la no País Basco ao cuidado do PNV (ou como propunha uma ilustre militante socialista estas semanas, um futuro governo de coligação socialista-ETA/Batasuna no País Basco). A própria Constituição pode abrigar semelhante decisão.

O problema de Zapatero são os navarros. Não só o nacionalismo basco tem vindo a perder terreno em Navarra, dos 20% em 2000 para cerca de 14% nas últimas eleições, como o governo foral está nas mãos da direita navarra organizada em redor da UPN (o PP em Navarra chama-se União do Povo Navarro) e aliados. Está claro que, segundo todas as sondagens e estudos de opinião, a actual maioria dos navarros nem quer ouvir falar de qualquer tipo de união com o País Basco.

A estratégia de Zapatero é clara. Primeiro, desbancar a direita do governo foral nas eleições da Primavera de 2007 e formar uma maioria com os nacionalistas bascos no parlamento navarro (possivelmente seguindo o modelo de outras comunidades autónomas, os nacionalistas só quererão controlar a pasta da Educação que como se demonstra no País Basco e na Catalunha é a mais importante a médio prazo). As sondagens mostram que tal está ao alcance dos socialistas depois de dez anos de governo de Miguel Sanz, mas não vai ser fácil. Mas um governo socialista em Navarra pode não ter condições para levar a cabo a dissolução da comunidade foral sem um referendo que dificilmente pode ser ganho. Para isso, a campanha na comunicação social afecta aos socialistas (o grupo PRISA) já começou. A ETA não esperará eternamente. E afinal o que são seiscentos mil navarros em troca da paz duradoura para quarenta e cinco milhões de espanhóis? ●

Correspondentes de Guerra

LONDON CALLING
ANDRÉ AZEVEDO ALVES EM LONDRES

ENTRE A DERROCADA TRABALHISTA E A DESORIENTAÇÃO CONSERVADORA

Com a queda de Tony Blair, crescem as expectativas de uma maioria conservadora nas próximas eleições gerais. Mas as notícias não são boas para a direita liberal, porque o líder do Partido Conservador vem renegando a herança reformista de Thatcher

O desastroso resultado do Partido Trabalhista britânico nas eleições locais de 4 de Maio aumentou significativamente a pressão sobre Tony Blair e indicia que o ciclo de governação do New Labour pode estar a esgotar-se. Com um resultado ainda mais desastroso do que o das eleições locais de 2004 (que não impediu, no entanto, a reeleição de Blair nas eleições gerais de 2005) aumentam as vozes, particularmente no interior do Partido Trabalhista, que exigem que o primeiro-ministro estabeleça uma data para entregar a liderança do Governo a Gordon Brown.

O mau resultado trabalhista não constitui surpresa dados os vários escândalos que envolveram ministros ao longo dos últimos meses e as recentes notícias que deram conta de que vários criminosos estrangeiros detidos em prisões britânicas (entre os quais homicidas e violadores) haviam sido colocados em liberdade sem que a sua deportação fosse ponderada. Num contexto de forte desgaste do executivo de Blair, uma projecção realizada pela BBC estimou que, caso estas eleições tivessem sido gerais, o Partido Conservador teria obtido cerca de 40% dos votos, seguidos dos liberais democratas com 27%, com os trabalhistas a ficarem-se por uns modestos 26% na terceira posição.

A profunda remodelação ministerial no executivo britânico, que sacrificou figuras como Charles Clarke e Jack Straw, procurou responder à crise gerada pelos resultados mas é pouco provável que o declínio trabalhista possa ser travado enquanto Blair se mantiver à frente do Governo, até porque a oposição mais intensa tem vindo do interior do seu próprio partido. Sabendo-se que Blair não se candidatará a um quarto mandato, os acólitos de Brown desejam vê-lo ascender o mais rapidamente possível à liderança do executivo. Simultaneamente, a ala mais à esquerda não perdoa ao primeiro-ministro ter arrastado o partido para o centro renegando alguns dos velhos dogmas socialistas dos trabalhistas e abomina especialmente o facto de Blair ser um dos mais consistentes aliados internacionais de George W. Bush.

Embora os ganhos dos conservadores não tenham sido tão significativos como seria de esperar face ao desgaste trabalhista, a verdade é que, se o afastamento de Blair se traduzir numa radicalização à esquerda dos trabalhistas, é bem possível que as próximas eleições gerais marquem o regresso dos conservadores ao Governo.

No entanto, mesmo admitindo que as perspectivas de voltar ao poder possam estar a melhorar para o Partido Conservador, a direita inglesa (pelo menos a direita liberal) tem poucos motivos para sorrir. Cameron parece continuar apostado em afirmar-se, não como uma alternativa a Blair, mas como o seu sucessor natural, não perdendo uma oportunidade para se distanciar da herança genuinamente reformista de Thatcher. Aliás, essa tentativa de aproximação ao centro, juntamente com a obsessão de Cameron pelo cultivo da sua imagem pública em detrimento da apresentação de políticas alternativas, tem levado a que o novo líder conservador seja cada vez mais referenciado como "Tory Blair".

Neste cenário de derrocada trabalhista e aparente desorientação do Partido Conservador, os ganhos do Partido Nacional Britânico (BNP), ainda modestos em termos absolutos mas significativos em termos relativos, devem ser assinalados. O BNP conseguiu eleger nestas eleições 32 vereadores, o que representa um ganho líquido de 27 representantes no total dos lugares que estiveram sob disputa. A distribuição dos resultados indicia que uma boa parte dos ganhos do BNP tenha sido obtida através de transferências de votos directas dos trabalhistas para os nacionalistas. Convém recordar também que já nas eleições europeias de 2004 o BNP havia obtido 4,9%, com mais de 800000 votos.

O relativo sucesso eleitoral dos nacionalistas britânicos sugere que a intensa campanha de oposição ao BNP, desde anúncios nos jornais e concertos contra o partido até ao financiamento público directo ou indirecto de organizações "anti-racistas" com o mesmo fim, não parece estar a resultar. Aliás, sendo um dos principais trunfos do BNP a apresentação como partido anti-sistema, não seria de espantar se estas iniciativas estivessem até a contribuir para a credibilização da sua mensagem junto do seu eleitorado alvo.

Ainda mais significativo do que o crescimento eleitoral do BNP, é a existência de estudos de opinião que indicam que o nível de apoio para algumas das posições do partido transcende de forma substancial a sua actual base de apoio eleitoral. Numa recente sondagem divulgada pela Sky News, em que os inquiridos foram confrontados com medidas concretas, o nível médio de apoio às propostas do BNP atingiu uns impressionantes 55% entre as pessoas que desconheciam a origem das mesmas, baixando para 49% entre aqueles que sabiam da sua proveniência partidária. Para além de sugerirem que o BNP pode ter um amplo potencial de crescimento, estes dados indiciam também que as razões do seu crescimento podem ser mais profundas do que as apontadas pelas costumeiras análises sociológicas que remetem para factores de conjuntura económica ou para o chamado "voto de protesto". ●

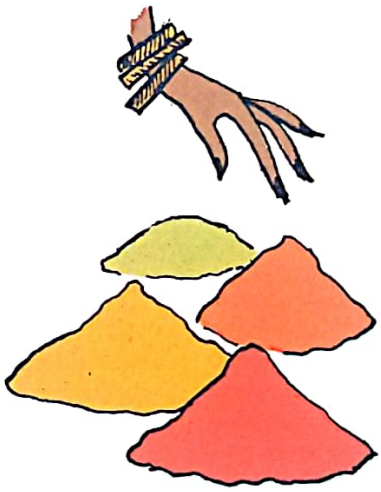
Correspondentes de Guerra

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
CONSTANTINO XAVIER EM NOVA DELI

NEO-ORIENTALISMO

Jonas não é só um jovem sueco que percorre as ruas de Jaisalmer, nas profundezas do deserto do Rajastão, entoando cânticos religiosos hindus. É também um símbolo do modo como os países ocidentais olham para a Índia, com um complexo de identidade

Jonas, um jovem sueco de tez clara e cabelo louro, tenta ignorar o gáudio com que é recebido nas ruas de Jaisalmer, nas profundezas do deserto do Rajastão. Quase desnudado - uns trapos cobrem-lhe as partes íntimas, descalço e barbudo, percorre as ruelas entoando cânticos religiosos hindus. As crianças atiram-lhe areia, os adultos sorriem em condescendência e os mais idosos parecem feridos e escandalizados perante o espectáculo escandinavo. Jonas não é um caso único. Sofre de um complexo de identidade em rápida expansão nos países ocidentais e que é observável na sua plenitude na Índia, há séculos o berço predilecto do exotismo, do misticismo e terreno fértil para o Orientalismo. Pessoas como Jonas procuram a Índia como um refúgio - uma fuga da família, dos fiordes, mas também da democracia, da igualdade, da modernidade. Jonas vem à procura de uma Índia que não existe para tentar escapar à sua própria existência.



A mesma lógica reina nos movimentos alter-globalização e em certos círculos intelectuais ocidentais. Na sua óptica, o Oriente (ou o não-Ocidente) representa tudo de bom, tudo o que falta ao Ocidente. A Índia, em particular, representa o genuíno, o autêntico e encarna os valores tradicionais e a espiritualidade. O contraste é tremendo com o Ocidente: este supostamente representa o materialismo, a artificialidade e a falsidade, e tudo o demais considerado negativo.

Se há três décadas Edward Said definia o Orientalismo como um instrumento legitimador do colonialismo europeu, hoje em dia, os neo-orientalistas ocidentais vêem-no como uma forma de auto-colonização. A ideia é incarnada em pessoas como o Jonas e muitas vezes em eventos como o Fórum Social Mundial. Nesses encontros chamam-se as tribos para animar a festa de contornos circenses e museológicos. O exotismo selvagem e tradicional destes povos é admirado por uns poucos dias e depois libertado para voltar à natureza, onde vive com tanta espiritualidade e felicidade - mas sem direitos ou saúde, sem água ou electricidade.

Esta perspectiva "turística" contrasta com a opinião dos turistas indianos que visitam a Europa. Sem complexos e com tremenda naturalidade, afirmam que os europeus são "frios, arrogantes e mal-educados", que a comida "não sabe a nada e não presta" e que "tudo é asséptico, cinzento e monótono". Descontando o complexo de inferioridade pós-colonial, o que sobressai é a frontalidade com que encaram a diferença.

É esta frontalidade que escapa aos neo-orientalistas. O seu lema principal é não ferir as susceptibilidades locais e celebrar a diferença acima de tudo. Nesse processo, adoptam o mimetismo, adoptando tradições e valores supostamente locais. Claro que falham. De cada vez que trava conhecimento mais próximo com os indianos, Jonas, obcecado em ser "como eles", junta as palmas das suas mãos e exclama um ruidoso e alegre "Namastê". Estupefactos, as pessoas estendem a mão e respondem-lhe com um simples "Hi".

O esforço é louvável. Afinal, em Roma há que tentar ser romano. Mas uma coisa é estar ciente das suas próprias limitações e dos seus próprios valores. Outra coisa é sacralizar tudo o que é diferente e tentar ser mais papista que o Papa. Uma coisa é ser-se um hóspede educado e procurar não hostilizar o cicerone. Outra coisa é, em nome dos valores locais, aceitar comer com os homens à mesa, deixando depois as mulheres virem arranhar as migalhas do chão.

O problema é quando se passa a glorificar e a idolatrar uma simples fantasia, como a ideia de uma Índia espiritual e harmoniosa. A mesma Índia em que há casamentos entre castas punidos com a morte, em que muitas viúvas são ostracizadas, em que pais matam os filhos por estes recusarem casamentos arranjados ou em que milhões de intocáveis e dezenas de tribos vivem em condições piores do que cães e gatos na Europa.

Os Jonas que percorrem a sua Índia imaginária não sabem de onde vêm e muito menos para onde vão. Há que salvá-los e impedir que o seu neo-Orientalismo, relativista e maniqueísta, se torne dominante. Para isso, é necessário construir uma relação descomplexada com os nossos próprios valores - intrinsecamente ocidentais, porventura universais: por exemplo, a igualdade entre todos os indivíduos, independentemente do género, origem social ou grupo étnico. Ao contrário do que muitos pensam, esta sinceridade facilitará a interacção com a diferença, seja na Índia hindu, no Paquistão islâmico ou no Sri Lanka budista. Seremos levados mais a sério e mais respeitados. E não ridicularizados e hostilizados como nas ruelas de Jaisalmer. ●

Correspondentes de Guerra

CAPUT MUNDI
SÉRGIO COIMBRA EM WASHINGTON

DEZ DE JULHO

O nosso agente na capital dos EUA aconselha Portugal a pedir um encontro com a Sra. Rice. Objectivo: solicitar um estatuto equivalente ao de Porto Rico. Poderíamos manter a bandeira e a selecção de futebol, que é aquilo que mais orgulho traz a este nosso berço

Gene Weingarten, o colunista do "Washington Post" favorito deste vosso conterrâneo, mostrou-se recentemente muito preocupado. Por razões que agora não interessa deslindar, queria fazer apagar Rhode Island do mapa da União. No entanto, tinha chegado à conclusão que o custo de retirar uma estrela de todas as bandeiras a esvoaçar por aí era demasiado alto. Pois bem, caro senhor Weingarten, há uma solução para o seu problema, embora seja incómoda de apresentar tão perto do 10 de Junho e do Mundial de Futebol até para quem nasceu nos confins de África como eu.

Mas cá vai a ideia: Portugal devia pedir um encontro à Sra. Rice, na ilha do Corvo, para solicitar, à lareira e ao piano, um estatuto equivalente ao de Porto Rico. (Vá lá, portuguesíssimos leitores, não sejam snobs e não se ponham a pensar que os nossos gentios têm mais pinta, ou história, ou lá que é do que os ilhéus caribenhos; o sol é igual para todos.) Como se sabe, o governo porto-riquenho abdicou das forças armadas e de uma politica externa própria a troco de ver as despesas da segurança social e mais uma boa parte de investimento estruturante cobertos com dólares dos impostos pagos pelos cidadãos norte-americanos.

Por mais apreço que sinta pelas Forças Armadas (agora escrevo-as com maiúsculas e tudo), deve-se reconhecer que não teria vindo grande mal ao mundo se tivessem sido desmobilizadas a seguir a Aljubarrota. Quanto à política externa, bem, tentando não me rir digo que, enfim, parece-me estar a ser decidida em Bruxelas ou a não ser decidida de todo. Portanto, o negócio seria bom, até porque estamos carenciados de pagar reformas antecipadas e de meter mais funcionários públicos ao mesmo tempo, isto enquanto nos poderíamos dar ao incómodo de baixar ainda mais a produtividade.

Bónus: como Porto Rico, poderíamos manter a bandeira e a selecção de futebol, que é aquilo que mais orgulho traz a este nosso berço. E, se por momentos, os escrúpulos nos fazem pensar em todos os problemas que Porto Rico enfrenta com a ociosidade de viver à custa dos outros - o consumo de droga e outras maladies sociais - basta olhar para as estatísticas de acidentes de viação em Portugal para os escrúpulos desaparecerem tão rápido como chegaram. Enfim, Gene Weingarten teria o problema resolvido: risca Rhode Island do mapa mas mantém a estrelinha em nome de Portugal.

Acontece, porém, que mesmo se o honorável George W. Bush fosse louco ao ponto de aceitar um tumor com 900 anos no corpinho da juvenil América, a solução enfrentaria problemas com os nacionalistas locais. Confesso, sem citar nomes, até já tinha tentado expandir esta rede anti-europeia. Falei do projecto a um senhor que conhece de cor e salteado os catálogos Jane's, numa festa do 4 de Julho, ali para os lados de Sete Rios; pensei ser oportunidade única, local bem seleccionado, etc, mas o senhor mostrou-se ofendido e furioso: "Nem pensar, Portugal ainda tem muito para dar, vai mostrar o que vale - vamos ser o farol da Europa!"

O grande faroleiro que é o nosso primeiro-ministro devia chamar este homem para o seu gabinete de propaganda. Isto é que é convicção, optimismo, portugalidade, e, talvez, um nadinha de irrealismo. Um farol Portugal será, mas é difícil de explicar o conceito à vizinha que me encontrou quando regressei à pátria por breves momentos - e que infinita pode ser a brevidade! -, e dei um pulo à nossa cerca no meio do nada alentejano. Por essa ocasião encontrei a Jesualda muito afectada.

Deixem-me apresentá-la primeiro: um marido pedreiro, desempregado de longa duração, sempre à espera que chegue a época da cortiça para ganhar uns trocos; quatro filhos menores, um dos quais deficiente cem por cento incapacitado; meio hectare de terra onde semeia tudo o que pode; e tem patos, galinhas e uma porca. Recebe 250 euros da Segurança Social, cujos fiscais tinham lá aparecido poucos dias antes para verificar o estatuto, que isto agora o Estado não permite falcatruas e vai onde for preciso para fazer cumprir a lei.

- Puseram-se a fazer perguntas: se tudo o que estava semeado era meu (é dividido com os vizinhos), se as ovelhas eram minhas (são dos vizinhos), se o carro era meu (é da irmã emigrante)... Perguntas que nunca mais acabavam! E depois ainda me disseram: "Veja lá que nunca pode sair de casa, senão deixa de receber o subsídio". Da próxima vez que os cabrões cá puserem os pés, racho-lhes os cornos com o sacho!

- Não faça isso - recomendei - que ainda acaba presa.

- Presa estou eu neste cantinho, e há tanto tempo que não vejo o fim a ele.

Para minha sorte (azar da Jesualda) tenho sempre voo de regresso ao novo mundo. E, portanto, cá estou eu, cantando e rindo, à espera do convite do senhor Embaixador para a recepção na novíssima e bela chancelaria em Dupont Circle. Nada como celebrar o pátrio farol tão longe dele que nem a mais a ténue luz nos atinge. Aceitar que a minha pátria é a língua portuguesa já bastantes chatices me dá, mas com isso ainda vou podendo. ●

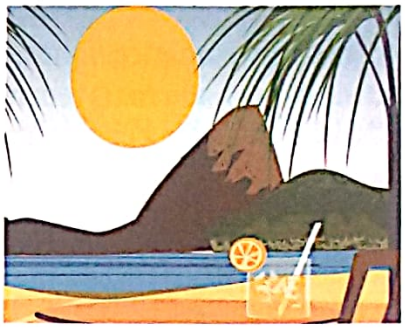
Correspondentes de Guerra

BRASIL 40 GRAUS
JOÃO LUIZ NEVES NO RIO DE JANEIRO

PAULICÉIA DESVAIRADA

Só em S. Paulo existem 144 mil presos, quase metade do total no Brasil, 95 por cento dos quais são homens. A média diária de mortes violentas é de 200 por dia no país. Análise dos motins que provocaram pelo menos 130 mortes, entre polícias, bandidos e suspeitos

O recente caos nas ruas de São Paulo mostrou a vulnerabilidade do sistema de segurança daquela cidade e, por extensão, do cidadão comum ao crime organizado. Dirigido primordialmente às instituições policiais e bancárias, os atentados também destruíram ônibus - como chamamos por aqui aos vossos autocarros - na capital paulistana e no interior. Por todo o Brasil, rebeliões nas prisões paralisaram o sistema penitenciário do país. Em diversos Estados, motins, atentados e ataques foram orquestrados simultaneamente. A logística do PCC (Primeiro Comando da Capital) foi superior à inteligência da segurança pública.



Números: pelo menos 130 pessoas morreram, a maioria polícias, bandidos e suspeitos; mais de 80 ônibus queimados e um número superior a vinte agências bancárias metralhadas ou dinamitadas; 355 mil é a população carcerária do Brasil; a capacidade dos presídios é de 170 mil; só em São Paulo são 144 mil presos (quase 50% do total no país); em 1995 eram 150 mil presos; de lá para cá foram 20 mil presos a mais por ano; 95% do presos são homens; duzentas é a média diária de mortes violentas no Brasil. Haja testosterona!

Espíritos mais debochados devem ter reagido à "paulicéia" desvairada com mais cepticismo do que aquele distante 11 de Setembro - ou seja, acharam um bom espetáculo. O distanciamento próprio das almas niilistas e trágicas, assim como a respectiva atitude blasé em nada depreciam esses indivíduos. É uma questão de estilo, e não de ética. Afinal, a "bananalização" da violência tupiniquim, entre outras mundo afora, caleja-nos diante o que outrora nos deslumbrava. Mas, rapazes, o espírito cidadão recomenda compostura nesses momentos.

Um dos problemas na legislação carcerária no Brasil é aquilo que juízes de execuções criminais chamam de "leis bondosas". A Constituição de 1988 elaborou muitos princípios ainda sob a "síndrome dos presos políticos" - lembra-se aqui que, nós brasileiros, vivemos uma ditadura de 1964 a 1985 -, e foram por isso criadas garantias para criminosos comuns como se fossem perseguidos políticos. Noutras palavras, faltou racionalidade e sobrou emocionalidade, *comme d'habitude*. O chato é que tudo é cláusula pétrea, não pode ser mudado por emenda, mas somente por uma nova Constituição. Resultado, impunidade e mais crime pela frente.

A expressão que dá título à presente crónica, "paulicéia desvairada", foi cunhada pelo modernista Mário de Andrade na famosa Semana de Arte Moderna de 1922. Na obra com o mesmo nome, o poeta rompe com o lirismo de seus antecessores e junto com o amigo Oswald de Andrade, autor do "Manifesto Antropofágico", inicia o modernismo nas letras brasileiras. Oswald deglute em acto aborígene as influências europeias e regurgita em pura prosa catártica e crítica. Mário é ambivalente. Ao mesmo tempo em que é vanguarda no estilo, guarda sentimentos tradicionalistas e aristocráticos na sua escritura. Na famosa "Ode ao Burguês", ícone na Semana de 22, o sarcasmo e a iconoclastia se fundem àqueles sentimentos tradicionalistas de ódio à vulgaridade do novo-rico que na época infestava a cidade. A problematização do cosmopolitismo junto à afluência financeira justificam os versos: "Aos aplausos do esfuziante clown, / heróico sucessor da raça dos bandeirantes, / passa galhardo um filho de imigrante, / loiramente domando um automóvel!". E mais adiante: "Costureirinha (...) ítalo-franco-luso-brasílico-saxônica, / gosto dos teus ardores crepusculares, / crepusculares e por isso mais ardentes, / bandeirantemente!".

Ora, esta São Paulo contemporânea, ambígua, "grande boca de mil dentes", devoradora e ainda antropofágica, com seus Porsches misturados à timidez do filho do imigrante loiro andando na milionária Avenida Paulista, é a mesma que ouve os estampidos dos fuzis, o estilhaçar de granadas, o sangue na rua. Dez milhões de habitantes boquiabertos diante a audácia perversa e absolutamente fálica dos heróis do PCC. "Grande boca segurando as granadas com os mil dentes enquanto metralha postos policiais acuados com o poder de fogo capital" poderia ser o subtítulo desta crónica.

São Paulo não aceitou ajuda federal. O Estado de São Paulo é um país. Nós somos o Brasil. Se detemos metade dos presos da nação, detemos também metade do PIB do país. Disputando com o Rio de Janeiro a capital cultural, é a capital financeira do Brasil. O Primeiro Comando da Capital, o temível PCC, foi colocado, na pena irreverente do cartunista Paulo Caruso, à frente do "Segundo Comando da Capital", o governador do Estado, Cláudio Lembo, e do "Terceiro Comando da Capital", o mais débil de todos nesta altura do campeonato: o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O governador nega que houve acordo com Marcola, o número um do PCC. Mas autoridades do governo encontraram-se com ele. A cidade volta ao normal. O medo é um sentimento presente nas metrópoles brasileiras, afinal, todos os dias morrem mais de duzentas pessoas por morte violenta - sem contar o trânsito. ●

O ILUSIONISMO POLÍTICO DE CARRILHO

Fernando Sobral

O livro de Manuel Maria Carrilho é um romance *light* escrito por alguém que se julga detentor da verdade intelectual e que nada mais tem feito do que ser uma marca. "Sob o Signo da Verdade" é bom para ler à lareira, entre a realidade e a ficção

ILUSTRAÇÃO DE LUCY PEPPER

Voltaire dizia, com um espírito tortuoso, que a arte da medicina consistia em entreter o paciente enquanto a natureza curava a doença. Ressalvando-se o óbvio exagero, poderia dizer-se que alguns políticos acreditam que a sua grande arte é entreter o eleitor, enquanto o Estado e o mercado resolvem o problema. Claro que chegamos facilmente à conclusão que "entretenimento" é uma palavra que ocupou definitivamente o território daquilo que antigamente considerávamos actividades sérias. O livro de Manuel Maria Carrilho poderia pois ser considerada a obra perfeita na idade do entretenimento: é um romance "light" feito por um político que se julga detentor da verdade intelectual e que nada mais tem feito do que ser uma marca.

Carrilho cultivou a imagem de um "político moderno". No Ministério da Cultura apresentou-se como o intelectual da "mudança", frequentando a maioria das "vernissages" e criando uma corte laudatória de admiradores. Depois, tentou mostrar-se sempre como o opositor das ideias hegemónicas no PS, perante o enfado do "aparelho" (ele escreve mesmo: "apesar dos meus quase vinte anos de militância (aderi ao PS em Maio de 1986), fui sempre considerado um militante especial, uma espécie de 'independente interno', sobretudo por aqueles que pensam deter o exclusivo do perfil, do padrão do militantismo") e o sorriso embevecido dos líderes que gostam sempre de surgir ao lado dos "homens da cultura". As suas análises políticas na televisão foram, aliás, puros exercícios de venda de uma imagem, onde as ideias eram um perfeito vácuo. E, finalmente, tornou-se um frequentador assíduo, como qualquer "famoso" do dispensável "jet set" indígena, nas páginas das revistas mundanas. Com o tempo Carrilho deixou de ser um político. Passou a ser um "famoso", que nas horas vagas era intelectual ou político. Qualquer ideia minimamente consistente que pudesse querer passar passou a ser pouco estimulante face à cor da roupa que vestia. Tornando-se "popular", Carrilho deixou de ser um "estadista". Para todos os efeitos Carrilho é um actor.

O seu livrinho é, de resto, um lanche de desculpas cheio de colesterol. Manuel Maria Carrilho acredita que não é um "famoso". Supõe que é uma figura cuja importância é tal que justifica que a sociedade portuguesa o tenha tornado o alvo de uma acção de "vudu". Para Carrilho a culpa da derrota nas eleições para a Câmara Municipal de Lisboa não é sua. É de todos: dos que conspiraram, dos que queriam poder à sua volta, dos que não colocaram nas suas mãos todos os meios para varrer Carmona Rodrigues, dos eleitores que não viram que o sol nascia todos os dias por detrás da sua cabeça. Ele é, neste momento, o símbolo da "cultura da vitimização" que chegou à sociedade portuguesa, em que todos os outros é que são culpados: a canalha, a matilha, os pais, a sociedade, o cão e os buracos na rua. Porque se tu és uma vítima, não tens culpa. Não somos responsáveis pelas nossas acções. Ou pelas nossas omissões. É muito melhor ser uma vítima do que perceber que há produtos que os eleitores se recusam a adquirir.

Ao longo de "Sob o Signo da Verdade", o autor dispara sobre tudo o que se move à sua volta e que terá manobrado uma conspiração para o afastar do poder: agências de comunicação, jornalistas, comentadores, construtores civis, televisões. O título do livro é aliás elucidativo: ele detém a verdade (ou o Bem). Os outros são os símbolos do Mal. Carrilho recupera aquilo que Carl Schmitt, em 1927, referia em "The Concept of the Political" e onde desenvolveu o conceito da "distinção amigo-inimigo", ao qual toda a acção política deveria ser reconduzida: "na moralidade a distinção final é entre o bem e o mal, na estética entre o belo e o feio, na economia entre o que é rentável e o que não é". Carrilho considera que foi alvo de uma acção de feitiçaria. Tudo o resto é irrelevante.

Quando, na parte final do livrinho, faz a sua pretensa "auto-crítica", ela não é mais que um tiroteio contra tudo o que se move à

Manuel Maria Carrilho faz tudo para ser um político. Mas não passa de uma ilusão. Não é um mágico mas um mero aprendiz. De "político moderno"

sua volta. "Eu nunca me queixo e esqueço depressa", escreve, mas o que encontramos em 200 páginas não é propriamente isso. Carrilho diz que havia ressentimentos desde que tinha estado no Ministério da Cultura (onde, convenhamos, teve talvez a melhor campanha de apoio na imprensa que um ministro dessa área já encontrou...), que Edson Athaíde tinha muitos inimigos ("situação que eu ignorava completamente", escreve), que Cunha Vaz fez uma campanha negativa ("desvalorizei-o imprudentemente", refere), que Marques Mendes ganhou e trocou-lhe as voltas ao escolher Carmona em vez de Santana e que as medidas para combater o défice de Guterres tiveram um impacto negativo na sua campanha ("encontramo-nos muitas vezes, na vida, em situações que não nos permitem escolhas reais, efectivas", acrescenta lacrimejoso).

Os seus "erros" também são elucidativos da forma como viu a campanha: deveria ter feito mais para haver uma coligação de esquerda em Lisboa, começou cedo de mais ("ideia que Edson Athaíde impulsionou com a analogia da campanha vitoriosa que tinha feito em 1995"), deveria ter tido uma "agência" (em vez de ideias, "o que conta é a 'agenda secreta' deste tipo de agências"), que fez uma campanha excessivamente substancial, que o lóbi da construção civil alinhou contra ele, e que a campanha deveria ter sido mais "crítica". Se chamamos a isto "erros", não se sabe o que poderá designar como virtudes...

Em termos reais Carrilho acha que os seus erros foram de análise e que foi ingénuo face à artilharia dos adversários. Não entende porque é que os eleitores não votaram nele. Tudo para ele resultou de uma acção de feitiçaria contra a sua pessoa, detentor da "verdade" e que não soube usar os meios mediáticos e subterrâneos para combater o adversário. Essa é a sua tese. Como pretenso intelectual Carrilho não faz uma análise do vácuo que tem sido a sua presença de "militante especial" no mundo da política portuguesa. Não entende que, ao tornar-se, um prestigitador da utilização da comunicação social, da televisão às revistas cor-de-rosa, caiu na armadilha que tinha montado para se promover.

Carrilho faz tudo para ser um político. Mas não passa de uma ilusão. Faz lembrar a célebre história de Houdini, o pai da magia moderna, que um dia foi contratado pelo governo francês para tentar acabar com as revoltas tribais na Argélia, que eram apoiadas por feiticeiros locais. Os franceses queriam alguém que fizesse uma prova de magia superior. Em 1856 foi isso que Houdini fez: no final do espectáculo, os líderes tribais fugiram aterrorizados. Mas como não era um político, enviou mensageiros para explicar que os seus truques eram idênticos aos dos feiticeiros que acompanhavam as tribos locais. Explicou os seus truques. Não ficou preso deles. Carrilho não é um mágico. É um mero aprendiz. Até de "político moderno". Acredita que tudo pode ser imagem com um pós de "ideias" e "projectos" à mistura. Não acredita que errar é humano. Ou porque supõe que não erra. Ou porque pensa que está acima dos erros dos comuns mortais. Por isso ilude-se com as suas próprias ilusões. E já não sabe o que é realidade e ficção. "Sob o Signo da Verdade" é bom para ler à lareira. Como livro de análise política neste início do século XXI é algo que será digno de fama durante 15 minutos. E não pelas melhores razões. ●

Gostos

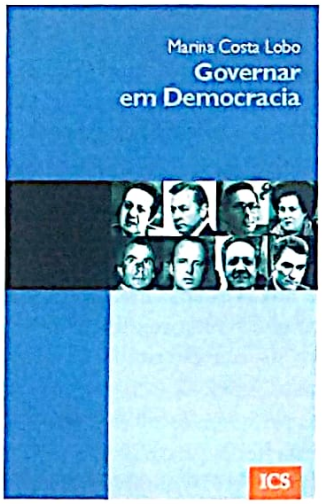
LIVROS | FILMES | DISCOS | ARTES PLÁSTICAS

Livros

A PARTIDOCRACIA DE PRIMEIRO-MINISTRO

Marina Costa Lobo, "Governar em Democracia", Lisboa, ICS, 2005

Há explicações para todos os gostos sobre a natureza e a evolução do regime político português: pós-revolucionárias, consensualistas, semipresidenciais, governamentalistas. Escolham a que vos servir melhor. Quando comecei a ler "Governar em Democracia" da politóloga do Instituto de Ciências Sociais Marina Costa Lobo, pareceu-me que, ao fazer a análise do funcionamento dos governos, a perspectiva da autora seria a de comprovar a tendência governamentalista. Os governos mandam, e Marina Costa Lobo identifica vários aspectos que têm conferido ao regime político português o seu carácter maioritário: a revisão constitucional de 1982, a nossa tradição administrativa, o extraordinário peso do Estado, a bipolarização e o bipartidarismo, o domínio de facto adquirido pelos governos sobre os poderes executivo e legislativo. Nada disto é anormal e quer dizer apenas que a democracia portuguesa, eventualmente contra a sua vontade original, se aproximou dos padrões maioritários de outras democracias europeias. Mas, importa assinalar, já é mais discutível que a autora confirme esse reforço do poder dos governos e insista em classificar o sistema de governo português como semipresidencialista. Podemos perguntar se as estas duas teses serão compatíveis. Diria que não. De qualquer forma, é certo que os objectivos deste livro não passavam pela caracterização do nosso sistema político mas por oferecer uma explicação desenvolvida, a primeira tanto quanto sei com este fôlego, sobre o funcionamento dos governos constitucionais em Portugal. De todas as instituições políticas o governo é a mais complexa e instável porque está dependente de várias relações políticas internas e externas: entre o primeiro-ministro e os ministros, entre estes e os agentes da Administração, entre todos os membros do governo e a sua maioria parlamentar ou partido de apoio. Por isso, como reconhece Marina Costa Lobo, saber como é que os governos funcionam é na prática saber onde é que o poder reside, como é que ele está distribuído e que modelo de governo é que existe em Portugal. A autora utiliza para essa análise o conceito de coordenação política, distinguindo vários níveis de coordenação na actividade dos governos: a coordenação interna (entre os membros do governo), a coordenação intersectorial (ao nível da execução de políticas) e a coordenação partidária (entre os governos e os seus partidos). Suspeito que as dúvidas começam aqui. A ideia de coordenação, em si própria, não nos ajuda a perceber que órgãos ou poderes prevalecem quer nas relações intra-orgânicas, quer nas relações inter-orgânicas dos governos. Coordenar significa apenas que centros diferentes de poder comunicam entre si, de modo que as decisões políticas dos governos nascem do confronto de várias vontades. Mas a coordenação não nos esclarece necessariamente sobre os órgãos ou poderes que perdem nesse processo de decisão, ou que são forçados a submeterem-se aos outros. O conceito de coordenação diz-nos que os poderes não decidem sozinhos, não nos diz que uns imperam sobre os outros.

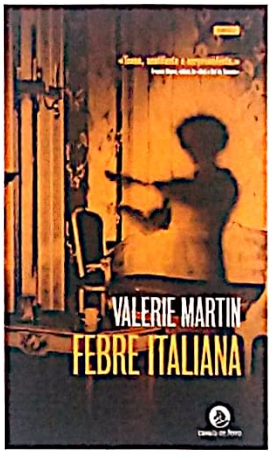


Isto explica, penso eu, que pesquisas sobre a distribuição do poder dentro dos governos centradas nesse conceito de coordenação sejam um pouco inglórias. Alguns exemplos: Marina Costa Lobo afirma que a coordenação partidária serviu como estratégia de afirmação do primeiro-ministro, ao mesmo tempo que governamentalizou os partidos reforçando a sua presença na Administração e nos governos (e dá como exemplo a Presidência do Conselho de Ministros). Mas se é assim, repare-se como a lógica da coordenação política viabiliza duas conclusões antagónicas: um primeiro-ministro forte e um primeiro-ministro dependente da estrutura partidária. Na realidade, continuamos sem saber se foi o partido a submeter-se ao primeiro-ministro ou se foi o primeiro-ministro a submeter-se ao partido. A composição dos governos suscita a mesma dúvida, porque o recurso aos partidos para preencher os colectivos governativos significa que o primeiro-ministro dispõe de uma autonomia de decisão mais reduzida (que

aumenta em função do maior número de independentes nos governos). Em suma, a existência de coordenação entre os governos e os partidos poderá contribuir para governos mais estáveis, em especial se estes forem monopartidários (como aconteceu aos dois governos de Cavaco Silva) mas é duvidoso que nos diga mais do que isso, é duvidoso que nos esclareça sobre se os governos passaram a responder politicamente perante os partidos ou que a partidocracia se tenha instituído entre nós. Outras aplicações do conceito de coordenação levantam dificuldades semelhantes. Quando se afirma que os governos têm funcionado sem níveis elevados de coordenação intersectorial e coordenação interna, isso pode ter duas leituras possíveis: uma maior autonomia dos ministros na execução das suas políticas e, inversamente, um menor poder do primeiro-ministro e dos restantes ministros para intervir nessa execução; ou a mesma autonomia dos ministros em relação aos outros ministros, acompanhada, ou compensada, por uma maior dependência política do primeiro-ministro que pode assumir ele próprio a referida coordenação intersectorial. Marina Costa Lobo também destaca o pendor essencialmente sectorial dos conselhos de ministros, que têm um papel diminuto na tomada de decisões políticas. Um conselho de ministros sectorial seria, em teoria, o local mais adequado para o primeiro-ministro assumir aquela coordenação intersectorial.

Pertencendo a uma categoria rara de estudos políticos, este livro procura justificar pela primeira vez a relevância do primeiro-ministro e dos partidos no funcionamento dos governos. A conclusão será correcta, mesmo que o método escolhido suscite algumas dúvidas. Há quase duas décadas, Adriano Moreira retratou o regime português como um presidencialismo de primeiro-ministro. Depois deste livro de Marina Costa Lobo, talvez seja melhor usar agora outro termo: uma partidocracia de primeiro-ministro. ●

— PEDRO LOMBA



UM TARDE AO SOL

Valerie Martin, Febre Italiana, Lisboa, Cavalo de Ferro, 2006, 250 páginas

A pretexto da morte de um escritor norte-americano na Toscana, Valerie Martin escreve uma história que oscila entre o romance e o suspense, se é que estas duas fórmulas estão alguma vez dissociadas. E escreve um bom livro, que nos faz passar umas horas agradáveis enquanto nos recordamos do romantismo toscano e do deslumbramento de Roma. Itália é mesmo isto: arte e amor.

Escrito em 1999, ainda antes de "Propriedade" (Cavalo de Ferro), que lhe valeu o Orange Prize (2003), Martin mostra o seu gosto pela cultura italiana e vê-se que se preocupou em retratá-la bem. Numa coisa, entre outras, acertou por completo: os ritmos de vida são completamente diferentes entre a capital e a prazenteira região centro. Por isto mesmo, se notam distintos ritmos narrativos em função do cenário. Em resumo, Lucy Stark, secretária do escritor falecido (DV) vem uma temporada para sua casa na Toscana para se inteirar do legado dele, providenciar o seu enterro e conhecer um pouco mais sobre o que o teria feito passar tão longo período afastado da azáfama nova-iorquina.

Rapidamente se perde de amores por Massimo, um italiano que vive em Roma e que a ajuda nesta adaptação. Paixão extramatrimonial que os faz partir para a cidade eterna, com Martin a revelar-nos uma forma curiosa de auto-descoberta através da obra de Bernini. Em Roma, Caravaggio está em todo o lado, a luz do Tibre acompanha-nos nas suas margens e a confrontação com as nossas fraquezas pode ser um exercício maior.

Assim fez Lucy, descobrindo personalidades onde não as vislumbrava, desiludindo-se, descontrolando-se e, por fim, fugindo de realidades pouco desejadas. Neste livro as noções de tempo são motivos de expressão escrita e, também elas, promotoras de maiores ou menores descobertas, interiores ou somente relacionadas com a intrigante morte de um famigerado romancista, cuja fama ultrapassava em muito o real talento.

Martin propõe-nos, no fundo, uma boa tarde passada ao sol, na companhia de Itália. E isto é, por si só, um motivo de prazer. ●

— BERNARDO PIRES DE LIMA

SIMPLESMENTE, PAULA REGO

Bernardo Pinto de Almeida, Paula Rego ou a comédia humana, Lisboa, Editorial Caminho, 2005

Neste pequeno livro sobre o universo 'reguiano', Bernardo Pinto de Almeida, professor catedrático na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, encara a pintura de Paula Rego como uma "arena". A arena onde se desenrola a 'luta' da artista face ao suporte (papel ou tela) e face ao duelo entre a fantasia e a realidade.

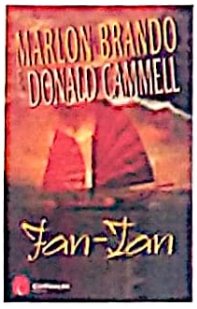
A capa do catálogo da primeira exposição de Paula Rego (na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em 1965/66) reproduz o quadro "Manifesto" que, segundo Bernardo Pinto de Almeida, vai espelhar toda a obra produzida por Paula Rego daí em diante: "as formas tendem a dissolver-se e a isolar-se no espaço (todo ele acentuadamente bidimensional) e contorcem-se até ao disforme, ou ao informe... numa obsessiva desconstrução das imagens" (p. 7); uma desconstrução que abarca no mesmo espaço pictórico formas animais, figuras cândidas ou monstruosas.

Paula Rego baseia-se em narrativas literárias, memórias autobiográficas ou no seu imaginário e, a partir daí, constrói estórias (estórias marcadas por uma matriz pictórica constante: o desenho). As personagens, presas a comportamentos e atitudes, agem perante um tempo e um espaço atípicos; nascem de personagens de Buñuel, de Burroughs ou de obras expostas no British Museum. Nestas estórias, Paula Rego

subverte a hierarquia das coisas e das situações, retirando o poder a quem o detém. Não obstante, as suas personagens não impõem moral; apenas "ensaiam relações de poder, de brutalização, de enfrentamento do mundo fantasmático das fábulas ou das elaborações mais perversas e perturbadoras do imaginário infantil." (p. 15)

Nos anos 80 deparamo-nos com uma mudança na pintura de Paula Rego, sobretudo, se se tiver em conta a série de oito acrílicos - "Girl and Dog". O horror das séries anteriores é substituído pela melancolia. Ao longo da década de 90, a sua pintura estabilizou a nível formal mas intensificou-se em termos de violência temática. Há um crescendo da violência psíquica e 'invisível' que, de alguma forma, é a marca última de Paula Rego. E é neste sentido que a pintura de Paula Rego segue pelos meandros mais íntimos, mais profundos e insólitos desta trágica "comédia humana". ●

— PATRÍCIA ROSAS



O MEU AMIGO MARLON BRANDO

Fan-Tan, Marlon Brando e Donald Cammell, Civilização Editora, 257 pp., 2006

É a vontade de ser-se amigo de Brando, a mesma que nos leva, ainda, a repetir o visionamento dos seus filmes, que compele a comprar Fan-Tan. Não é esperar que dali venha a quintessência da literatura, mas há, nessa admiração pelo herói rebelde, o desejo pronto de gostar do livro e perdoar o que nele haja, porventura, de inépcia. Mais: queremos estabelecer esta afinidade. Um romance de Marlon Brando! Escrito algures entre a construção da perfeição cinematográfica e o longo projecto final da decadência. E que quase ninguém conhece ainda. Tudo isto é tão imenso e pouco objectivo que não chegamos a memorizar a informação de que existe um outro autor: Donald Cammell.

Fan-Tan foi publicado aos últimos meses de 2005 nos Estados Unidos e, agora, pouco depois, entre nós. Foi China Kong, filha de Anita Kong (ambas, a seu tempo, amantes de Brando), a viúva de Cammell, quem entregou o original ao editor Sonny Metha, poucos meses volvidos sobre a morte de Brando e alguns anos passados depois do suicídio do marido.

E que é Fan-Tan? Um romance de aventuras nos mares da China, ao largo de Macau e Hong-Kong, nos anos 20, que segue os acontecimentos que conduzem Anatole (Annie) Doultry de um inferno de seis meses na prisão a uma fuga espectacular a bordo do seu The Sea Change. Entre um acontecimento e outro, há piratas, pérolas, assaltos, grandes cenas de pancadaria e cenas de sexo extremo com asiáticas de descendência ocidental. Annie, não há qualquer dúvida, é o próprio Brando; o resto é testerona bem trabalhada pela literatura, resultando num livro não propriamente brilhante do ponto de vista narrativo, mas, a espaços, magnífico, como na longa cena em que ao perigo das traições acresce um tufão e no glorioso encontro sexual entre Annie e Madame Lai, no capítulo final.

Fan-Tan (o nome de um jogo chinês, a propósito) é bom entretenimento e, enfim, um bonito momento de camaradagem entre mim, o leitor, e o meu amigo Marlon Brando. O mal vem depois, no posfácio assinado por David Thomson. Nele, ficamos a saber que a ideia original, o cenário, as personagens, eram todos de Brando, mas que foi Cammell quem redigiu o texto. Pior: que Brando o recusou, uma vez pronto. Provavelmente, não porque não apreciasse o resultado final, mas pelos seus humores históricos e pela própria relação instável com Cammell.

Quem era Cammell? Um pintor respeitado que trocou esse estatuto pelo de produtor, actor e realizador jamais consensual, bissexual e extravagante, amigo dos The Rolling Stones e homem que descobriria Júlia Roberts para Pretty Woman, na altura em que o filme ainda estava para se chamar. $3000.

Das conversas em Teti'aroa, o atol de Brando no Pacífico, Fan-Tan esteve para ser um filme; depois, um romance a quatro mãos; depois, acabou por ser nada. Até hoje. Quando o leitor o encontrar nas livrarias e optar por um destes dois livros: o romance de aventuras que Donald Cammell escreveu ou a confissão que Brando nos deixou em segredo, para lhe lermos depois da morte. ●

— ALEXANDRE BORGES

O MUNDO PÓS-EUROPEU

Victor Davis Hanson, Between War and Peace, New York, Random House, 2004. pp.282.

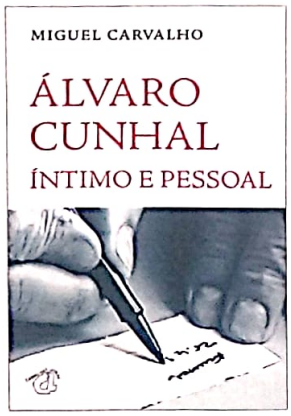
Victor D. Hanson, uma das estrelas do conservadorismo americano, agrupa neste livro cerca de quarenta artigos publicados na 'National Review Online'. Artigos que abordam Israel, a Europa, o Iraque, o Afeganistão, etc. Temas abordados com uma frieza maquiavélica insuperável. Hanson vê o mundo 'tal como é' e não 'como deveria ser'.

À primeira vista, poderíamos considerar Hanson como neoconservador. Mas essa análise estaria incorrecta. Apesar do fulgor que coloca na escrita, Hanson não é idealista ou utópico. É apenas um fervoroso patriota. Advoga uma política externa agressiva, mas de sentido defensivo. Ou seja, defende guerras de segurança e não cruzadas ideológicas. Por outro lado, Hanson apresenta uma dimensão trágica da Política. Coisa impossível num neoconservador. Este historiador militar (especialista na antiguidade clássica) sabe que não existem fórmulas redentoras. A 'necessidade' (guerra X é ou não é necessária?) é a única ética política. Esta frieza maquiavélica abate-se, por exemplo, sobre a Europa em plena birra anti-americana.

Como salienta Hanson, o problema 'atlântico' é de índole estratégica. O colapso da URSS implicou duas mudanças geo-políticas que só agora começam a ser compreendidas. Primeira: a Europa deixou de ser o palco central da política externa americana. Segunda: o fim da Guerra-Fria e o mundo pós-11 de Setembro tornaram evidentes uma verdade encoberta desde 1945: vivemos num mundo pós-europeu. A Europa foi o centro (activo) do sistema internacional até 1945 (ou melhor, até 1941). Depois, durante a guerra-fria, foi o centro do mundo mas apenas como cenário passivo. E esta centralidade (passiva) prolongou a ilusão dos europeus. Nos últimos anos, essa ilusão desfez-se. Ao adaptar-se ao mundo pós-Guerra-Fria e pós-11 de Setembro (ex: revolucionária aliança com a Índia), a América tornou explícita a verdade encoberta desde 1945. E, naturalmente, os europeus têm dificuldades em aceitar este terramoto mental: passados 500 anos, já não mandam! A actual geração de

políticos europeus é a primeira a ser confrontada com essa realidade. Daí o ressentimento anti-americano. Daí a incompreensão deste mundo pós-europeu. Hanson avisa constantemente: ou os europeus abrem os olhos e compreendem o novo mundo ou, então, ficam a pregar sozinhos! ●

— HENRIQUE RAPOSO



OPERAÇÃO FALHADA

Miguel Carvalho, Álvaro Cunhal: Íntimo e Pessoal, Porto, Campo das Letras, 2006, 202 páginas

Este livro é uma tentativa frustrada de humanizar um humano. Parece irónico, mas é revelador daquilo que durante muitos anos foi o entendimento do militante ou simpatizante "do partido". Para estes, Cunhal foi sempre uma figura mitológica, estratoesférica, inatingível no seu valor. "Álvaro", como carinhosamente lhe chamavam, estava para além de todos os outros, de todos os males do mundo. Este é o grande problema deste pequeno livro. Miguel Carvalho, repórter da "Visão", cai também no erro de pensar que o comunismo não foi feito por homens, mas talvez por arcanjos. A idolatração desta ideologia/religião nunca lhes permitiu perceber que tudo foi posto em prática não por figuras esotéricas mas por gente de carne e osso. Por isto mesmo resultou no que resultou e no que continua a perdurar. Esta negação da realidade leva-os a acalentar a utopia, a negar o seu alcance terreno e, até, a confundir tiranias com democracias, como nos presenteou o incontornável Bernardino Soares. Surpreendidos? Não vemos razão para tal. Afinal de contas, o conceito de "democracia" nunca foi muito bem assimilado e as práticas internas "do partido" nem sempre se pautaram por tais princípios, pese embora a fé de Miguel Carvalho na impossibilidade de uma ditadura comunista após o 25 de Abril. A fé move montanhas, Miguel. Ainda bem que não precisámos de provas para o contrariar.

Outro dos erros em que cai este livro é a tentativa quase desesperada de nos fazer ver que Cunhal também lia, ouvia música, gostava da família, de futebol, de rir, de chorar, enfim, que "Álvaro" era um homem igual a tantos outros. Não me parece que alguém tenha duvidado disso, até pela exposição pública que Cunhal sempre teve. Como também se nos escapa o critério de selecção da lista alfabética sobre a qual são escalonados os depoimentos públicos de Cunhal. Para termos uma ideia deste, sobre "Salazar", Miguel Carvalho escolhe um depoimento sobre.... Abel Salazar. Só se Abel moldou mais a vida de Cunhal do que António. Talvez seja esta a explicação...

No entanto, e honra lhe seja feita, o autor começa por dizer ao que vem e de que forma "Álvaro" - também o tratava assim - influenciou a sua vida. Honesto, sem dúvida. Mas insuficiente para transformar este livro em algo apetecível. ●

— BERNARDO PIRES DE LIMA

A DEFESA ÉTICA DO MERCADO

John Meadowcroft, The Ethics of the Market, Londres, Palgrave Macmillan, 2005, 173 páginas

Um dos maiores problemas com que se confrontam os defensores de reformas liberais é a crítica de que as suas posições são imorais ou eticamente deficientes. Se com o colapso do comunismo são hoje (felizmente) poucos os que continuam a defender o socialismo com base em argumentos de eficiência, o número dos que atacam o mercado livre com base em argumentos de natureza ética não só não diminuiu como parece ter tendência para aumentar. Face à falência do socialismo como sistema de organização económica, a esquerda moderada reconverteu o seu discurso no sentido de justificar a maior parte das suas políticas intervencionistas baseando-se numa suposta necessidade de regular e corrigir efeitos do mercado que considera serem eticamente indesejáveis.

Esta mudança de ênfase por parte dos defensores do intervencionismo faz com que a defesa ética do mercado seja hoje ainda mais importante do que no passado. Não basta argumentar que o mercado é desejável devido à sua maior eficiência; é preciso também mostrar que o funcionamento do mercado produz resultados eticamente preferíveis aos que decorrem das abordagens estatistas que continuam a prevalecer em muitos sectores. O livro de Meadowcroft encara este desafio de frente, partindo dos contributos realizados pelos mais importantes autores liberais das últimas décadas (com destaque para Hayek) para a apresentação de contra-argumentos às principais críticas contemporâneas dirigidas contra o mercado no plano ético.

Os argumentos intervencionistas de hoje incorporam um vasto leque de alegadas falhas morais do mercado, que vão desde a associação do livre funcionamento do mercado a desigualdades inaceitáveis e à exploração até à ideia de que a concorrência pode levar ao estabelecimento de um suposto "mínimo denominador comum" com implicações negativas a nível social e cultural. Depois de descrever o estado da arte destas críticas, Meadowcroft refuta-os, oferecendo uma nova síntese dos argumentos éticos a favor do mercado que vão desde a explicação do carácter insubstituível dos preços enquanto mecanismo de coordenação económica até à demonstração de que só a distribuição resultante do mercado pode ser considerada justa. O mercado livre, com a multiplicidade de empregadores e agentes económicos em situação de mútua interdependência, é também a melhor forma de reduzir situações de exploração e coerção. Simultaneamente, ao proporcionar fortes incentivos para que cada indivíduo tenha sempre presentes as necessidades das outras pessoas, o mercado, longe de resultar em "atomismo", promove a confiança e acumulação de capital social e moral, ao mesmo tempo que possibilita um incomparável grau de diversidade nas escolhas.

De particular interesse para o debate futuro é o argumento desenvolvido por Meadowcroft no sentido de que o mercado é não só o sistema mais adequado à promoção de fins geralmente conotados com o "egoísmo" como também, em qualquer sociedade alargada, o único meio disponível para concretizar eficazmente propósitos "altruístas". Numa época em que as atitudes estatistas em muitas áreas continuam a prevalecer de forma generalizada e em que a defesa de algumas velhas fórmulas socialistas assenta cada vez mais na invocação de argumentos morais, a cuidada defesa ética do mercado levada a cabo neste livro é um recurso valioso. ●

— ANDRÉ AZEVEDO ALVES

Livro de cabeceira

EXCOMUNGADOS DE ABRIL

José Manuel de Morais Cabral

Ao meu Amigo José Manuel de Mello

Os autores do livro "Excomungados de Abril", em boa hora decidiram fazer "uma viagem à vida louca dos empresários e gestores nos anos quentes a seguir ao 25 de Abril de 1974, baseada numa pesquisa histórica e em entrevistas pessoais a espectadores e actores privilegiados da época". Como em todas as viagens, há saídas antecipadas e atrasadas; encontros e desencontros; passageiros com diferentes estados de alma; a luta e o desencanto. O desespero e a esperança. Talvez seja nestes episódios, todos com títulos muito sugestivos, de leitura rápida e fluida, que encontramos nos empresários portugueses, entre o humor e o azedume, uma capacidade de resistência, combate e reconstrução, que os enobrece e mostra como a existência de um Portugal livre foi sempre o seu objectivo último.

Feita esta introdução, gostaria que os autores, Filipe S. Fernandes e Hermínio Santos, tivessem podido desenvolver com um prefácio, cobrindo o período 68-74, e um postefácio, sobre o período 76-85, a forma de enquadrar os antecedentes narrados no livro, e extraído uma conclusão: o actual sistema constitucional contém genes de uma economia tutelada agora, não por um poder militar, mas sim por um conjunto de interesses a que Medina Carreira tão bem apelida do "Partido - Estado" e onde se acolhem " 60% dos votantes activos."

Vai também nessa linha um excelente ensaio de Rui Ramos sobre "O processo constitucional em curso", publicado na edição de Abril de 2006 da revista *Atlântico*, que aborda os 30 anos do texto constitucional de 2 Abril de 1976 e onde continuam plasmados as contradições do golpe de estado de Abril de 74 e as suas consequências numa, ainda por realizar, emancipação da iniciativa privada.

Estas análises permitem questionar um aforismo muito comum na Sociedade portuguesa (dos políticos aos intelectuais e tutti quanti ...) segundo a qual os empresários são proteccionismo-dependentes e, de preferência, segundo a media generalista e de especialidade, subsídio-dependentes do Estado, factos que, segundo estes opinadores, têm origem no salazarismo bolorento.

Só que esta "tese" não é evidenciada em factos, como resulta da análise da profunda transformação do Estado e da Sociedade Civil, após a adesão à EFTA e da assinatura do primeiro acordo comercial com a CEE, na década 60/70, bem como das taxas de crescimento da Economia então registadas.

O Estado, no entanto, torna a adquirir, via nacionalizações, uma dimensão acéfala e desmesurada no pós 25 de Abril. Os fundos comunitários malbaratados e a péssima gestão do impacto da queda das taxas de juro que em p.p do PIB correspondem ao actual défice das contas públicas; o crescimento da Administração Central, Regional e Local, no período 96 a 2000, constituem, hoje, os principais obstáculos a um crescimento acelerado de economia, no quadro das novas regras que a globalização nos está a impor. E é esta a envolvente real dos empresários portugueses. E é este o desafio à proposta de "convergência estratégica" do actual Presidente da República para a mudança deste estado de coisas!

Regressando ao livro, há uma palavra que percorre os vários contributos: "solitário".

Para quem, como eu, aos 28 anos, se torna um dos responsáveis pelos dois órgãos, a Confederação da Indústria Portuguesa e o "Jornal Novo", que mais tentaram influenciar, alterar e inverter o rumo dos acontecimentos, é um sentimento que partilhei e revejo ao longo dos depoimentos.

A leitura dos "Excomungados de Abril" faz ressaltar, e muito bem, um outro tema que é transversal a todo o livro, o corte geracional que se deu e a ascensão aos mecanismos de decisão da geração que caminha para os 60 anos, protagonismo que nem a idade, nem a experiência, em tese, permitia.

A ousadia, a coragem física, o jogo de cintura, a imaginação imprescindível, a persistência, fazem desta geração um exemplo que mostra que Portugal, nos verdadeiros momentos de crise, sempre soube juntar os seus melhores para defender o País.

Aos autores deve-se muito, ao terem contribuído para a imagem de que os portugueses - empresários e gestores - são capazes, quando se articulam, de dar um sentido e rumo aos desafios, encontrando, em cada momento, as soluções adequadas. Leitura, pois, obrigatória!

N.B. Este texto foi destinado, em primeira edição, para a revista "Tradição do Futuro" do Grupo José de Mello. Entendi ser importante levá-lo ao conhecimento dos leitores da "Atlântico". ●

"EXCOMUNGADOS DE ABRIL", DE FILIPE S. FERNANDES E HERMÍNIO SANTOS, EDITORA D. QUIXOTE

Filmes

A NOSTALGIA DO BEM

O Novo Mundo

Título original: The New World; Interpretação: Colin Farrell; Christian Bale; Christopher Plummer; Q'Orianka Kilcher; David Thewlis; Drama; 2006

Antes de mais, e para não fazer perder tempo ao leitor a tentar perceber se o prolixo critico, afinal, gostou ou não do filme, vamos directos ao que importa: *The New World* é aquilo que tecnicamente costuma ser designado por "filme dum camandro". Se preferir adjectivação mais sóbria, faça-se a sua vontade: o novo filme de Terrence Malick é belo, inteligente e de uma sensibilidade à prova de críticos. Decerto, uma das melhores noites que passaremos nas salas de cinema nacionais em 2006.

Malick, é sobejamente sabido, é um caso particular na história do cinema. Com apenas quatro obras dirigidas num período que percorre, entre o primeiro e o último títulos, nada mais nada menos que 33 anos, e inúmeras narrativas paralelas (provavelmente, já mistificadas) de abandono de projectos e desaparecimentos por decepção com a indústria. Dá-se o caso de, nas escassas vezes em que o quis provar, ter marcado gerações de espectadores, donde se segue o merecido fenómeno de culto em seu torno.

Contudo, e nestas coisas é pródiga a relação entre criadores e admiradores, poderia discutir-se, sem sombra de heresia, se esse fenómeno não virá sendo inflamado a um ponto de sobrevalorização que talvez o próprio Malick, aparentemente avesso a grandes espalhafatos, desdenhe. *Badlands* é um belíssimo primeiro filme, com Martin Sheen e Sissy Spacek em auspicioso princípio de carreira, mas não uma obra incontornável; quanto a *Days of Heaven*, não teve o critico ainda o prazer de assistir; e *The Thin Red Line*, com muito de magistral, tinha um trailler de um minuto a provar que conseguia, em 60 segundos, contar aquilo que o filme prolongava para lá das duas horas e meia.

The New World chega oito anos depois. Nesse contexto de culto, com a exorbitância da paixão dos malickianos em torno de *The Thin Red Line*, e com um estranho calendário de distribuições a deixá-lo perdido em cartaz na época cinematográfica mais desinteressante do ano, uma espécie de defeso, se quisésemos importar o jargão do futebol.

Isto talvez justifique as reacções díspares que tem suscitado. O público ainda faz o seu caminho em direcção às salas. E a critica, a outra, não pareceu enamorada. E tem mesmo, de algum modo, dado a ideia de se reclamar ofendida por Malick ter repetido truques de *The Thin Red Line* que, assevera ela, aqui já não resultam.

Ora, este critico não compreende isso. Como amar *The Thin Red Line* e achar *The New World* vulgar? Como não compreende aqueles "gusvansantistas" que matariam por *Elephant* e desprezam *Last Days*. Mas adiante. Essa seria matéria para texto completamente diferente.

The New World é, em termos informativos, a história de três embarcações britânicas que, em 1607, desembarcam na Virgínia e fundam a colónia de Jamestown. A maioria dos colonos sucumbe à vida selvagem e, quando o capitão John Smith é encarregue de negociar alimentos com os nativos, é capturado e mantido cativo, até acabar por se apaixonar por Pocahontas, a filha do rei. A partir daqui, contar mais seria demasiada intromissão na narrativa do filme.

Mas *The New World* - não se esperaria o contrário, calculo - não é obra muito interessada na informação. É, antes, a afirmação de Malick no território dos poemas de imagens. Não há um só fotograma de película que não seja, em si mesmo, muito belo. Depois, é um filme sobre a linguagem. Pocahontas aprende inglês pela boca do capitão Smith. As palavras que usa são repetidas das suas e combinadas de modos diferentes para que, de vocábulos simples, exprima sentimentos complexos. Num terceiro plano, é uma obra perpassada, de início a final, por aquilo que podemos descrever como a nostalgia do bem. A este nível, ocorre-nos, imediatamente, outro director, em tudo diferente de Malick, excepto neste particular: M. Night Shyamalan e o seu belíssimo *The Village*. Numa quarta e derradeira dimensão, *The New World*, Novo Mundo, aproveita a circunstância da progressão da descoberta da América para discorrer acerca da descoberta do amor. Nesse sentido, o reencontro entre Pocahontas e o Capitão Smith não deixa margem para grandes dúvidas: "Encontraste as tuas Índias?", pergunta ela. Ele nega. E complementa: "Talvez lhes tenha passado mesmo ao lado", concluindo ela, antes de regressar para o marido que, agora, descobre como tal, "Hás-de encontrar".

Um filme maior, *The New World*, apesar dos olhos de carneiro mal morto (de novo, falando tecnicamente, é claro) de Colin Farrell, e também graças a Christopher Plummer (este ano, intensamente recuperado pelos directores), ao pequeno papel do grande Christian Bale e à soberba, e verdadeira protagonista da obra, Q'Orianka Kilcher (aviso: a miúda tem 16 anos). ●

— ALEXANDRE BORGES

SHARON STONE REMIXED

Instinto Fatal II, Michael Caton-Jones
Título original: Basic Instinct II; Interpretação: Sharon Stone; David Morrissey; Charlotte Rampling; Thriller; 2006

Em cartaz, havia dois "II" para ver: "Ice Age II" e "Basic Instinct II". E nesta dialéctica, como se percebe instantaneamente, cabe todo o género humano. Ao primeiro, levaríamos a mulher e os filhos na tarde de domingo, os sobrinhos na de sábado, a namorada, caso ela tivesse gostado mesmo muito do original e necessitássemos de argumentos para a convencer a acompanhar-nos no visionamento da outra sequela em exibição. Ao segundo, resultando a última estratégia, iríamos com ela. Senão, iríamos sozinhos, tanto melhor, na noite dominical, depois de abandonar os sobrinhos no pátio da escola, já de mochila às costas para o dia seguinte. Ou os filhos. Ou a mulher, para a eventualidade de haver - sabe-se lá - uma reunião de pais. E mataríamos saudades de uma das senhoras com quem descobrimos os mistérios do sexo oposto, recordaríamos a aurora de 14 anos atrás, como quem houve um "Hey Jude" ou vai ao jantar de antigos alunos para rever a Vanessa, um quarto de vida real depois.

Serve a longuíssima abertura para demonstrar o contraste entre expectativa e resultado. O resultado cabe mais ou menos na seguinte palavra:

- Pois.

Tive amigos que me avisaram, críticos que li, pressentimentos a garanti-lo. Todos estavam certos e mentiam. Certos porque alertavam para a desilusão. Mentiam porque falavam - pasme-se - do estrito ponto de vista cinematográfico. Comparavam este "II" ao "I" enquanto thrillers, discutindo actores, dotes de realização e argumento.

Mas "Basic Instinct", o original, era Sharon Stone, o corpo, a atitude, o sexo, em 92. Todos os homens de uma certa geração têm com ela e, desde logo, com a fita, uma relação assim entre o terno e o perverso, lado a lado com a primeira namorada. "Basic Instinct" não era um filme; era um poster do quarto da adolescência, um apontamento importante acerca do crescimento.

O "II" não vai nem para o fundo da gaveta, nem para o bloco de notas, não tem sequer o número na agenda do telemóvel. Quase década e meia depois de muito thriller erótico, muita tv cabo e internet, do justo conhecimento empírico, é café pequeno, coisa para meninos, desastradamente britânico lavadinho, com menos sexo que um episódio de novela, menos desejo que um videoclip MTV. E Sharon está escondida atrás do botox, invejosa das Jessicas Albas e Simpsons de agora, negligente de que as ensinou a seduzir.

Como filme? Como filme nem é mau de todo. •

— ALEXANDRE BORGES

Descubra a Europa

europa lisboa 90.4fm

O Engraxador

THE SHOW MUST GO ON

Fernando Sobral

Portugal, se fosse uma Cinemateca, repetia sempre o mesmo ciclo de filmes. Até à exaustão. É assim que se anestesia um país. E se permite que uma meia dúzia de iluminados continuem a sua dança de vénias, independentemente do mundo que muda à sua volta. Aqui há quem tenha o poder de decretar o que é "bom" e o que é "mau" e, pior, pode dar-se ao luxo de silenciar tudo o que é feito fora do seu círculo restrito. Na sua pequenez, Portugal não tem diferentes grupos que assumam posições díspares e que estimulem qualquer debate. Quem quiser aparecer ou mostrar a sua valia tem de pertencer a esse "núcleo duro" que se reproduz como Gremlins. A domesticação de um país faz-se assim. Criando uma "cultura de regime" que hoje é visível na sociedade portuguesa: seja na literatura ou no cinema. Algo que ninguém arrisca criticar para não cair da cadeira de baloiço que dá acesso a algumas migalhas do poder.

Aspirar ao domínio cultural sempre foi uma estratégia política e económica. Mesmo no admirável mundo da "sociedade do espectáculo" ainda assistimos a isso. E quem o pratica de forma mais hegemónica é quem diz que quer colocar o povo a ver filmes de Antonioni e a ler Flaubert. Os que fazem isso são, por detrás da máscara da revolução social, os mais conservadores a qualquer mudança. Modernização passou a ser sinónimo de americanização e de superficialidade. A França, de onde foi decalcada a geração que domina a cultura social indígena, recusa-se a isso. E refugia-se no passado. O problema é que a própria cultura francesa é filha da publicidade, como hoje é visível no seu cinema.

Mas parece que ninguém quer ver isso em Portugal. A recente pseudo-polémica sobre a eventual saída de João Bénard da Costa da liderança da Cinemateca (que bebeu o seu modelo da sua congénere francesa...) é exemplar sobre a forma como a elite cultural portuguesa discute o que quer que seja. Para eles Bénard da Costa é um homem de grande sabedoria. Estamos de acordo, como é visível nas suas deliciosas prosas. Depois, dizem, sendo ele o único português com grandes contactos internacionais, a Cinemateca vive da sua capacidade única. Para quem o defende, com unhas e textos, Bénard da Costa é uma espécie de Rolling Stones do cinema português: vai existir para sempre. A questão central é que a saída de João Bénard da Costa não tem a ver com a sua idade ou com o que fez pela divulgação do cinema em Portugal. Ou mesmo pelo seu inegável peso cultural. Tem a ver com um país que se recusa a mudar quando é necessário. E que deve apropriar-se das mais-valias do que foi feito e lançar pontes para o futuro. É isso que alguns não querem ver. Uma geração considera que traçou o caminho justo. Criticá-los ou pedir que sejam dispensados de tarefas executivas para dar lugar a outros parece ser um pecado. Ninguém tem coragem de criticar erros de quem atingiu a medalha de defensor da grande cultura porque pode ser apelidado de militante do que é irrelevante. Bénard da Costa marcou a divulgação cinematográfica em Portugal. Mas tornou também a Cinemateca no único lugar do saber. Uma Torre de Babel de que só ele tem a chave. Quem trabalhou em Cineclubes sabe quantas vezes escreveu para a Cinemateca e recebeu, de volta, a mais triste das respostas: o silêncio.

> João Bénard da Costa marcou a divulgação cinematográfica em Portugal. Mas tornou também a Cinemateca no único lugar do saber. Uma Torre de Babel de que só ele tem a chave

É isto que preocupa certos super-heróis da cultura portuguesa, que sempre conviveram cordialmente com esta "cultura de regime" e que agora já se dão ao luxo de falar de possíveis sucessores (alguns nomes são para rir...): querem continuar a ter o "copyright" do saber cultural. Tudo para eles é uma questão de transição dinástica dentro do mesmo clã. E tudo tem a ver com subsídios e cumplicidades, onde toda a ruptura não controlada deve ser evitada. Por exemplo, o vibrante IndieLisboa que apoios decentes tem tido? É no meio de tudo isto que não se entende o papel de Isabel Pires de Lima. Se é que tem algum, para além de assinar o que outros decidem. Seja na questão da colecção Berardo. Seja neste triste episódio, após algumas centenas de "notáveis" terem assinado um documento de apoio à manutenção de Bénard da Costa. Para eles o seu "show" deve continuar a reinar. E continuará, pelos vistos. Mesmo quando Isabel Pires de Lima for liberta das suas funções. ●

Discos

ESTRANHA FANTASIA

"He Poos Clouds", he Life Pursuit
Final Fantasy, Tomlab, distrib. Flur, 2006

"E então, o que é temos?" - pergunta-me o leitor, enquanto, de bandeja na mão, entre as cadeiras da esplanada, procuro equilibrar o corpanzil. Avanço com uma proposta de Primavera. Com *Subtítulo*, de Josh Rouse. Que, pela leveza e graciosidade das suas tonalidades, pode e deve escorregar até aos areais de Verão. Pois, pois: *Subtítulo* é um refresco despretensioso para beber ao fim da tarde, antes de ir passear para a marginal. Nada mais, nada menos do que isso. Josh não está para grandes invenções e arrojos (na verdade, se pensarmos bem, nunca esteve). Parece feliz e aconchegado na sua nova existência espanhola. Basicamente, não quer chatices. Começa o álbum com uma melodia com assobio dentro. E prossegue com uma série de canções mais ou menos homogéneas, com cheirinho a Bossa Nova e uns arranjos pop guardados na pasta *Prefab Sprout* (ouça-se, por exemplo, *It Looks Like Love*).

Percebo que a proposta não satisfaz o apetite do cliente. A larica exige algo mais alimentício e substancial. Ouve-se pela cidade toda o ronco no estômago de quem adiou em demasia a decisão da comezaina: "E mais, e mais?". Sugiro, sem hesitações, o novo dos *Final Fantasy*, acabado de chegar - via Flur - à redacção da Atlântico. E aconselho também, como aperitivo, para perceber do que é que se trata, o primeiro fôlego deste projecto do violinista Owen Pallett, rapaz canadiano de iniciativas várias - trabalhou com os *Arcade Fire* nos arranjos de cordas de *Funeral*, fez parte dos *Les Mouches* e dos *Picastro* e colaborou com os *The Hidden Cameras*.

Trago, então, primeiro *Has a Good Home*, editado no passado, em jeito de intróito. Registo suave e elegante, entre a pop e a clássica - no qual Owen usa e abusa do violino para conseguir os efeitos desejados. A fazer, naturalmente, lembrar Andrew Bird (sim, o autor do soberbo *Andrew Bird & The Misterious Production of Eggs*) e, por vezes, os *Divine Comedy*. O segundo tema, *This is the Dream of Win and Regine*, é um mimo. Receita simples: boa melodia de violino e um refrão engraçaducho: "Montreal may eat its young/ but Montreal won't break us down". Outras pepitas do conjunto. O que vem logo a seguir, por exemplo: *Your Light Is Spent*. E, um pouco mais à frente, *That's When The Audience Died*, com um final de crescente e intensa violinada (temperada por uma viola apaziguadora).

Só depois de provado o antigo repasto, trago para a mesa o novíssimo - simpática e escatologicamente intitulado *He Poos Clouds* e inspirado nos princípios mágicos e no imaginário do jogo *Dungeons & Dragons*. (já sabem, claro: o nome *Final Fantasy* foi picado do conhecido jogo de computador). Faço logo questão de avisar da diferença de sabores em relação ao primeiro - este segundo é menos agradável e sorridente, digamos assim. É um bocadito mais difícil, obscuro e conceptual. Owen Pallett já não está sozinho com o violino. Rodeia-se, entre outros instrumentos, de um quarteto de cordas (habituado, imagine-se, a tocar Bartók e Beethoven) e de um piano. A obsessão minimalista, essa, é exactamente a mesma.

A primeira, *Artic Circle*, é uma espécie de tango composto por Michael Nyman (aliás, não é só neste tema que o fantasma de Nyman aparece; o início de *The Pooka Sings* dir-se-ia fanado a *Drowning by Numbers*). Da segunda, *He Poos Clouds*, fica sobretudo uma estrutura complexa e a gritaria do meio (dispensável num disco, mas certamente com forte efeito numa actuação ao vivo; e, diz quem já os viu, os Final Fantasy transcendem-se em concerto).

This Lamb Sells Condos, a minha preferida do conjunto, é atravessada por um piano martelado e apressado e - a partir de certa altura - por mansas e assustadoras vozinhas infantis. *I'm Afraid of Japan* podia ser a resposta melancólica ao épico dos 80's *Big in Japan*, dos Alphaville. Em *The Pooka Sings*, aquela que tem a missão de encerrar a festarola, Pallett prepara, com a delicadeza com que entoa os versos, o embalo romântico de um piano *Haroldbuddiano*.

Nota-se, sim senhor, o cheirinho a Sparks nesta segunda empreitada dos *Final Fantasy*. Uma espécie de *Sparks meets Neil Hannon. Do You Love?*, com as suas brincadeiras vocais, é um bom exemplo disso. Já não estamos só nos confortáveis e inofensivos territórios do cruzamento entre a pop boazinha e a clássica. Desta vez, a fantasia agigantou-se. Ficou mais rica. Mais estranha e complexa. E, ao fim de várias audições, ainda mais apetecível. ●

—NUNO COSTA SANTOS

NOVO VELHO BARROCO

Rolf Lislevand; Nuove musiche
ECM New Series/ Dargil

Alguns associarão com razão o nome Rolf Lislevand (n. 1961), norueguês, exímio tocador de alaúde, teorba e guitarra barroca, ao catalão Jordi Savall, pois foi com este que Lislevand ganhou mundo no panorama da música barroca e em formações reputadíssimas como o Hesperion XX, La Capella Reyal de Catalunya e Le Concert des Nations. O seu interesse fixou-se então na música dos séculos XVI e XVII e de modo irreversível, o que contribuiu para a decisão de ir viver para Verona, Itália. No convívio estreito com uma civilização antiga, sempre atenta à tradição e ao modernismo, Rolf Lislevand vem procurando combinar a intuição com a investigação, de modo a aperfeiçoar uma concepção pessoal e exaustiva do estilo e da estética da música barroca.

"Nuove musiche" assinala a estreia de Lislevand no catálogo New Series da ECM e reúne um conjunto de músicos predominantemente da área da música antiga: a filha de Jordi Savall, Arianna (harpa e voz), Pedro Estevan (percussão), Guido Morini (instrumentos de tecla), Marco Ambrosini (harpa), Thor-Harald Johnsen (guitarra). Mas o jazz faz-se igualmente representar pelo contrabaixista Bjørn Kjellemyr. E com intenção muito particular. "Nuove musiche" reporta-se às regras proclamadas por um grupo de musicólogos e intérpretes que há quarenta anos atrás, inspirados pela beleza da música italiana do século XVII para alaúde e guitarra, defendiam a íntima relação a existir entre a cor e a linguagem desse estilo musical com as propriedades dos instrumentos utilizados; a técnica ins-

trumental baseada no conhecimento adquirido nas fontes da época; a experiência dos executantes no repertório desse mesmo tempo; finalmente a execução da música com base nos manuscritos originais.

Se a substituição da polifonia pelo barroco visava a adequação da expressão musical à espiritualidade, emoções e experiências do homem de então, a versão contemporânea desse pressuposto faz assentar sobre tudo isto o improviso (que é a forma espontânea de compor; daqui o encontro da linguagem erudita com o jazz). "Nuove musiche" dá-nos a escutar música de Kapsberger (c. 1575-1661), Pellegrini (c. 1610-1662), Piccinini (1566-1638), Narváez (1500-1555), Frescobaldi (1583-1643) com adaptações e arranjos contemporâneos da autoria de Rolf Lislevand. O mesmo que dizer que nos oferece música barroca tocada com o espírito e a genuinidade do presente. A opção pelas peças apresentadas está ligada ao potencial de reinvenção que as mesmas encerram. Como se sendo fiéis às suas próprias sensibilidades, os músicos aqui presentes estivessem mais próximos do propósito com que estas composições foram originalmente executadas. Acaba não sendo tanto música para puristas como para entusiastas. ●

— RICARDO GROSS

CONVERSA DE ALMOFADA

Morrissey
The Ringleader of the Tormentors
(Attack/Sanctuary, 2006)

Aviso: este é o disco de um crooner inglês de popa petulante armado em latino decadente, que canta versos xaroposos como "I'm spreading your legs/With mine in between" e "there are explosive kegs/Between my legs" acompanhado de coros de crianças italianas e arranjos melodramáticos para violino compostos por um autor de bandas sonoras de westerns spaghetti. Não é, à partida, a perspectiva mais agradável? Não, não é. Mas o artista é um bom artista, sumidade das sumidades na pop livresca, e merece a presunção da inocência. Ringleader of the Tormentors é o oitavo álbum a solo de Morrissey, desde que em 1987 se finaram os deveras celebrados Smiths e depois de em 2004 ter interrompido um período de irrelevância musical com o magnífico You Are the Quarry. Nenhum outro artista pop é tão dissecado como o Feiticeiro de Moz. E cada novo disco é um pretexto para lhe fazermos contas à vida, verificando a evolução dos ódios, da inabilidade amorosa ou da frustração/resignação sexual. Este, pelos vistos, é a crónica de novos e solarengos dias. Morrissey morreu e foi para o Céu. E o Céu - ao contrário da canção dos Smiths - sabe que ele está muito mais feliz agora. Deixou Los Angeles, como outrora tinha abandonado Manchester, e encontrou O Amor em Roma. Talvez por isso, apesar das imagens utilizadas, Ringleader of the Tormentors é provavelmente o menos metafórico e eufemístico álbum de Morrissey. E também o mais romântico, quer no sentido novelesco, quer no sentido literário, pois se é certo que a sua música em nenhum momento foi sobre outro tema que não o próprio "eu", nunca como aqui as palavras "I" e "Me" são utilizadas com tamanha cadência. Em todo o caso, por muito que o disco seja um entusiasmante episódio para o nosso religioso voyeurismo, sempre é de música pop que falamos. E na pop, mais que tudo, valem as canções. Coisa em que Ringleader of the Tormentors é desequilibrado, oferecendo peças de antologia (Dear God, Please Help Me, You Have Killed Me ou At Last I Am Born) ao lado de outras menos inspiradas (To Me You Are a Work of Art, I'll Never Be Anybody's Hero Now). É verdade que o disco tem Tony Visconti (Bowie, T-Rex) na produção e Ennio Morricone (o tal dos filmes de Sergio Leone) nos arranjos. Mas à obra-prima formal nem sempre corresponde a excelência da substância. Pelo que, estando longe dos momentos mais embaraçosos da carreira de Morrissey, não chega, ainda assim, à glória de You Are the Quarry, Viva Hate ou Vauxhall And I. ●

— FRANCISCO MENDES DA SILVA

Artes plásticas

A VANGUARDA DOS ANOS 40-50

Os anos 40 e 50 na Colecção do Museu do Chiado-MNAC
Museu do Chiado; Ter. a dom. das 10 às 18h; Até 18 de Junho

Surrealismo, Neo-Realismo, Abstracção Geométrica... A vanguarda artística nacional das décadas de 40-50 do passado século está reunida no Museu do Chiado, juntamente com Almada Negreiros, numa exposição que recorda o novo impulso criado anos após a arrancada histórica do primeiro Modernismo.

Almada abre a mostra, com o destaque que lhe merece o papel de figura tutelar da primeira vanguarda que neste período aprofunda as suas pesquisas. Ocupa uma sala inteira, com os estudos para os frescos das gares de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos e para o painel Começar, e outras obras expondo a mestria incomparável do desenhador.

A Abstracção Geométrica é o primeiro dos núcleos dedicados aos movimentos emergentes em 40-50. Suavemente impõe-se a pintura depurada de Fernando Lanhas, ao lado do ritmo geométrico de Nadir Afonso e do experimentalismo compulsivo de Joaquim Rodrigo.

A seguir, o núcleo pequeno mas intenso do Neo-Realismo, dramático no Gadanheiro, de Júlio Pomar, ou no Mercado de Trabalho-Alentejo, de Manuel Filipe, quase lírico nas Vendedeiras de Querubim Lapa, ainda mais subtil nas Mulheres de Pescadores de Júlio Resende.

Depois, o Surrealismo, com "históricos" como António Pedro, António Dacosta, Vespeira, Fernando Azevedo, Fernando Lemos, Mário Cesariny, Alexandre O'Neill. O movimento bem representado, com pintura, fotografia, colagem, escultura. Obras emblemáticas, como a irreverente Sabbat-Dança de Roda de António Pedro, a nostálgica Festa de António Dacosta, ou a agressiva Carne Vegetal de Vespeira.

Há ainda dois núcleos dedicados à Figuração e Não-Figuração. No primeiro, o novo e melancólico realismo de Nikias Skapinakis, a figuração mais lírica de Sá Nogueira, e a paisagem cezanniana de João Hogan. No segundo, a revelação Jorge de Oliveira e as suas fascinantes paisagens psicológicas, entre artistas como Manuel d'Assumpção e Carlos Calvet.

É um olhar abrangente sobre a obra de uma geração que se afirmou não apenas pelos valores estéticos que propôs como também pelos valores éticos que defendeu, num tempo adverso a tais liberdades. ●

— FÁTIMA [illegible]EIRA

QUARTOS COM FANTASMAS

Nikias Skapinakis- Quartos imaginários
Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva
Seg. a sáb., das 11 às 19h; Dom. das 10 às 18h; Até 23 de Julho

O quarto é o espaço mais simbólico da casa. Lugar de nascimento e morte, sono e vigília, sonhos e pesadelos, solidão e amores, segredos e revelações... Os quartos que Nikias Skapinakis, um "histórico" da Arte portuguesa com obra longa de cinco décadas, mostra na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva são tudo isto, e muito mais.

Pintados entre 2001 e 2006, são quartos ficcionados de artistas e escritores, quase todos criadores da sensibilidade moderna, à excepção de El Greco (cuja escolha se explicará pela origem grega de Nikias, que também justificará o quarto dedicado a Kavafy). Vinte sintéticas biografias plásticas, numa versão muito pessoal, ilustrando o fascínio antigo de Nikias pelo retrato de figuras ligadas à Cultura, muito embora nestes quartos não haja presenças visíveis: os seus ocupantes habitam-nos como fantasmas, que se materializam apenas em evocações da sua vida e obra irrompendo aqui e ali, em móveis, paredes, janelas... Na série de telas alinhadas na sala de exposições temporárias da fundação, só Arpad Szenes e Vieira da Silva são retratados, fundidos num abraço, num amor absorvente: no quarto secreto onde Nikias os vê só existem os dois, e a pintura de Vieira...

Nestes quartos imaginados (onde cabem o quarto de dormir, o atelier, o recanto ou a varanda, de um quarto, pressupõe-se), vão-se repetindo elementos como a cama, a mesa, a cadeira ou a janela, mas em cada tela a narrativa é diferente: O Quarto de Frida Kahlo, com a cama branca como a de um hospital e o fundo vermelho-sangue, é a história do seu sofrimento (e também do amor por Rivera, retratado na tela no cavalete); O Último Quarto de Fernando Pessoa, despojado, reduzido ao leito e o baú dos inéditos, é a imagem da sua solidão; e o Quarto de Egon Schiele, com a enxerga e a grande porta fechada, com grades, o espaço da sua prisão...

De uma forma mais literal ou inventada, Nikias cita em cada uma das vinte telas a obra dos criadores que admira (a natureza-morta de Cézanne, as cores de Gauguin, o nu de Matisse...), e também a sua (o marinheiro com cravo no quarto de Cesariny, a alusão à Cartomante no atelier de Chirico...), juntando os seus próprios fantasmas aos que pairam nos quartos. ●

— FÁTIMA VIEIRA

UM PARAÍSO AQUI TÃO PERTO

Arquipélago dos Bijagós, um património a preservar
Museu Nacional de História Natural
Seg. a sex. das 10 às 13h e das 14 às 17h; Sáb. das 15 às 18h; Até 30 de Junho

Bijagós. Ilhas de areias brancas e águas azuis, florestas de palmeiras, savanas e mangais, onde nadam tranquilos animais raros e milhares de aves fazem ninho. Um paraíso quase desconhecido ao largo da Guiné-Bissau, agora aqui tão perto, no Museu Nacional de História Natural, numa exposição com uma causa: apoiar a candidatura do arquipélago de 88 ilhas à classificação de Património Natural e Cultural Mundial.

A exposição foi inaugurada em 2005 na sede da UNESCO (Paris), pelo Programa Regional de Conservação da Zona Costeira e Marinha da África Ocidental, e mostrou-se durante sete meses no Aquarium Tropical do Palais de la Porte Dorée. Por cá foi organizada pelo CIDAC (Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral), num cenário bem diverso do do Palais, mas mágico na revelação de um mundo onde a vida flui em harmonia com uma Natureza considerada sagrada.

São sobretudo fotografias, de grande formato, de Jean François Hellio e Nicolas Van Ingen. Imagens que, acompanhadas de mapas e notas explicativas e de uma pequena mostra de arte, artesanato e produtos bijagós, se organizam em núcleos temáticos. A paisagem deslumbrante das ilhas, o verde profundo das florestas e o azul límpido dos mares, o recorte sinuoso dos mangais e o desenho em "patchwork" dos arrozais... O povo bijagó nas suas actividades, pilando arroz, carregando cachos de chabéu (fruto da palmeira), pescando... O povo nos seus rituais, dançando com "veste" de tubarão, venerando a divindade que mora no poilão (árvore sagrada)... A biodiversidade única, exuberante, colónias de tartarugas e aves marinhas, hipopótamos de água salgada, mamíferos e peixes raros dos mangais... E o outro lado do paraíso, as ameaças ao equilíbrio secular: a pilhagem dos mares, o turismo desregrado...

Poderá dizer-se que fica muito por mostrar, que o cenário não é o ideal. Mas a exposição impõe-se pela beleza das imagens. E pela importância da causa. ●

— FÁTIMA VIEIRA

Humilhados e Ofendidos

AJEITA A PERUCA, CONSERVADOR!

Alexandre Soares Silva

Só vamos ganhar se combatermos piada com piada, ironia com ironia, charme com charme, referência pop sarcástica com referência pop sarcástica, nas praias encharcadas de sangue dos nossos corações e mentes

Muitos anos atrás, na biblioteca da faculdade, quis seduzir uma menina dizendo que a pontinha do nariz dela mexia quando ela falava. Ela imediatamente tapou o nariz com as mãos, deu um gritinho e mal disse alguma coisa nos minutos seguintes.

Alguns anos depois, soube que operou o nariz. Mas, ao invés de falar nessa patética história, eu quero falar de um problema de imagem que nós, ó irmãos - nós conservadores, nós liberais, nós que arqueamos o lábio superior como Elvis quando vemos uma camiseta de Che Guevara - temos. E nomeando esse problema de imagem, é que parecemos cretinos.

Não, não cretinos - qual a palavra que eu procuro? Queria uma tradução para uncool, unhip. Percebi isso claramente pela primeira vez vendo esses programas americanos de discussão política em que as pessoas gritam e se esgoelam. Me lembro especialmente de um em que Frank Zappa, sobrenaturalmente parecido com Robert L. Stevenson, era acusado de "apologista do incesto" por um conservador gordinho, grosseiro e tacanho, cujo cabelo parecia ter sido besuntado na saliva de uma vaquinha mococa.

Depois vi um programa em que Jon Stewart, de camiseta e com um bom corte de cabelo, confrontava um conservador de gravata borboleta. A certa altura ele disse justamente isso: "Você tem 34 anos e usa gravata borboleta". E bastou isso. Eu até concordava com as coisas que o conservador dizia, mas tive que dar a vitória a Jon Stewart. Ninguém de gravata borboleta vence discussão alguma.

(Perdão, não tinha visto. Mas você pode.) Também conheço um apologista católico muito bom que pinta o cabelo de acaju e se permite ser fotografado dançando com velhinhas ao som de banjos - e com meninas de oito anos que sobem nos sapatos de duas cores dele. Você não vê George Clooney fazendo essas coisas. Não usando uma camisa xadrez de manga curta, e sobretudo não todo sábado à noite.

Sim, eu sei que há conservadores normais, e alguns que até chegam perto de um estado de perfeita coolness - mas cada conservador que aparece de gravata borboleta empurra mil adolescentes para as hostes desgrenhadas do esquerdismo. Se você tem alguma intenção de convencer alguém - seja para o cristianismo, seja para o estado mínimo - não besunte o cabelo! É a primeira lei da retórica, estudada e recomendada por Cícero.

Parte disso vem do fato de que o conservadorismo é uma defesa consciente de coisas que nunca vão ser consideradas cool: monogamia, fidelidade, sobriedade, prudência, formalidade nas relações sociais, respeito. Além disso há o amor a formas tradicionais de arte, pela rima e pela melodia e pelo enredo, pelo figurativismo e por todo tipo de música, dança e costumes antiquados. E é bom que seja assim.

E no caso de cristãos, bom - usamos uma linguagem que sempre vai ser ridícula para ateus, que não podem ouvir a palavra "imoralidade" sem rir. Esse problema é acentuado pelo fato de que os cristãos que mais fazem barulho são filisteus; esse tipo de gente que não compreende que personagens de ficção, ao contrário de gente de verdade, não têm que ser morais, e que aparece em programas de tevê reclamando do adultério que viu na novela, ficando tão excitado no processo que a peruca fica toda torta.

Cristãos que querem fazer a defesa da cristandade têm que aprender a linguagem dos irreligiosos como um missionário aprendendo a língua dos índios. Se você disser "imoralidade", eles riem. Sobretudo se fala cuspindo. Se vai falar em imoralidade, fale de modo urbano, e dê a falsa impressão de que você é alguém sensato com quem é possível, e até agradável, conversar. Não chacoalhe o dedo indicador no rosto da atriz pornô. E cuidado com a dentadura, que está solta. Vamos defender coisas que não são cool e não há solução para isso - mas naquilo que há solução, vamos mudar algumas coisas de uma vez por todas? Como, e lamento tocar no assunto, melhores cortes de cabelo? Porque qualquer discussão é vencida por quem tem o melhor corte de cabelo, daddy-O. E vamos aprender a falar de Cuba sem babar?

Jon Stewart tem um bom corte de cabelo, e George Clooney namora atrizes pornôs - enquanto o típico jornalista de direita usa um combover e provavelmente namora o cadáver empalhado da própria avó. Acordai, povo de Israel! A essa altura, comprar uma boa jaqueta não nos prejudicaria. E principalmente: essa é uma guerra que só vamos ganhar se combatermos piada com piada, ironia com ironia, charme com charme, referência pop sarcástica com referência pop sarcástica, nas praias encharcadas de sangue dos nossos corações e mentes. ●

Deste Mundo e do Outro

VIDAS | MULHERES | SÍTIOS | RELIGIÃO | BLOGUES | FUTEBOL | BOÉMIA | TV | ETC.

Sentados no Sofá

O MÊS DA BOLA

Manuel Falcão

Os resultados de audiências dos três canais generalistas durante o mês de Junho vão ser engraçados de seguir e de estudar: o Mundial de futebol vai subverter a ordem estabelecida. Na altura em que escrevo esta coluna (meados de Maio), as médias desde o início do ano estão neste ponto: RTP 1 com 24,7% de share, SIC com 24,3% e TVI numa liderança tranquila com 32,1%.

A SIC necessita desesperadamente de inverter o ciclo de queda - em Fevereiro perdeu o segundo lugar do ranking e nunca mais o agarrou. Ao comprar os direitos de transmissão do Mundial a SIC apostou no efeito futebol nas audiências - que em momentos diferentes fortaleceram a TVI e a RTP. A SIC vai obviamente ter um bom resultado, está para se ver se alcançará a liderança - mas o mais importante é saber como irá ser o "day after", como é que as audiências vão evoluir no segundo semestre já sem futebol. A SIC tem sido nos últimos anos a estação sem futebol - a TVI assegura a Liga, a RTP os jogos internacionais com equipas portuguesas, a Taça e ainda a Selecção Nacional.

Para um canal que tenha pretensões de liderar, o futebol é um conteúdo indispensável - dá picos de audiência que são preciosos para as médias, é um produto desejável do ponto de vista comercial e pode proporcionar horas e horas de conteúdos à volta dos jogos. Mas não fideliza - é parte de uma estratégia, mas nunca pode ser a estratégia em si. O espectador de futebol - e sobretudo os outros espectadores que estão no mesmo lar - não pensa um segundo em mudar para outro canal no minuto em que o jogo acaba. Por isso é que este mês de Junho vai ser tão engraçado de seguir sentado no sofá. Pela guerra de audiências e para termos uma ideia dos disparates e exageros que se vão dizer à volta do comportamento que a Selecção tiver. Ao contrário do que vai parecer durante o mês de Junho, o país não vai mudar... •

Mulheres à Solta

TRINTA POR CENTO

Rita Barata Silvério

Em Portugal trinta por cento dos deputados serão mulheres por força da lei e da maioria parlamentar. Trinta por cento, que nem é metade, nem chateia demais o cinzentismo de gravata da Assembleia e cala as vozes das feministas, essas gordas histéricas por depilar que exigem disparates como a despenalização do aborto ou a criação de mais creches públicas. Usando os valores do 25 de Abril que tanto jeitinho dão quando a valentia política não chega para mais, os responsáveis pelo desenvolvimento do meu país decidem que desta maneira absurda se resolve "esse problema" que, acham eles, é a dificuldade de acesso da mulher ao Poder. Arruma-se o decreto na prateleira das boas intenções e o país já pode continuar a debater temas de verdade, os importantes, como a falência da Segurança Social ou os filhos que ninguém quer parir, sem que nenhum dos nossos excelsos senhores deputados tenha reparado na ligação uterina desses dois assuntos à mulher.

A metade da população do país, quando não é ignorada, é tratada com pinças, fechada num dossier que se vota, se eleva a categoria de lei e, com muita sorte, salta à imprensa como polémica fugaz. De repente não há mulher decente que se reveja no sistema de quotas, nenhuma quer ser empurrada para o gueto dos desprotegidos. Se somos iguais, porque nos querem tratar como inferiores? Acaso não estudamos, acaso não pagamos impostos e a metade da prestação da casa, da escola, da compra do supermercado, dos jantares nos restaurantes?

O problema é que não somos iguais. A nenhum homem que eu conheça lhe perguntaram numa entrevista de emprego se tinha filhos. E a nossa República, tão masculina, está tão obcecada com o Poder que não teve os tomates para compreender que o que a nós nos tira do sério é não ter as mesmas oportunidades reais que eles. E essas oportunidades reflectem-se nas reuniões da escola, na gestão da casa, na doença dos filhos, como se o ónus da maternidade nos excluísse automaticamente de uma carreira a favor da deles. Eles caçam e nós tratamos da caverna, na esperança que as mentalidades vão mudando com tempo ou algum milagre. Mas as mentalidades também se alteram com a força da lei. A paridade não acontecerá nunca se as mulheres ganham em média quarenta por cento menos por trabalhos iguais. Essas são as percentagens que deveriam importar e não que um terço da Assembleia use saias e tenha que sair mais cedo para ir buscar os miúdos ao colégio. •

O Púlpito

A PRIMEIRA BLASFÉMIA DE MARIA

Tiago Cavaco

A minha filha Maria de dois anos tem por fortuna ignorar o que é o descanso de uma normal manhã de Domingo. Desde as três semanas de vida que a rotina desse dia passa por acordar pouco depois das oito para estar às dez na Escola Bíblica Dominical. Quem leu o Tom Sawyer sabe que a Escola Bíblica Dominical pode ser um sítio muito

mais divertido que a enfadonha e romana catequese. Na Escola Bíblica Dominical aprende-se histórias da Bíblia e canta-se muito. Um protestante sem canto é um protestante sem fé.

Um dos cânticos preferidos da minha filha é precisamente aquele que enaltece a competência pedagógica da Escola Bíblica Dominical. A letra vai assim: "À Escola Dominical eu vou/ São horas já, são horas já/ Aprender de Cristo que nos amou" e por aí fora. Acontece que quando a Maria o reproduz a coisa sai alterada. Por enquanto ela concentra-se apenas na terminação das frases. O suficiente para introduzir nuances semânticas relevantes. A terceira linha na sua versão soa assim: "Aprender de Cristo que nos mamou". Como pai orgulhoso que sou, deparei-me, embevecido, com a primeira blasfémia enunciada pelos infantis lábios da minha menina de dois anos.

Pena é que os manuais de puericultura raramente sensibilizem os pais para os encantos da primeira blasfémia do bebé. Há espaço para as fezes sólidas, os dentinhos, o gatinhar, e os passos mas nada acerca do inaugural insulto à divindade. Também merecia um momento Kodak. Podemos imaginar uns anos depois: "aqui estavas tu, a mamã, o papá e a avó quando nos surpreendeste com a tua primeira objecção à doutrina da Trindade. O trabalho que foi fazer-te deixar o gnosticismo".

O problema de não festejar a primeira blasfémia das crianças é que provavelmtente elas correrão o risco de desejar em adultos aquilo que não lhes foi reconhecido em infantes. Uma criança blasfema é um adulto doutrinado. É essencial reverenciar o valor em causa. Um lar onde não é amamentada a blasfémia é um lar em que qualquer arroto é teologia. Urge separar as águas. Como Moisés no Mar Vermelho. Judeus para um lado, soldados do Faraó para outro.

Qualquer bom cristão deve exibir um coeficiente blasfemo mínimo. Imitando o exemplo do próprio Jesus que viveu escandalizando a pureza doutrinária dos fariseus. Se o cristianismo fosse uma religião exclusiva de ortodoxos não teria passado do primeiro século. A blasfémia é tolerante e compreensiva. Vai até onde a deixam ir. Quando perde a pertinência, arruma as botas e deixa de chatear. Deus a abençoe.

Parte-me o coração ver os filhinhos dos meus amigos enunciarem a sua primeira blasfémia enquanto os pais assobiam para o ar, na esperança do Pastor estar distraído. Não é modo de educar bons cristãos, meus caros, não é modo de educar bons cristãos. ●

Solteirão

FALAR NO PLURAL

Adolfo Mesquita Nunes

Há imprevistos exactos, como se o tempo e o lugar se encontrassem no momento e o espaço certos para desafiar o que ainda resta de nós e nos pusessem de frente para o Sol sem cegar. Não sei se é do calor que entra pela janela aberta ou se é das vozes que gritam esquecidas no andar de cima, mas há algo de secretamente extraordinário a tingir-me o espírito, gota a gota, compassadamente, quase freneticamente. A música nem sequer foi escolhida a rigor mas quase se acomoda ao ritmo das minhas próprias tonturas e enrolo-a nestas letras vaidosas como se tivesse sido eu a compô-la e ela me pertencesse.

Não sei nem quero definir felicidade mas não me impressiona assumir em forma de coluna de solteirão que me sinto feliz. Se abdico dos advérbios, é porque eles não me chegam para escrever e o talento ainda não aprendeu muito mais. Estou tão feliz que seria capaz de desfilar durante horas por entre gente incrédula, lançando as letras que me libertam o espírito e me pedem para ficar, como se ficar fosse o que bastasse para realmente estar. É claro que é amor ou qualquer coisa com pretensão de se arrumar junto dele. E dou por mim a soltar gargalhadas por ter convocado a noção de arrumação precisamente quando é a desarrumação que se instala e estupidamente é abençoada e até saudada.

Já vejo o teu sorriso cheio da razão de quem avisou antecipadamente, como se me conhecesses melhor do que todos os outros e me conduzisses pela mão. Mas tenho de desfazer-te as ironias antes. Não tens razão. É que as coisas não precisam de nomes para existir. Não se deixa de ser pedra só porque se altera o nome para planta. Não se deixa de perseguir a alteridade e de falar no plural só porque se recusou o derradeiro e certeiro compromisso, que convida a desígnios insustentáveis e se insurge contra o destino. Desculpa-me, mas a eternidade desconfia demasiado da generosidade dos sentimentos e exige certidões e comprovativos sujeitos a imposto de selo que não me apetece oferecer. Não preciso nem tolero diplomas atestando o que ninguém poderá nunca roubar de mim. Não cabe a qualquer terceiro aceitar ou rejeitar o que está por detrás do meu olhar ou de que fala a minha pele. Não tens razão, desculpa. As minhas promessas partem de mim, cá de dentro. Eu trato das minhas e tu tratas das tuas. Sabendo disso, a coluna segue como dantes. Solteirão na mesma. Ou quase. ●

Mãe Galinha

VOLTA VASCO GRANJA, ESTÁS PERDOADO

Inês Teotónio Pereira

Uma das profissões que mais admiro é a de educadora de infância: este é um trabalho que exige vocação, assim como ser padre ou médico. Fico sempre com um bocadinho de remorsos quando lhes entrego os meus filhos logo de manhãzinha. E fujo: "Tomem lá, agora amanhem-se". Só pelo barulho daquelas salas, as educadoras deveriam receber o mesmo que um gestor público. Além disso, existe a dificuldade inerente à profissão: o que fazer com mais de 20 crianças durante oito horas seguidas?

Os meus filhos, graças às lojas dos chineses, à minha falta de senso, ao Natal e aos anos, têm os quartos atulhados de brinquedos com ou sem pernas, sem rodas, rasgados, incompletos, etc. A maioria das vezes não sabem o que fazer com a vida, com o tempo e com os brin-

À Esquerda

D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES (1906-1989)

Bruno Cardoso Reis

Posso dizer do invicto bispo do Porto o que a actriz Ingrid Bergman respondia quando a interrogavam sobre Bogard (com quem tinha famosamente contracenado em Casablanca): "beijei-o, mas nunca o conheci!" Tinha eu poucos anos, e passeando-me portanto inocentemente algures pelo Norte com o meu tio-avô - um velho liberal, apoiante de Delgado -, ficou-me gravado o seu encontro com o dito prelado, com quem falou, e que eu então beijei, mas não conheci.

Os historiadores têm problemas com celebrações: a história é crítica, não festa. Mas D. António, há cem anos nascido, teve o cuidado de nos dispensar destes cuidados. Deixou clara a vontade de entregar à investigação crítica a sua vida, e particularmente o famoso conflito com Salazar nos idos de 1958. Foi o que tentei fazer num (outro) texto desapaixonado sobre este caso que abalou o Estado Novo, apesar da minha simpatia pela posição do prelado portuense. Ele não precisa, nem encomendou, fretes hagiográficos.

O que D. António merece é que o leiam. As suas homilias do dia da paz, por exemplo, são poderosas reflexões para os tempos que vivemos. As perguntas fundamentais estão lá todas. Quais são os limites da legítima defesa? Pode haver verdadeira paz sem justiça, mas também sem reconciliação? Até onde vai o dever de ingerência em nome da defesa dos fracos e injustiçados? D. António tem fama de difícil. Na verdade é um grande prosador, com toques antiquados (até pelos latinismos excessivos para o uso corrente), mas que lhe aformoseiam a expressão e nada retiram da sua força. O que domina é a actualidade do que escreveu há décadas, como tantas vezes sucede com os que foram vistos na sua época como perigosos desalinhados.

D. António foi um liberal integralmente católico e um católico intransigentemente liberal. Significativamente, no congresso que discutiu D. António neste seu centenário, esse foi o tema adoptado por mais de um conferencista; nomeadamente por João Carlos Espada, que o aproximou de Tocqueville e Berlin. Ainda antes de ser bispo, quando era reitor do seminário do Porto, escreveu D. António nas paredes do Vilar esta máxima para os futuros padres: "De joelhos diante de Deus. De pé diante dos Homens!" Não se pode dizer que não avisou. Não se pode negar que tenha cumprido. Afirmava o bispo a Salazar na famosa carta: "toda ou quase toda a ideologia prática da Situação [...] [é] que o homem não quer pensar ou realizar-se politicamente [...]. Ora a Igreja não pode impor esta doutrina a ninguém, decerto nunca a seus filhos. Esta negação da livre e honesta actividade política é também uma política; apenas, má política."

D. António nunca recusou, portanto, a política de que tanto mal se diz em Portugal. Aos que o criticavam por misturar religião e política, respondeu que havia católicos que lhe diziam que "seguiriam o Dr. Salazar de olhos fechados, [mas] o bispo preferia que o fizessem de olhos abertos." Sempre rejeitou, note-se, a apropriação do catolicismo para fins politiqueiros de esquerda ou de direita; ou a tentação do confessionalismo, da Igreja assenhoreando-se do governo. Mas também não cedeu ao conforto da sacristia, para que todos os cultos do Estado procuram empurrar a religião, sejam eles jacobinos ou salazaristas. Como cristão e bispo foi conciliador e provocador, foi moderador e profeta, apelou à reconciliação e denunciou a injustiça. O que concluir de tudo isto? Não foi, não é fácil. O preço, neste caso, incluiu dez anos de exílio. Mas, mesmo longe da pátria, D. António nunca aceitou resignar e resignar-se.

quedos que Deus e eu lhes demos. Perante esta inércia que acaba sempre em lutas ou em cima de mim, vamos brincar. E é nestas alturas que eu mais me lembro das educadoras.

É preciso muita imaginação, muita energia e uma dose cavalar de paciência para fazer um puzzle com uma criança de três anos. Ou então é imprescindível ver todos os desenhos animados para perceber os nomes dos bonecos e o enredo das histórias que eles inventam e põem em prática.

Tenho quase a certeza que o mal das crianças deste século não é a televisão, mas sim os brinquedos: são completos demais e absolutamente perfeitos. Uma quinta é mesmo uma quinta, com feno, pessoas, lagos, cavalos, galinhas e até ovos. Perante uma quinta destas o que é que se faz, além de uma bela exposição? Não há qualquer hipótese de brincar com uma coisa tão completa, ou ainda se perde uma ovelha.

Não há criança nenhuma que se mascare de Robin dos Bosques: compra um na loja dos chineses. Até existem balizas a sério para pôr nos jardins em substituição das tradicionais pedras. Por isso é que as crianças não se sabem entreter e não brincam sozinhas, sem a ajuda de um adulto. Os pais já não dizem "vai brincar", porque eles ficam a olhar para nós com cara de parvos. É imprescindível especificar: "Já passaste o nível quatro do jogo do Chiken Little? Então vai lá tentar que eu já chamo para jantar".

A verdade é que eles vêem e cobiçam os anúncios de brinquedos, os brinquedos dos amigos e as montras das lojas e quando têm não sabem o que fazer com coisas tão reais. Para que havemos de fazer uma casa na árvore (o sonho de qualquer criança) se se pode comprar uma casinha impecável em qualquer AKI perto de nossa casa? E as nossas crianças, como não têm de inventar nada, sentam-se sensatamente em frente à televisão. Eu teria feito o mesmo se não fosse o Vasco Granja e os seus bonecos animados búlgaros e checoslovacos. Não tive outra alternativa. ●

Livro Aberto

ESQUECEU-SE DE VIVER

Bernardo Pires deLima

L. tinha uma vida simpática. Levantava-se tarde, tomava o pequeno-almoço na pastelaria do costume e por volta do meio-dia sentava-se em frente ao computador. Tinha rotinas tão mecanizadas que nelas não encai-

xavam nuances de qualquer tipo. Seria uma afronta aos seus trajectos diários, à sua "performance intelectual". Ele não era um "ser desviante". Mesmo que já se tenha "desviado" umas quantas vezes na vida em proveito próprio. Quem o conhece bem - cerca de três estranhos indivíduos -, acha-o o máximo. Um mouro de trabalho em "prol da cultura". L. Escreve. Fala. Fala e escreve. O quê? Tudo. Assuntos vários, desde a intransigência do Gabão ao "imperialismo" ocidental, até ao pénalti mandado à trave pelo "pelo homem com "h" grande" Edivaldo, ex-Infesta. L. fala e escreve sobre tudo isto e muito mais.

É difícil definir que profissão tem, mas L. só às vezes se importa com isso. Quando, lá no jornal, precisa de dizer ao que vem por questões de "(e) leitorado". Nas horas vagas, L. acha conveniente ir ao noticiário das oito. A televisão - embora o faça mais velho, dogmático e rezingão -, ajuda-o a vender mais uns volumes e a angariar uns quantos rabugentos para a sua "causa", todos (claro está) muito cansados "com o actual estado das coisas".

L. não tem sentido de humor. Leva-se muito a sério. Não é de agora. É aborrecido vê-lo no écran. Já nem se percebe porque ainda lá anda, até porque L. é absolutamente feio para nos entrar em casa à hora do jantar.

Nas crónicas é diferente. Tem algum talento, algum dele, julga-se, arrancado de "outros". Sim, porque o "outro" vai dando algum jeito ao sinuoso percurso intelectual de L., sobretudo em alturas de maior aperto. Segredos que convém não desvendar, até porque é aqui que reside todo o mistério que o circunda, todo o "glamour" que, de atoarda em atoarda, lhe confere um campo de acção alargado. Assim se fez um homem. Perfeitamente legítimo, diga-se. L. tem tempo para tudo isso. Até para a escrita esotérica quando lhe falta o que dizer. Leia, leia mais, meu caro. Mesmo sabendo que os seus púlpitos estão garantidos ou que o trabalho de casa não foi feito por si.

L. não é feliz. Nunca o foi. Esqueceu-se até hoje de "viver". A escrita por vezes prega-nos estas partidas.

O Marialva

ENTRE AS PERNAS O TAMANHO CONTA

Rodrigo Moita de Deus

Quando fui ao stand buscar a Burgman, uma scooter tipo executivo, fizeram uma aposta: três meses! Três meses e voltava para trocar de mota. Por ali conhecem-me de nome e de feitio. Achavam que eu não ia aguentar. Conhecem-me mal, achava eu. Sou gente cheia de mim, pouco dado a preocupações com a imagem.

A scooter tipo executivo é confortável, segura e ideal para um pai de família a circular dentro da cidade. Tem ainda a vantagem de não estragar os sapatos. Mas gerir esta imagem é coisa bem mais bicuda do que me parecia.

Na estrada somos discriminados, ultrapassados sem cortesia, buzinados nas filas de trânsito e até se ouvem graçolas a nosso respeito: "tira lá o aspirador da frente!". E a coisa piora quando vamos engravatados. Um tipo de fato numa África Twin é um "ganda maluco", mas se for numa burgman é um "ganda maricas". Nem o nome ajuda. Burgman, para quem não sabe falar estrangeiro, traduz-se por homem burgês. "Com que então uma scooter? Deves ter medo de estragar os sapatinhos ò menina". Para complicar ainda mais, os outros motards olham-nos com desprezo. Acham que somos uma espécie de betos em duas rodas sem capacidade de arranque. Que não há virilidade entre as nossas pernas. Que a coisa fraqueja em auto-estrada.

Homem que é homem só pode chatear-se com estas coisas. Eu chateio-me especialmente. A minha última mota dos tempos de marialva solteiro era uma XX 1100. Grande, preta e linda. Um íman de gajas e respeito. Entre o capacete e o blusão a fazerem toilette com a carenage, todos prestavam vassalagem ao rei da estrada. Cumprimentavam-me com deferência nos semáforos, saltavam para a berma contrária quando me viam pelo espelho e vinham venerar a máquina quando a encontravam parada. Três segundos e qualquer coisa aos cem. Sete aos duzentos. Isso sim era potência e tudo o resto no meio das pernas é conversa. Gajas, os outros, todos.

E agora, dois filhos, uma burgman e vinte quilos depois, um homem acaba com o vizinho a chama-lo de "florzinha". Dá por ele e chega a casa com a neura de lembrar o tempo e a potência que já passou. Sim. Eu sei. Sou gente cheia de mim, pouco dado a preocupações com a imagem. Mas tudo tem limites. A mota durou três meses. Comprei outra, maior. A maior que lá havia.

Vida Académica

BEN-HUR E CHIMSKY

Henrique Raposo

A minha Páscoa tem dois sinónimos: "Ben-Hur" e putos. Enquanto vejo o filme, grito com a rapaziada. Gritos diversos. "Deixa lá de frescura! A tabuada é fixe". "Não, o livro não é para queimar, Joana". "Pois, mas 'Saturno' não é apenas o nome do cão do vizinho". Quando o filme chega à frase lendária - "Hate keeps a man alive; it gives him strength" - já eu ensinei um monte de crianças a afiar o lápis (parece que já não se escreve) e já toda a gente sabe quem é Pessoa, Eça e Sena (não, não ensino rios e serras). E, sim, o ódio em relação à escola portuguesa continua a manter-me vivo.

Estas crianças não aprendem nada nas aulas. Aliás, desaprendem. E, talvez ainda pior, não recebem qualquer tipo de educação em casa. Mandam as avós à fava. Questiono as mães sobre o porquê deste apocalipse geracional. "Ah, sabes, na escola dizem que não se deve repreender". Começa aqui o problema que rebenta da faculdade: a criança é um santo intocável. Educar. Repreender. Ensinar. Tudo acções que violam estes pequenos Émiles.

Este ano, depois do "Ben-Hur", fui até ao café. Por lá, encontrei primas e primos mais velhinhos. Se as crianças vivem na barbárie do estado natural, estes adolescentes já vivem

num estado de imbecilidade. São uma tribo à parte. Dialogam (grande eufemismo, diga-se) naquele estranho dialecto da SMS. E dizem-me que até já podem escrever assim nos testes da escola. Pergunto se os professores não os emendam. "Sim, mas não nos podem chumbar, por isso é na boa!". Uma casta de intocáveis, portanto. Não há nada a fazer. Mostrei bandeira branca. "Ensinem-me lá a escrever com 'k' no lugar do 'que'".

Mas a vida dá grandes voltas, mesmo em linguagem SMS. No meio daquele caos sintáctico, uma santa priminha comenta que o professor de História está sempre a dizer que "a gente tem de ler um tal de Chimsky". Passou-me pela cabeça a seguinte dúvida: será que todo o secundário é um campo de experiências do BE? Mas não quis chatear a minha santa prima e, acima de tudo, não quis interferir no crescimento eleitoral da agremiação. Disse apenas que não é Chimsky mas Chomsky. "Ah, pois, é isso mesmo". Depois de um breve silêncio, a criatura voltou à carga. E de forma divina: "Lá na escola estão sempre a falar do fascismo. Esse Chomsky é dos tais fascistas, primo?". Santo momento. É nestas alturas que ponho em causa o meu ateísmo. Se calhar, o Tipo existe mesmo e tem esta estranha forma de fazer justiça. "Sem dúvida, minha querida, Chomsky é um grande fascista. E o teu professor também". O ódio mantém um gajo desperto, mas é o humor que lhe dá razão. •

A Serra e a Cidade

PREGO NO PARTO

Nuno Amaral Jerónimo

Na cidade onde moro a maternidade vai encerrar e o povo saiu à rua para protestar. Obviamente, não me juntei à turba. Na realidade, considero boa ideia fechar todas as maternidades do interior e deixar ao litoral essa desvantagem de aturar as grávidas e as suas crianças.

Para começar livramo-nos logo de longas filas de espera por causa de uma prioridade sexista que põe as grávidas à frente de toda a gente, apenas pela insignificância de trazerem um bebé dentro da barriga. Se fosse apenas pelo critério do peso ou pelo tamanho do abdómen, muitos homens ocupariam o primeiro lugar dessas filas. Eu próprio deveria ter prioridade sobre uma grávida de, digamos, 13 semanas e 4 dias.

Depois, as grandes cidades, já que têm coisas que aqui não há, que fiquem também com bebés todos a fazer barulho no mesmo local. Juntar todas as cordas vocais acabadas de sair dos úteros maternos em escassas dezenas de metros quadrados é muito bem capaz de transformar o mais pacato cidadão num bombista suicida que se faz explodir na ala de obstetrícia. E atentados são coisa para metrópoles de relevo, não para pequenas cidades no sopé das serras.

Ao mandar fechar maternidades o governo está realmente a ajudar o interior. Espero que Sócrates não ceda às pressões populares das senhoras que querem parir perto de casa. O interior precisa de aumentar a produtividade. Para já, pode-se começar por afastar factores de desorientação dos trabalhadores como sejam os desejos caprichosos das grávidas ou o banzé dos seus petizes, enviando as parturientes e as crias durante uma temporada para o litoral ou para Espanha, regiões mais desenvolvidas e capazes de suportar estas forças de bloqueio produtivo. •

Bola Quadrada

CINCO HISTÓRIAS

Francisco Triqo de Abreu

Por cortesia da Casa Fernando Pessoa e do seu entusiasmante novo director, Francisco José Viegas, tive o prazer de assistir a uma palestra dedicada à literatura sobre futebol. Do debate, rico, inteligente e humorístico, ficou-me a ideia que o futebol se divide entre fanáticos e espectadores. Ambas as categorias têm grandes méritos. Jesus Cristo, por exemplo, era espectador. O escritor portista Álvaro Magalhães contou a história de um jogo entre católicos e protestantes em que Jesus festejou o golo católico e o subsequente empate protestante. Um fanático perguntou-lhe porque é que festejava golos de duas equipas diferentes. Jesus explicou que, sendo quem era, apoiava as duas equipas. O espectador tirou a conclusão que Jesus era ateu. Ou seja, espectador. Durante o debate, percebeu-se que o jornalista Ferreira Fernandes é da mesma cepa do filho de Deus. O seu olhar de ângulo fechado dá mais valor à memória do primeiro negro a mandar numa equipa europeia de brancos - o senhor Coluna a mandar no Benfica - do que às cores deste ou daquele clube. O professor universitário Ivan Nunes também alinha pela mesma equipa: impressiona-se mais com a diáspora de Marcelo Marcolino do que com as façanhas do Sporting. Sublinhe-se que Marcelo trocou uma favela do Rio de Janeiro pelas desoladas e distantes paisagens das Ilhas Faroe. Objectivo: jogar no B68 de Toftir, uma cidade de mil habitantes no arquipélago que se encontra entre a Islândia e a Escócia. Já este que vos escreve assume-se como fanático. Identifiquei-me com a história do humorista Ricardo Araújo Pereira que confessou, em público, a forma como aprendeu a segurar as filhas recém-nascidas: visualizou mentalmente a forma como José Águas segurou a Taça dos Campeões e utilizou a mesma técnica.

Emocionei-me ainda mais com outra história de Álvaro de Magalhães. Este contou que foi ver a final da Liga dos Campeões entre o Porto e o Mónaco. Os dois amigos com quem se deslocou à Alemanha abraçaram-se no primeiro golo, deixando-o órfão de afectos. Voltou-se para o lado e abraçou-se a outro portista que não conhecia de lado nenhum. No segundo golo o episódio repetiu-se. No terceiro, o novo amigo tinha desaparecido. Mais tarde, explicou-se: "Sabe, fui à casa de banho e saí mesmo a tempo do golo. Você não estava, mas encontrei lá em cima outro portista e abraceime a ele". Definitivamente sou fanático. Só vejo alguns dos meus melhores amigos de quinze em quinze dias e já estou a sofrer com a certeza de que não os verei nas próximas semanas. Tenho saudades dos abraços na fila 5 do sector A 26 do Alvalade XXI. E das lágrimas. •

Almada Connection

O SPLEEN DE PARIS

Tiago Geraldo

Parece que estamos condenados à repetição, à irrelevância. Há por aí um perfume de tédio. No rebuliço da cidade, discussões sobre o destino da pátria, elogios ao povo palestiniano, uma botoaria sem fim. Discussões iguais, pessoas iguais. Uma igualdade que é sempre cruel e idiota. Uma igualdade que dá vontade, sei lá, de falar alemão e invadir a Polónia.

Estes sentimentos sem expressão vão tomando a forma de uma vaga incompatibilidade. Numa conversa, ouço esta bonita proposição a meu respeito: que sou arrogante e quero dar nas vistas. Nenhuma novidade. Mais de uma vez tenho ouvido que me atormenta uma certa sobranceria menosprezadora. Modestamente, singelamente, reconheço razão à verve acusadora. A minha arrogância

Eu hoje acordei assim

LINCAR, DESLINCAR, RELINCAR, AUTOLINCAR

Carla Hilário Quevedo

Relincar é uma coisa muito linda, mais linda ainda do que lincar. Relincar significa reconciliar-se com o blogue deslincado (por razões afectivas ou prosaicas) e garante choradeira por "e-mail". Trata-se de voltar a incluir na lista um blogue que, por qualquer razão, se deslincou

Existem quatro verbos essenciais à execução do frenesi bloguístico: lincar, deslincar, relincar e autolincar. À excepção do quarto - autolincar - todos se referem a formas de relacionamento com outros blogues e respectivos autores. O linque (em inglês, "link") é uma espécie de elo a outro blogue; ou seja, uma maneira de comunicar, de tocar no ombro de outro blogueador e de lhe sussurrar ao ouvido: "Olha, estou aqui e quero dizer-te que também gosto muito de sopa no Verão". É também para isso que os blogues existem: para que as pessoas possam voltar a conversar umas com as outras. Mas vamos ao que interessa: os quatro verbos terminados em -ar.

Comecemos pelo verbo lincar ou estabelecer uma ligação, através de um meio técnico muito simples, que consiste em associar o blogue com o qual pretendemos "falar", a uma palavra ou frase no nosso próprio blogue. Assim, quando o leitor clica nessa palavra ou frase, é de imediato direccionado para o blogue-receptor. Quanto maior é a sala de "chat" blogosférica, mais necessidade têm os blogues de estabelecer ligações, pois será a única possibilidade de serem lidos por pessoas que não façam parte do seu círculo familiar ou de amizade. Um blogue sem lista de linques - a menos que seja antigo e que faça parte de outras listas de blogues muito visitados - não terá muitos leitores. Há pessoas (assim, de repente, não me lembro do nome de nenhuma) que nas suas listas de linques fazem questão de não incluir blogues com discursos anti-semitas, paranóicos e de extrema-esquerda. Há pessoas (tenho de ver se arranjo um exemplo, a sério) que abominam blogues que têm por hábito colar-se ao registo de outros blogues, que sejam atabalhoados, má onda e cujos autores tenham o descaramento de escrever frases como: "Defendo a luta armada" ou "Tenho muito mau feitio". Depois há pessoas (entretanto passaram três horas e continuo sem me lembrar de ninguém) que preferem blogues individuais, mas que também gostam de blogues colectivos; que gostam de blogues femininos, masculinos, híbridos e que têm uma verdadeira tara por blogues irracionais; que pensam que a vida na blogosfera não vale a pena sem lincar blogues com boa onda, bem escritos, actualizados com frequência, amor e entusiasmo e que ensandecem sempre que encontram algo original, inovador e sério.

Quando um blogueador deslinca - apaga um certo blogue da lista - pode estar a querer dizer: "Desculpa lá, mas não só não quero falar contigo, como não te quero ler". É chato, é desagradável e é fundamental. As pessoas (tantos blogues e logo quando se precisa de um mísero exemplo...) deslincam por duas razões: afectivas e prosaicas. Há pessoas que deslincam porque se sentiram maltratadas com um linque qualquer (na palavra errada ou com o tom errado) vindo de um blogue da sua lista. Como é que se esclarecem as coisas com um absoluto estranho? "Next!" Mas o que fazer com os blogues que acabam? Há pessoas (caramba, que não há meio...) que ficam piegas com a idade e a quem começa a custar muito deslincar os blogues que terminam a sua actividade. O que fazer, por exemplo, com blogues interrompidos como O Acidental, Casmurro, O Espectro? Ainda não tenho solução para o problema. Ah, também há pessoas (será um bloqueio de blogueador ou um blogueio de bloqueador?) que deslincam sem dramas porque o blogue não ata nem desata, é pouco actualizado, não tem pedalada.

Relincar é uma coisa muito linda, mais linda ainda do que lincar. Relincar significa reconciliar-se com o blogue deslincado (por razões afectivas ou prosaicas) e garante choradeira por "e-mail". Trata-se de voltar a incluir na lista um blogue que, por qualquer razão, se deslincou. E assim acontece uma perfeita e sólida reconciliação entre pessoas que nunca se viram. Uma coisa é certa: blogue relincado fica na lista para toda a vida. Até porque não se aguenta tanta emoção.

Para terminar, noventa e seis palavras sobre o autolinque. Por autolinque entenda-se o acto de lincar "posts" do próprio blogue. O autolinque é uma prática muito acarinhada pelos blogueadores mais zelosos do seu bloguezinho. Autolincar é um modo de organização excelente, bem como de se fazer entender, porque se estabelece uma relação entre "posts" aparentemente autónomos. É como tocar no ombro do leitor e sussurrar-lhe ao ouvido qualquer coisa do género: "Já disse isto em Maio de 2003, mas como não te deves lembrar, vai lá ler o que escrevi nessa altura". Insuportável e absolutamente irresistível. ●

deu-ma esta insensata mania de fugir a catálogos e convenções, de arriscar uma piada sobre o Ministro sem esperar julgamentos morais e de achar ingenuamente que a ironia ainda se tolera e compreende.

A parada sobe e a coisa não melhora. Nas mesas em que se fala da indispensável cultura, uma pessoa senta e pasma naquela redoma de mutismo e mau humor. Entre pensamentos alternadamente eloquentes e abstractos, um desejo insofrido de superioridade mora ao lado de uma incompreensão apoteótica e homicida da vida. A esta confraria dedicou Eça longas páginas no seu romance. Eles chamam-se Dâmaso de Salcede e são chics a valer.

Eu, que aspiro a uma existência egoísta, gozos materiais e beleza feminina, acho que tudo seria melhor se houvesse uma data de gente decente, que, para começar, não exigisse muita atenção nem se levasse muito a sério. Para além do inescapável cinismo, feito de sorrisos amarelos e acenos forçados, é este o segredo do verdadeiro bem-estar social. Um mundo em que, por vezes, as pessoas consigam tirar a gravata e botem faladura inteiramente pelo prazer de falar, em que nada do que dizem se supõe ser ouvido. Um mundo em que, deprimidos ou não, continuemos a ir à praia, a rir e a chorar. Sem medo do ridículo. •

Vinte e Um

DEUS

Bruno Alves

Bem sei que as notícias da morte de Deus, muito em voga na modernidade, são manifestamente exageradas. Mas o facto é que não existe grande proximidade entre Deus e a juventude de hoje, pese embora a omnipresença do primeiro. Como, aliás, o leitor poderá ter constatado pelas reacções (trocistas ou indiferentes) à (muito empolada e mal explicada) "actualização" dos actos pecaminosos pelo Vaticano. Não é que os jovens não acreditem no Senhor. Acreditam. Apenas não concordam com ele (a incompatibilidade dessa opinião com a Sua omnisciência escapa-lhes por completo). Deus considera que não se deve cobiçar a mulher do próximo. Pois o jovem discorda. Considera que os tempos são outros. Cobiça qualquer mulher, seja próxima, seja a mais distante das celebridades.

A minha relação com Deus é ainda mais distante que a dos meus companheiros de geração. Talvez por Deus se sentir melindrado pelo facto de não acreditar na Sua Existência. Mas gostava que fosse diferente. Gostava de acreditar Nele. Acima de tudo, por receio. De que Ele exista. E que eu acabe por ser castigado pelo meu cepticismo. Dizem-me que não tenho de me preocupar. Que Deus não castiga um ímpio, desde que ele viva de acordo com a Sua lei. E de facto, levo uma vida virtuosa. Mas como essa condição é involuntária, devendo-se mais à inteligência feminina do que à minha escolha pessoal, temo não colher os frutos da minha boa conduta. Poderei sempre, dizem-me, fazer o que os outros fazem. Converter-me, perto do fim da vida, just in case. Mas o Senhor certamente se aperceberia (e puniria) da minha tentativa de o ludibriar.

Como o caro leitor poderá ver, a aparição do meu nome no Púlpito do Tiago Cavaco no mês passado não poderia nunca ser mais que um equívoco. Estou, infelizmente, condenado a levar uma vida sem Deus. Infelizmente, porque a vida, sem Ele, faz tão pouco sentido como, para mim, a Sua existência. Resta-me, por isso, rezar para que não esteja enganado. Mais vale uma vida sem sentido que a eternidade no Inferno. •

Sítios de Culto

A MINHA RUA

Pedro Marques Lopes

Tenho de admitir que a minha rua não tem nada de especial. Chama-se Borges Carneiro e é uma rua de Lisboa com carros a mais e árvores a menos. Por ser larga e estar localizada num ponto razoavelmente elevado da cidade tem aquela luz que desperta o meu fortíssimo provincianismo quando estou longe de Lisboa. O que faz da minha rua um sítio bastante conhecido e até mediático, é dia sim, dia também, aparecer em todos os telejornais. Mesmo ali ao lado fica a residência oficial do primeiro-ministro e as manifestações de agrado (não me lembro de nenhuma em 20 e tal anos) ou de desagrado pela sua actuação, fazem-se do lado de cá. Queria aproveitar, aliás, esta ocasião para esclarecer os diversos manifestantes que a esmagadora maioria dos moradores da minha rua não trabalha para o Governo e não concorda com todas as decisões de todos os Governos. Cara senhora da indústria da lavagem da empresa X, não sou eu que lhe quero tirar o posto de trabalho; caro cidadão de Canas, concordo inteiramente com a criação do concelho (apesar de não saber onde fica a sua belíssima terra); operárias da Fistil, estou convosco.

Esta vizinhança tem alguns efeitos colaterais bastante curiosos. Um deles tem a ver com a educação das crianças "filhas" desta rua: ao contrário de outras que começam por chamar o pai ou a mãe, as nossas iniciam-se na linguagem verbal com uns sonoros "Trabalho sim, desemprego não" ou "Direito ao Aborto". Ao contrário também de outras, as nossas crianças proferem as primeiras palavras acompanhas por um violento abanão do punho esquerdo ou direito.

Desengane-se o leitor: não recebemos subsídio pelo dinheiro gasto em psicólogos com os filhos ou por a rua estar infestada de cartazes com os mais variados dizeres, nem por termos de deixar o carro a dez quilómetros de distância porque a rua está pejada de manifestantes.

Temos, porém, as nossas vantagens. A primeira é, sem dúvida, a Sra. Dona Irene que religiosamente me deixa os jornais na soleira da porta logo de manhãzinha e que me reforça o número de jornais desportivos quando o meu F.C. Porto ganha ou se "esquece" dos mesmos nas raras ocasiões em que perde. Claro está que os jornais são um luxo e para sabermos as mais diversas novidades bastaria uma pequena conversa com a Dona Irene.

A outra instituição é o "Chefe" onde depois de comer as mais deliciosas empadas de galinha do Universo e de ouvir o lindíssimo riso da Rosa, as manifestações parecem comemorações da vitória do Porto na Liga dos Campeões. Pesando bem os prós e os contras, a minha rua é a melhor do mundo. •

Crónica Boémia

A SETA QUE ILUMINA A SAÍDA

Alexandre Borges

É acerca do jogo. Não é sobre outra coisa qualquer, este impulso genético do noctívago. Tal qual os outros homens, ele fez-se oficialmente cínico com a maioridade. Estavam lá, em cima da secretária: o cartão de eleitor, a carta de condução, a licença para o cinismo. Ter lido Kant depois de Tomás d' Aquino não ajudara, mas ele teria lá chegado de uma maneira ou de outra. Não havia como continuar a acreditar na verdade de homens e mulheres. Mas sem remorsos. A relação com o outro não deveria já partir desse pressuposto, mas, divertindo-se no jogo de meias verdades e ilusões, chegar o maior número de vezes possível a um empate, uma igualdade, uma equivalência.

Já levava três capítulos esta crónica e ainda não tínhamos falado, em rigor, sobre a boémia, a noite mitificada ao ponto de parecer menos real que a vida de todos os dias. Ou melhor, os copos.

Os copos são a confissão da mentira. Tudo é assumidamente falso e seleccionado: as roupas, os comportamentos, a escolha dos lugares, os movimentos, as vozes, os temas de conversa e o tom com que são tratados. É mais honesto. Ao contrário das manhãs em que todos, debaixo do uniforme de trabalho, colocam um rosto de metal e o olhar em diante como se de nada precisassem e soubessem muito bem para onde ir, à noite, ninguém se preocupa em esconder que precisa de ser salvo.

No fim de contas, "that's what it's all about": solitários à procura de se perder noutros corpos. A escuridão ajuda a esconder o que não se quer mostrar e é mais fácil resolver-se a incomunicabilidade vitalícia com que fomos condenados à nascença. É um pacto, um tratado de paz: eu não fingirei que sou de verdade; será óbvio que tu estarás a passar-te pela melhor pessoa que consegues ser. Sem qualquer risco de decepções (até porque, ao contrário do dia, há setas a iluminar a saída).

Porque, afinal, donde quer que se olhe, não há verdade nenhuma. E, mesmo que houvesse, não faltariam, decerto, melhores candidatos que os homens à sua organização. Coisas mais constantes como as árvores ou as pedras. Para já não falar das máquinas. •

Cinéfilo

CRISE, QUAL CRISE?

Nuno Sena

As últimas notícias sobre a frequência cinematográfica em Portugal não são animadoras para os nossos distribuidores e exibidores. Parece que no primeiro trimestre de 2006 se registaram menos 700 mil entradas pagas nas salas de cinema nacionais do que no mesmo período do ano anterior (o qual já não tinha sido famoso). Esta quebra do consumo cinematográfico nas salas portuguesas e das respectivas receitas traduz uma tendência europeia e mundial que dá sinais de estar aí para durar.

Ao mesmo tempo que se constata o declínio do modelo tradicional de exploração do negócio do cinema em sala, verifica-se o crescimento sustentado dos mercados de venda/aluguer de DVD e de assinatura de canais especializados em cinema na televisão por cabo, já para não falar nos florescentes mercados paralelos do DVD pirata e do download ilegal, que prometem ser a grande dor de cabeça das multinacionais de distribuição (podendo repetir-se a catástrofe que se abateu sobre a indústria discográfica de há meia dúzia de anos para cá). A verdade é que, por muito que nos custe (e aos cinéfilos confessos custa mesmo alguma coisa), o cinema já não está só, nem, sobretudo, onde sempre nos habituámos a vê-lo: numa sala perto de nós. Mas isto não significa que a popularidade do cinema, seja como objecto cultural elitista ou como meio de entretenimento de massa, não continue elevada, apesar das vozes dos profetas da desgraça que, logo a partir do final dos anos 50, foram anunciando que o cinema morreu (o que, está provado, é manifestamente exagerado). Não há grande novidade nisto. Para não ir mais longe, basta lembrar a explosão do vídeo doméstico em Portugal que, na década de 80, levou ao encerramento de largas dezenas de salas de cinema pelo país fora, ao mesmo tempo que abriam muitas centenas de videoclubes. Com o devido upgrade técnico da troca do VHS pelo DVD ou pelo ficheiro mpeg qualquer coisa, poderemos estar a assistir a um remake do que se passou há vinte anos.

Pode o cinema sobreviver a mais este choque tecnológico e continuar a ser visto em grande ecrã? Claro que sim, basta pensar como, num só aparente paradoxo, a produção mundial de filmes atinge novos picos ano após ano e se multiplicam e crescem os festivais de cinema, em Portugal como em todo o lado. Mal comparado, passa-se com o cinema algo de semelhante ao que se passou com a televisão a partir da década de 90. A fragmentação de audiências ditou o declínio da televisão generalista vista por uma imensa maioria e a necessidade de uma progressiva especialização dos canais de TV. Se é um facto incontestável a pouco saudável e cada vez maior dependência de Hollywood do incerto retorno trazido por meia-dúzia de caríssimos blockbusters anuais, também é verdade que se assiste simultaneamente a uma crescente diversidade da origem geográfica dos mais interessantes filmes produzidos em cada ano e à progressiva afirmação de um modelo de cinema, dito independente, de pequeno orçamento mas por vezes com grandes ideias. Pelo menos enquanto esse cinema for fazendo o seu caminho até às salas, a crise promete continuar a passar ao lado da renovação da arte cinematográfica (embora bem perto do seu comércio...). Abaixo o mainstream, vivam os nichos! •

Melómano

DJ AMUADO

Nuno Costa Santos

Eu sei: as pessoas só gostam daquilo que já conhecem. Vamos pela primeira vez a Tóquio e passamos o dia a mastigar os pastéis de bacalhau que levamos no tupperware, enroladinhos nos guardanapos do Lidl de Xabregas. Eu sei: as pessoas só batem o pé no chão ao ritmo de uma canção depois de esta ter passado umas 43 vezes no rádio a pilhas da casa de banho. Eu sei: as pessoas só querem voltar às melodias que as fizeram felizes - no quarto, na praia, no bar de alterne de província. Mas caramba: convém, de vez em quando, fazer o esforçozinho de abanar a anca ao som de musiquetas nunca dantes escutadas. Em nome da saúde das cachimónias.

Falo por experiência própria - uma curta mas esclarecedora experiência de DJ de umas festarolas e de melancólico frequentador de outras. Se o Comandante Supremo da Forças Musicais (vulgo DJ) não passar o hit da jornada ou aquele-tema-que-nos-fez-sonhar-quando-éramos-adolescentes-e-achávamos-que-o-clube-dos-poetas-mortos-era-o-melhor-filme-do-mundo, a populaça dançante fica paradinha na pista, a olhar - furibunda, colérica, irada - para o autor da extravagância. Como se este merecesse Abu Ghraib ou a Praça da Alegria.

Sabemos isso: não há arte mais demagógica do que a do deejaying. Mas - que diabo! - até para o populismo, esse delicioso exercício, há limites. O bitoque é bom. O ovo a cavalo também. A cervejola está fresca. Mas há mais pratalhadas para provar na lista. Há peixinho acabado de pescar. Aperitivos preparados com talento e esmero. Há vinhaças daquelas, com odores e sabores requintados. Que - não se julgue o contrário - também dão vontade de saltitar e fazer sapateado como se não houvesse amanhã. Que fazem uma festa. Basta que as almas se abram a uma coisinha tão singela: a curiosidade. Basta que as bocas se deixem seduzir pelo apetite. Basta ir ao comício sem querer repetir os slogans da praxe.

E, já que estamos nas tascarolas da demagogia, aqui vai uma jogada no género: somos um povo de descobridores. Ou por outra: somos um povo de bisbilhoteiros - de cuscas. Temos uma natural vocação (e obrigação) para abrir os nossos festivos ouvidos a sonoridades menos badaladas e reconhecíveis. Os Clash e os Blur são fixes. Mas também há os Art Brut. Os Spoon. Os Rapture. Os The Go! Team. A rapaziada do "The Sound of Young New York". Tudo gente que merece o emprego que tem. Vá, toca a dançar. Se não amuo. Faço birra e amuo. Grito ao microfone: "Rebenta o jogo!". E vou emborcar gins para casa.●

O Economista

A RAIZ DO MAL

Duarte Padez

Perguntem a quem quiserem. Mas o gozo é maior, quando se pergunta a um gestor ou a um estudante de Gestão. Num inquérito, à pergunta "consegue definir Gestão?", a resposta incluía quase sempre divagações sobre a própria palavra "Gestão". Portanto, para estes "profissionais" da coisa, gerir é assim algo, meio confuso, que inclui normalmente "a Gestão"(!)...

Engraçado também é o facto de cada interlocutor ter a sua própria ideia de Gestão. Cada um diz sua coisa. Será que a Gestão pode ser tantas coisas diferentes? Não é que isso seja mau em si mesmo. Na realidade, cada um de nós sabe o que é gerir. Pelo menos empiricamente. Todos nós temos que gerir, no nosso dia-a-dia, mesmo que não saibamos a definição "correcta".

No entanto, esta indefinição de "o que é a Gestão?" é mais grave para quem tem responsabilidades. Particularmente a responsabilidade de gerir. Se, para um gestor profissional é grave não saber o que é a Gestão, podemos considerar que, mesmo assim, pode saber gerir? Na maior parte dos casos, não sabe. Em Portugal a Gestão (a todos os níveis) é fraca porque os gestores nunca pararam um segundo para pensar no que significa gerir. Alguns, poucos, mesmo não sabendo, gerem bem. Acreditem, são casos isolados. Senão não estávamos tão atrasados. Senão não eram cometidos tantos erros.

A origem do nosso descalabro colectivo passa também por aqui.

Mas, será assim tão complicado saber, de facto, o que é gerir? O mistério adensa-se...

Gerir, muito simplificadamente, passa por Planear, Executar, Controlar e voltar ao início. A principal característica da Gestão é a sua iteratividade. Gerir é obrigatoriamente um processo. Interminável em muitos casos.

Uma dona de casa não sabe a definição e, no entanto, consegue gerir o seu lar. Por exemplo, tem que preparar todos os dias as refeições para a família. Começar por Planear o que vai ser a refeição. Fazer uma lista dos ingredientes necessários. Ir comprá-los à praça. Voltar para casa. Executar a refeição. Pôr as coisas na panela ou no forno. Esperar algum tempo de confecção e depois Controlar, provando para ver como está o sabor. Tem sal? Corrigir e provar outra vez. Assim, sucessivamente até estar saboroso. Parece fácil? Gerir é só isto... Se as donas de casa o fazem, porque é que os gestores profissionais portugueses (a todos os níveis) não conseguem? Porque é que os Portugueses gerem mal? Por não saber a definição? Não parece...

O português típico não gosta de Planear. Passa logo à fase de Executar. Planear é para "meninas". Homem que é Homem passa logo à acção! Esta é nossa forma de ser, latina, que desvaloriza a capacidade prospectiva em detrimento do improviso. Se somos bons no improviso é porque não planeamos nada. E, se não planeamos, como podemos nós saber se aquilo que fazemos está de acordo com o plano inicial? Como podemos nós corrigir o que quer que seja? A forma portuguesa de Gestão oblitera duas fases, em três, do processo de Gestão. Brilhante!

Por exemplo, a Expo 98, que nos encheu de tanto orgulho, custou o dobro do que poderia ter custado. Pior: foi feito metade do que poderia ter sido feito. Tudo por uma aversão natural e visceral ao planeamento. Ainda assim, gritámos, no fim, "Portugal! Portugal!"

Queixamo-nos de quê? Só se for de nós próprios.

Gestão?

Perguntem aos Talones, aos Mexias, aos Horta e Costas, aos Granadeiros. Perguntem a qualquer "gestor" privado. Perguntem ao primeiro-ministro, perguntem a qualquer governante, perguntem a qualquer "gestor"-público. Iam ter uma grande surpresa.●

Figuras de Estilo

POR FRANCISCO MENDES DA SILVA

LAPO ELKANN
O ÚLTIMO DOS FAMOSOS PLAYBOYS INTERNACIONAIS

A Democracia foi uma invenção maravilhosa, mas talvez se tenha ido longe demais. O que terá corrido mal para que a alguém ocorresse um dia a ideia perniciosa de que a rotatividade governativa e a universalização do voto só funcionariam com um cerco à aristocracia enquanto "cosa mentale"? Era mesmo necessária esta tabloidização dos comportamentos, esta marxização das consciências? Serão mesmo os palestinianos intrinsecamente melhores pessoas que os israelitas? Haverá de facto em Almada mais gente honesta e trabalhadora do que na Linha do Estoril? Isto é afinal como nos vendem nas telenovelas? Como se chegou até aqui? Muitos culpam os revolucionários do costume. Mas Napoleão não era o bárbaro córsego que Wellington pintava e existe mais nobreza nas cabeças rolantes de Robespierre do que no ressentimento confiscatório dos engenheiros sociais que nos governam. Seja como for, a vulgaridade é onde vivemos. Passeamo-nos de chinelo na cidade, frequentamos em rebanho os mesmos pronto-a-vestir, os políticos decidem consoante a turba que se mostrar mais ruidosa, os ricos cultivam um recato asceta e, não fosse um legitimador literário da agenda política da tropa alegre, até já Óscar Wilde - o patrono dos pavões esclarecidos - tinha sido retirado das prateleiras (e Nöel Coward, onde o esconderam?).

Felizmente, quando já nem as famílias reais são exemplo para quem quer que seja (Alberto desacelerou no trono e os Windsor mais novos parecem empenhados em conseguir um dia viver no desconforto em que viviam os súbditos dickensianos da avó Victoria), é bom sabermos que teremos sempre a Itália para nos salvar do enfado moderno. Existem coisas em que, realmente, só ela mantém a compostura. Houve o burlesco dos anos Berlusconi. E agora, mais recomendável a quem queira comprar veículos em segunda mão, há Elkann, Lapo Elkann.

Em Outubro último, Il Giornale titulava com perversidade o choque dos italianos: "Um Símbolo Caiu No Pó". A expressão idiomática correcta em português seria "Um Símbolo Caiu Por Terra". Mas a palavra "polvere" é essencial para perceber a ironia. Lapo Elkann, 28 anos, "jet-setter" campeão do empreendorismo, da elegância e do hedonismo, neto predilecto de Gianni Agnelli, o fundador da FIAT e da mais reconhecida dinastia quasi-real da Europa, fora levado inconsciente para o hospital depois de uma noite no "bas-fond" de Turim que envolveu um cocktail insensato de álcool, heroína e cocaína, partilhado com três prostitutas transexuais em casa de uma delas, Patrizia, que de dia se chama Lino (não consta que seja da Madragoa).

Os Agnelli são ciclicamente comparados aos Kennedy. Pelo poder, pela influência, pela riqueza e pela natureza trágica do clã. Referindo apenas os últimos anos, em 1997, faleceu Giovannino, o sobrinho a quem seria entregue a liderança do império familiar, afectado por uma forma rara de cancro; em 2000, Edoardo, filho de Gianni, atirou-se de um viaduto, acabando com uma existência dedicada às drogas e às religiões orientais (passe o pleonasmo).

Se o fim daquela noite tivesse sido o mesmo, não seria nada a que os Agnelli e a Itália não estivessem habituados. Mas a tristeza seria maior. Assim como com John-John e JFK, quando os italianos olham para Lapo, filho de Margherita Agnelli e do escritor e jornalista Alain Elkann, é ainda em Gianni que pensam. Tudo foi herdado. A fleuma, a perspicácia nos negócios, a inclinação mulherenga, o quotidiano maior do que a vida, os amigos influentes e até os fatos vintage à medida, lentamente desaparecidos de casa do Avvocato.

Depois de uma passagem fugaz por Nova Iorque, onde foi assessor de Henry Kissinger, o melhor amigo do avô, este coloca-o no departamento de relações públicas e marketing da FIAT. O poiso é o retiro habitual dos herdeiros inconvenientes e imprestáveis, mas em Lapo nada é normal. Com uma marca no pior período financeiro da sua gloriosa história, apresentou um plano de recuperação da imagem que em pouco passava pelo negócio automóvel e em tudo pela exaltação do valor essencial da FIAT: o italianismo. E a verdade é que a proliferação de cafés, camisolas ou sapatos de ténis com a tricolore e o logo FIAT dos anos 30 (ostentados diariamente por Lapo) levou a uma nova notoriedade que, em última análise, acabou por vender muito mais automóveis.

No fundo, a extravagância de Lapo Elkann é viver no tempo errado, em que as virtudes do avô Gianni não têm lugar. Em que a diferença é desaconselhada e os endinheirados incentivados a esconderem as posses e a viverem como eremitas. A responsabilidade dos ricos não é só criar empregos. É também, para bem de todos, a de viver publicamente como ricos. Não subestimemos a importância social da inveja.

Roteiro Atlântico

POR ALAÍDE COSTA

SEMINÁRIOS | CONGRESSOS| CONFERÊNCIAS | LANÇAMENTOS

Em Destaque

Fórum Gulbenkian Imigração, Migração e Políticas de Desenvolvimento no quadro da CPLP

06 de Junho [09h30] - Rumo a Políticas Migratórias favoráveis ao Desenvolvimento: as contribuições das diásporas

[10h40] - Migração e desenvolvimento num contexto regional: O caso da CPLP

[14h30] - Migrantes para o desenvolvimento: o capital humano das diásporas e o papel da integração efectiva em Portugal como um recurso para o desenvolvimento nos países de origem

[16h15] - Migrações: informação, dados e formulação de políticas - o papel da informação nas abordagens políticas ao desenvolvimento nos países de origem e acolhimento

A promoção de um conhecimento mais aprofundado das dinâmicas das relações entre os Países de Língua Portuguesa e as suas Diásporas, no quadro da CPLP, e o papel das emigrações no desenvolvimento quer dos seus países de origem, quer nos países de acolhimento, são alguns dos objectivos do Seminário Migração e Políticas de Desenvolvimento no quadro da CPLP.

António Vitorino; Brunson McKinley (Org. Internacional para as Migrações); Rui Vilar (Fundação Calouste Gulbenkian); Rui Marques (ISCTE), serão alguns dos intervenientes.

Local: Fundação Calouste Gulbenkian
Av. de Berna, nº45 1067-001 Lisboa
Organização: Fundação Calouste Gulbenkian
Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano
Tel. +351 217 823 202
e-mail: forum.imigracao@gulbenkian.pt
(www.gulbenkian.pt)

Migrantes Subsarianos na Europa

23 de Junho [10h00] - Imigração Subsariana na Europa: efeitos na origem

[11h50] - Imigração Subsariana na Europa: efeitos na Europa

[14h30] - Workshops temáticos: Participação Cívica e Segundas gerações pós-coloniais (a decorrer em simultâneo)

[16h10] - Workshops temáticos: Produção cultural e Género e integração (a decorrer em simultâneo)

As migrações estão, hoje, na agenda política, particularmente na Europa. Podem ser consideradas um enriquecimento para as sociedades cosmopolitas que emergem com a globalização? Ou constituem-se como enquistamentos particulares pouco susceptíveis de integração? Estas são questões que este Encontro Internacional se propõe a responder.

Com Victor Borges (MNE Cabo Verde); Asistide Zolberg (New School for Social Reasearch - Nova Iorque, EUA); David Justino (ex-Ministro da Educação; FCSH - UNL); Marco Martiniello (Universidade de Liège, Bélgica); Mies van Niekerk (Universidade de Amesterdão, Holanda); entre outros.

Local: Tagus Park - Parque de Ciência e Tecnologia
Núcleo Central 100 2740-122 Oeiras
Organização: SociNova Migration
Tel. +351 217 970 928
e-mail: socinovamigration@fcsh.unl.pt
(www.socinovamigration.org)

Seminários

2º Ciclo de Seminários de Investigação em Ciências da Comunicação

01 de Junho [18h30] - Ficção Nacional: a emergência de um novo paradigma televisivo

Catarina Burnay (FCH, Univ. Católica Portuguesa)

Local: Univ. Católica Portuguesa
Edifício João Paulo II, Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Organização: Centro de Estudos de Ciências da Comunicação, Univ. Católica Portuguesa
Tel.+351 217 214 000
e-mail: rlopes@fch.ucp.pt
(www.ucp.pt)

Seminário de Antropologia do ICS

02 de Junho [15h00] - Widening local worlds in West Africa

Richard Fardon (Dept. Anthropology and Sociology, University of London, Inglaterra)

Seminário de Sociologia do ICS

23 de Junho [15h00] - The Politics of life in the 21st century - notes for a research agenda

Nikolas Rose (London School of Economics, Inglaterra)

Seminário de Investigação do ICS

29 de Junho [18h00] - O Conceito de Bem Público

João Ferreira de Almeida (ISCTE); Renato Leça (IUPRJ, Brasil)

Local: Instituto de Ciências Sociais
Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, nº9 1600-189 Lisboa
Organização: Instituto de Ciências Sociais, Univ. de Lisboa
Tel.+351 217 804 700
e-mail: instituto.ciencias.sociais@ics.ul.pt
(www.ics.ul.pt)

Seminários Ambiente e Saúde

09 Junho [09h30] - O estado do ambiente na Europa: perspectivas para a água e a saúde

[11h15] - Água e saúde na Europa: tarefas para o futuro

[14h30] - Água em Portugal: uma perspecti-

va de saúde
[16h30] - Água em Portugal: uma perspectiva ambiental
Roger Aertgeerts (European Centre for Environment and Health); Jock Martin (Agência Europeia do Ambiente); Joaquim Poças Martins (Faculdade Engenharia, Univ. do Porto); entre outros.
Local: Fundação Calouste Gulbenkian
Av. de Berna, nº45 1067-001 Lisboa
Organização: Fundação Calouste Gulbenkian Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano
Tel. +351 217 823 202
e-mail: forum.saude@gulbenkian.pt
(www.gulbenkian.pt)

Seminários NIPE/Departamento de Economia
14 de Junho [16h00] - The Impact of the 35 Hours Mandate in France on Employment and Job Satisfaction: Evidence from a Natural Experiment
Filipe Golçalves Sá (MIT, EUA)
Local: Escola de Economia e Gestão, Univ. do Minho
Campus de Gualtar 4710-057 Braga
Organização: Escola de Economia e Gestão, Univ. do Minho
Tel. +351 253 604 510
e-mail: sec@eeg.uminho.pt
(www.eeg.uminho.pt)

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA

Seminário Internacional sobre Secas
29 de Junho [09h30] - Sessão de Abertura
[09h45] - Caracterização das Secas
[11h30] - Mudanças na vulnerabilidade às secas
[15h00] - Experiências internacionais
[17h00] - Ferramentas institucionais e comunicação social
[18h30] - Sessão de encerramento
Rui Machete (FLAD); Rui Rodrigues (Instituto da Água); Daniel P. Loucks (Cornell University, EUA); Arie Issar (University of Negev, Israel); entre outros.
Local: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento
Rua do Sacramento à Lapa, nº21 1249-090 Lisboa
Organização: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento
Tel.: +351 213 935 800
e-mail: fladport@flad.pt
(www.flad.pt)

Conferências

Ciclo de Conferências "Novos desafios para o Direito Português"
05 de Junho [21h30] - Novos desafios para o Direito Português
Augusto Lopes Cardoso (Lopes Cardoso & Associados)
Local: Univ. Católica Portuguesa, Campus da Foz
Rua Diogo Botelho nº1327 4169-005 Porto
Organização: Faculdade de Direito, Univ. Católica Portuguesa - Porto
Tel.+351 226 196 200
e-mail: info@porto.ucp.pt
(www.porto.ucp.pt)

Ciclo de Conferências Fórum Gulbenkian de Saúde 2006/07
08 de Junho [18h00] - Água e Saúde na Europa
Roger Aertgeerts (European Centre for Environment and Health); Viriato Soromenho (European Environment and Sustainable Development Advisory Councils); Luís Veiga da Cunha (Univ. Nova de Lisboa)

Comemoração do Cinquentenário da Fundação Calouste Gulbenkian
21 de Junho [18h00] - A Ciência e a Cidade: o mercado
António Câmara (Univ. Nova de Lisboa); Gustavo Cardoso (ISCTE); Filipe Araújo (Fotógrafo, Documentarista)
Local: Fundação Calouste Gulbenkian
Av. de Berna, nº45 1067-001 Lisboa
Organização: Fundação Calouste Gulbenkian
Tel. +351 217 823 000
e-mail: info@gulbenkian.pt
(www.gulbenkian.pt)

I Ciclo Anual - Jovens Cientistas Sociais
14 de Junho [17h00] - Trânsitos, Percepção e Modernidade: Alucinogénios no Portugal contemporâneo
Luís Almeida Vasconcelos (ICS, Univ. Lisboa)
Local: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Univ. de Coimbra
Colégio S. Jerónimo 3000-401 Coimbra
Organização: Centro de Estudos Sociais da FEUC
Tel.+351 239 855 589
e-mail: ces@fe.uc.pt
(www.ces.uc.pt)

Ciclo Relações Internacionais
19 de Junho [19h00] - O Público decide: A China aspira ao Império
Intervenientes a definir
Local: Almedina Atrium Saldanha - Atrium Saldanha loja 71, 2º Piso Praça Duque Saldanha 1050-094 Lisboa
Organização: Livraria Almedina
e-mail: geral@almedina.net
(www.almedina.net); Instituto Português de Relações Internacionais (www.ipri.pt)

III Ciclo de Conferências do CEFi
23 de Junho [18h30] - A Filosofia da Saúde em Portugal e na Galiza
António Braz Teixeira (Univ. Autónoma de Lisboa)
30 de Junho [18h30] - A Filosofia e Teologia no Pensamento Português
Pinharanda Gomes (CEFi, UCP)
Local: Univ. Católica Portuguesa
Edifício João Paulo II, Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Organização: Centro de Estudos de Filosofia, Univ. Católica Portuguesa
Tel.+351 217 214 127
e-mail: cefi@ucp.pt
(www.ucp.pt)

encontros arrábida 2006

Encontros da Arrabida 2006
26 e 27 de Junho - A Índia e a União Europeia
Coordenação: José Esteves Pereira (Inst. Português de Relações Internacionais)
Local: Convento da Arrábida
Apartado 28 - 2925 Azeitão
e-mail: arrabida@foriente.pt
Organização: Fundação Oriente
Tel.: +351 212 197 620
(www.foriente.pt)

Lançamentos

08 de Junho [18h30] - Debate sobre Livros: Ética e Contrato Social de João Lopes Alves
Miguel Galvão Teles; José de Sousa e Brito
Local: Livraria Ler Devagar, Rua da Barroca nº57 1200-047 Lisboa
Organização: Centro de Filosofia das Ciências, Univ. Lisboa
Tel. +351 217 500 000
e-mail: cfculc.ul.pt
(www.fc.ul.pt)
19 de Junho [20h00] - Revista "Relações Internacionais" nº10 ●

(ALAIDERAMALHOCOSTA@GMAIL.COM)

Viagem

No meio da Europa

Henrique Burnay, em Estrasburgo

De um lado é França, do outro a Alemanha, mas nem sempre foi assim e nota-se. Na arquitectura, no nome dos lugares, na memória das batalhas. Nestas margens do Reno, onde se cruzaram tantas guerras, está muita da História da Europa

Quase todas as guerras da Europa foram aqui, ou passaram por aqui. Talvez seja um exagero dizê-lo assim, mas é verdade dizer que quase todas as maiores guerras da Europa - e em que quase nunca participámos - se passaram aqui ou tiveram tropas que passaram por aqui. Pelas defesas romanas ao longo do Reno, através das muralhas celtas, durante a Guerra dos trinta anos, no tempo da primeira e da segunda Guerras Mundiais. A lista é longa e o resultado visível nas obras, nos restauros, nos estilos que se sucedem e, sobretudo, nos nomes dos lugares. Por mais que se esforcem, os franceses não conseguem que "Strasbourg" soe a francês. E no entanto é, e também é uma das sedes do Parlamento Europeu por isso mesmo, porque é o símbolo da paz - mais da Alemanha posta em sossego do que da paz, eventualmente, mas na Europa do século passado guerra e Alemanha pareciam demasiado sinónimos.

A parte nova da capital da Alsácia fica quase fora da cidade. O edifício onde agora o Parlamento Europeu reúne uma vez por mês - uma construção de vidro em forma de torre inacabada, como a de Babel - é bonito, mas raramente tem vida. À volta, o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, que parece a sede de uma agência espacial, e o Conselho da Europa, um bunker feio, completam os edifícios que fazem de Estrasburgo uma das capitais da Europa. Mas o mais bonito é o que já ali estava há mais tempo.

Venha-se de onde se vier, vai-se directo à praça da Catedral, atravessando os canais que fazem do centro da cidade, classificado como Património Mundial da Humanidade, quase uma ilha. Construída com pedra cor-de-rosa trazida dos Vosges, as montanhas ali ao lado, bem que se pode perder uma hora só a observar o trabalho da fachada, os detalhes, a face de Cristo, os corpos dos apóstolos, os santos, as cenas da Bíblia e acima, a enorme cúpula gótica de 142 metros de altura. À volta, a arquitectura tipicamente alsaciana, tectos inclinados, fachadas às cores, vigas de madeira escura atravessadas em todas as direcções, desalinhadas, como se todo aquele conjunto pudesse desabar a qualquer instante. Casas e casas assim, na praça da Catedral, na Petite France, à beira dos canais. E por todo o lado, impossível escolher o restaurante. Há centenas, quase todos bons, todos caros. Mande-se vir jambonneau com choucroute (que por acaso também se diz Eisbein mit Erbsen und Sauerkraut). Coma-se muito e beba-se, vinho tinto do Reno ou riesling, o branco que é produzido nas mesmas margens. Depois, há um bar, Les Aviateurs, onde há quem jure já ter visto Deputados Europeus estrangeiros a dançar em cima do balcão, e o nosso Pacheco Pereira, com os pés no chão, evidentemente.

Estrasburgo é uma cidade tipicamente francesa. Tirando o nome, a arquitectura alsaciana que lembra mais a Alemanha, e a história - a cidade só em 1681 é que se submeteu a França, trinta e três anos depois do Trata-

Viagem

do de Westfalia, que entregou a Alsácia aos franceses - tudo o resto ali é francês: a arquitectura à volta da cidade velha, as lojas de sabonetes e velas com cheiros, as de roupa, as livrarias, as de iguarias várias, como os doces de pétala de rosa, sempre com montras cuidadas e preços esticados. E, claro, com manifestações de gente vinda dos subúrbios no ano passado, ou jovens estudantes com pânico do futuro, há umas semanas atrás.

Quando passa o frio, os cisnes que há ao longo dos canais quase fazem pose para a fotografia, e as árvores de copa quadrada - calma, é apenas um truque de poda - estão de novo verdes como todas as outras. Aqui a Primavera nota-se. Todas as Estações se notam. Quem faça frequentemente as estradas aqui à volta vê as Estações passar. A partir de Setembro as folhas vão mesmo ficando amarelas e encarnadas, depois caem, as árvores ficam vazias, gelam com o frio até parecerem estátuas de gelo, e ganham novas formas no tempo da neve, sobretudo quando ela se começa a derreter, até que recuperam a vida. Como nos livros da escola diziam que a mudança das Estações era.

Para sul, e sempre do lado de cá do Reno e da fronteira - que é a mesma coisa -, fica este bocado da França que parece germânica. Do lado de lá fica a Alemanha indubitavelmente alemã. Dos dois lados correm duas estradas paralelas e por ambas seguem todos os camiões que unem o Mar do Norte e o Mediterrâneo, fazendo destas umas das vias mais movimentadas de toda a Europa. Para além da paisagem em volta, deste vale com florestas e vinhas, vale a pena olhar o trânsito, ver os camiões que passam, ininterruptamente, com matrículas alemãs, francesas, holandesas, italianas, belgas, portuguesas, inglesas, polacas, carregados de tudo e não apenas de produtos alimentares, material de construção e produtos importados. Há uma economia com escala europeia que navega estas auto-estradas, como antes navegou o Reno. Não é por acaso que Estrasburgo se apresenta como "le carrefour de l'Europe". O meio da Europa é aqui. Por isso mesmo, foram tantas a guerras que cruzaram estes caminhos. E por isso, também, um passeio por aqui é, ao mesmo tempo, uma lição da História dos outros e da nossa. Há qualquer coisa em nós que nos faz muito pouco europeus. E essa coisa é o facto de sabermos que a Europa é por aqui, nestes vales, nestas montanhas, nestes rios, nestas batalhas, nestes povos. Depois dos Pirinéus.

Colmar é o destino de quem sai de Estrasburgo para sul, atravessando a Alsácia. Pelo meio ficam várias terras, todas repetidas, todas bonitas. Uma porta de entrada que servia de defesa, uma rua principal, casas com as fachadas coloridas e as vigas de madeira à vista, flores nas janelas, garrafas de riesling à venda em Riquewihr, uma praça bonita em Obernai, cruzes a invocar a Paixão de Cristo ao longo de uma estrada que cruza quilómetros de vinha. E no fim, então, Colmar, que é tudo isso em grande, atravessada por canais, cheia de ruas coloridas, com esplanadas abertas assim que deixa de fazer frio.

Mais ou menos a meio da viagem, o castelo de Haut-Koenigsburg, tão no cimo de uma encosta com vista para todo este vale que em dias de nevoeiro mal se vê cá de baixo, advinhando-se apenas. Com um nome assim não é difícil imaginar que, mais uma vez, houve um tempo em que esta construção em pedra cor-de-rosa não foi francesa. Na verdade houve muitas vezes, desde que foi construído no século XII até ao início do século passado quando o Imperador Guilhereme II anexou a Alsácia e a vizinha Lorena e o mandou restaurar. Isto depois do lugar já ter sido restaurado por causa das barbaridades cometidas pelos civilizados suecos, que também andaram por aqui durante a Guerra dos trinta anos.

A sul de Colmar, Basileia, sede de uma das melhores feiras de arte contemporânea do mundo, sempre em Junho, e cruzamento de terras onde, muito provavelmente, está o único aeroporto de onde se sai directamente para dois países. Pela direita entra-se na Suiça, pela esquerda, em França. À Alemanha chega-se quando se entra na estação de comboios.

Nesta Europa sem fronteiras, muitas vezes é difícil perceber quando é que mudámos de país. De volta a Norte, saindo de Estrasburgo para Este, é só depois da segunda ponte que se entra na Alemanha, numa terra sem graça nem nome memorável, apenas um lugar onde há hotéis. Daí, segue-se para norte, numa auto-estrada gratuita e sem limite de velocidade durante poucas dezenas de quilómetros. À direita, Baden-Baden, cidade estância termal e casino, terra onde a Europa do século XIX passava o Verão, um lugar que podia, ao mesmo tempo, ser Sintra e Petrópolis. Verde, muito verde, com um rio que a atravessa, ruas de peões, alemães velhos com ar saudável, gente nova a passear, um enorme jardim e atrás, o casino. Aqui não há máquinas, moedas a tilintar, luzes brilhantes nem neons. A sala do casino de Baden-Baden é um lugar onde a palavra elegante ganha utilidade. Sóbria, apesar dos dourados, silenciosa, apesar do movimento das roletas, da voz dos croupiers, viciante, como qualquer lugar onde se pode perder ou ganhar. E, ainda assim, tranquila, muito tranquila.

A sul de Baden-Baden fica o norte da Floresta Negra, uma terra cheia de árvores, densa, verde, escura, fria. Segue-se então a estrada em direcção a Mummelsee, um pequeno lago glaciar já perto dos mil metros de altitude. Um lugar frio e vazio, onde o ar tem aquela transparência que só os sítios frios no alto da montanha conseguem ter. Sendo ainda Inverno, encontram-se alguns lugares onde se pode fazer ski, se não, por alturas da Páscoa - a melhor para estas andanças -, os jardins das casas à beira d[illegible] estão enfeitados com ovos às cores pendurados nas árvores ou no[illegible] tos das janelas. E, claro, aqueles anões de jardim horrorosos de q[illegible] um alemão consegue gostar. Alguma coisa aqui havia de ser feia. ●

Confissões

Maria Filomena Mónica

LIBERDADE

Nada e criada num país onde, acima de tudo, se valorizava o "respeitinho" pelos superiores, cedo percebi que o meu destino seria o de uma rebelde. Como disse Tocqueville, quem não nasceu para servo considerará sempre a liberdade como o bem supremo

Aparentemente, os chamados valores tendem a surgir em tríades. Depois da salazarista, chegou a hora de olharmos a revolucionária, que alberga os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Nada e criada num país onde, acima de tudo, se valorizava o "respeitinho" pelos superiores, cedo percebi que o meu destino seria o de uma rebelde. Ainda não fizera sete anos e já sentia que o espaço do Parque Eduardo VII não era suficiente para respirar como queria. Durante a adolescência, a luta contra a autoridade familiar agravou-se, comigo a insistir, diante de uma mãe renitente, que me competia determinar o rumo da vida. Na realidade, quem, melhor do que eu, podia definir o caminho que me conduziria à felicidade?

Ao longo dos tempos, a liberdade tem sido entendida de diversas formas. Para os indivíduos influenciados pelo Salazarismo - e ainda existem por aí múmias exibindo essas marcas -, a liberdade acabava invariavelmente na licenciosidade e, facto menos notado, embora dela se reclamasse, a oposição ao regime tão pouco a valorizava. Até que um dia, veio a Revolução dos Cravos. Sob uma retórica que proclamava a liberdade sem nela acreditar, as águas turvaram-se. Hoje, é tido como liberal qualquer crítico de um governo de esquerda, embora, no dia seguinte, possa vir a apoiar um governo intervencionista de direita. Ora, a um verdadeiro liberal, interessa menos quem chefia o Executivo do que a concentração do poder. Num país onde, a uma série de revoluções de esquerda se sucederam monotonamente golpes de direita, os portugueses jamais tiveram oportunidade de observar uma forma liberal de poder, ou seja, um regime cujo Executivo tivesse diante de si reais limites. Em Portugal, todos os sectores políticos sonham com a transformação da sociedade através do Estado. Ergo, não houve, não há, liberalismo. Ou, se quiserem, ainda não há.

Ao contrário do que se pensa, o conceito de liberalismo nasceu à esquerda. Basta recordar a Magna Carta, redigida no século XIII, com a sua famosa cláusula "Nullus liber homo" - "Nenhum homem livre deverá ser detido ou encarcerado [...] excepto por intermédio de um julgamento legal feito pelos seus pares ou por intermédio da lei da nossa terra. A ninguém venderemos, a ninguém vedaremos [...] o direito e a justiça" - para nos apercebermos da sua origem. As palavras impostas ao rei João pelos barões ingleses, em 1215, propunham-se restringir o arbítrio do monarca. Nos países influenciados por este gesto passou a haver, na vida dos indivíduos, fronteiras que nem o rei poderia ultrapassar.

Muitos anos se passaram antes que, em França, surgisse a Declaração dos Direitos do Homem, de 26 de Agosto de 1789. Esta legou-nos uma nova definição de liberdade. Nascida no seio de um terramoto político, a formulação francesa acabou por degenerar no Terror. Isaiah Berlin explicar-nos-ia, dois séculos mais tarde, existirem dois conceitos de liberdade: o negativo, ligado ao mundo anglo-saxónico, que se refere à limitação da interferência do poder na vida individual; e o positivo, associado à Revolução Francesa, que pressupõe uma concepção diferente. Para os revolucionários, uma vez que nem todos os homens eram "racionais" - muitos viveriam sob o peso de ideias reaccionárias - a elite política teria de encaminhar as massas populares, se necessário à força, em direcção à liberdade.

A diferença entre os dois conceitos tem implicações políticas: o negativo (o bom) pretende limitar toda e qualquer autoridade, enquanto o positivo (o mau) deseja tão só que o poder mude de mãos. Infelizmente, os portugueses importaram de França a noção de liberdade, o que não quer dizer que tenham necessariamente de viver em ditadura. Mesmo em França há outra tradição, representada por pensadores como Voltaire, Constant e Tocqueville, que, essa sim, pode ser designada como liberal. Ora, como o último escritor afirmou, quem não nasceu para servo considerará sempre a liberdade como o bem supremo. É a melhor receita que conheço para se evitarem os desvios autoritários. ●

GRUPO BPN

Agora, há um terminal
que lhe cobra
menos pelas suas vendas.

Ao aderir ao sistema de pagamento automático Netpay, está a escolher a solução mais competitiva e com mais vantagens para o seu negócio. As vantagens começam logo com o preço de instalação e com as taxas de comissão por transacção, que são as mais baixas do mercado. Estes já são dois bons motivos para disponibilizar este Serviço aos seus Clientes. Além disso, ao optar pelo Netpay, tem a garantia de instalação do Serviço, dispõe de uma tecnologia avançada e adequada às suas necessidades e também de uma assistência personalizada e permanente. Como vê, há vários motivos para que o Netpay seja o terminal feliz.

Fale connosco hoje mesmo · 707 782 211 · www.netpay.pt

MasterCard · MasterCard Electronic · Maestro · VISA · VISA Electron

rede net pay

o terminal feliz

Cliente Frequente

CONFIE NO BANCO QUE LHE QUER BEM

Seja Cliente Frequente do Millennium bcp e beneficie de:

- Dois cartões de crédito
- Dois cartões de débito
- Transferências para familiares
- Assistência médica em casa
- Seguro de responsabilidade civil
- Manutenção da conta

Apenas 6€* por mês

*Sujeito a Imposto do Selo

Millennium bcp

A vida inspira-nos

www.millenniumbcp.pt

707 50 24 24